

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS

**KAROLINE CONCEIÇÃO DA SILVA CARDOSO**

**SER E PARECER: A MODA FEMININA COMO SÍMBOLO DE TRANSGRESSÃO  
EM CASTELA (SÉC. XV)**

ALFENAS/MG

2024

**KAROLINE CONCEIÇÃO DA SILVA CARDOSO**

**SER E PARECER: A MODA FEMININA COMO SÍMBOLO DE TRANSGRESSÃO  
EM CASTELA (SÉC. XV)**

Objeto de Aprendizagem apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História Ibérica (Mestrado Profissional) da Universidade Federal de Alfenas, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História Ibérica.

Orientadora: Prof. Dra. Adriana Vidotte

ALFENAS/MG

2024

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas  
Biblioteca Central

Cardoso, Karoline Conceição da Silva.

Ser e Parecer: A moda feminina como símbolo de transgressão em Castela (séc.XV) / Karoline Conceição da Silva Cardoso. - Alfenas, MG, 2024.

133 f. : il. -

Orientador(a): Adriana Vidotte.

Dissertação (Mestrado em História Ibérica) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, 2024.

Bibliografia.

1. Moda Medieval. 2. Gênero. 3. Castela. 4. Tratado. 5. Revista. I. Vidotte, Adriana , orient. II. Título.

Karoline Conceição da Silva Cardoso

**SER E PARECER: A MODA FEMININA COMO SÍMBOLO DE TRANSGRESSÃO EM CASTELA (SÉC. XV)**

O Presidente da Banca Examinadora abaixo indicada assina a aprovação da Dissertação apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: Ensino e Pesquisa de História Ibérica.

Aprovado em: 23 de fevereiro de 2024.

Profa. Dra. Adriana Vidotte  
Presidente da Banca Examinadora  
Instituição: Universidade Federal de Goiás (UFG-GO)

Profa. Dra. Flávia Galli Tatsch  
Instituição: Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP-SP)

Profa. Dra. Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne  
Instituição: Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG-PB)



Documento assinado eletronicamente por **Adriana Vidotte, Usuário Externo**, em 12/03/2024, às 22:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unifal-mg.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unifal-mg.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1210274** e o código CRC **53170E92**.

*Para aquela estudante universitária, que em 2015,  
não desistiu do curso de História.*

## AGRADECIMENTOS

Alcançar este momento é muito significativo, representa um marco na minha vida pessoal e profissional. Não poderia começar sem agradecer a Deus pelo dom da vida e pela possibilidade a mim concedida de concluir mais uma etapa. Foi Ele quem me sustentou e me capacitou a superar cada etapa dessa jornada. A Ele todas as honras e graças, sempre.

A minha família é e sempre foi parte fundamental de toda a minha jornada acadêmica. Mãe e pai, sou imensamente grata por ter nascido em um lar onde, apesar das limitações materiais, não me deixou faltar amor, estudo e estímulo. Obrigada dona Divina e seu José por acreditarem em todos os meus sonhos e a me ensinar a manter a fé em mim mesma. Expresso também a minha gratidão a todos os meus irmãos, grandes fontes de inspiração. Obrigada por abrir os caminhos e me mostrar que eu poderia sonhar ser aquilo que eu quisesse: Kalita, Kaliton, Juliana e Davi, eu amo vocês de todo o meu coração.

Expresso a minha profunda gratidão ao meu companheiro Pedro Tavares, por compartilharmos quase uma década de vida e experiências. Obrigada pelo apoio, parceria, pelas conversas, pela motivação, por estar presente em todos os momentos de dificuldades e por celebrar sempre os momentos de alegria. Sua alegria contagiante, o seu humor, o seu cuidado constante foram pilares fundamentais que me ajudaram a chegar até aqui. Agradeço por não apenas sonhar comigo, mas por ser parte ativa na realização desses sonhos. À família Costa Tavares, meu reconhecimento e carinho. Obrigada por toda ajuda, apoio e pelas risadas compartilhadas e conversas agradáveis ao longo de todos esses anos.

Agradeço aos meus amigos por tornarem a caminhada mais leve. Quero destacar, em especial, a Virgínia, um anjo que a Unifal/MG colocou em meu caminho e que se tornou uma amiga querida desde o início do Programa. As conversas, trocas de experiências e conselhos que você generosamente compartilhou foram indispensáveis para o meu percurso. Obrigada amiga.

Sou extremamente grata à minha orientadora a Prof. Dra. Adriana Vidotte por todo percurso de ensinamentos, paciência, encorajamento e por não só me orientar, mas ser uma constante fonte de inspiração em minha vida. Professora, em todas as nossas conversas a senhora se empolgava comigo e me fazia acreditar que era possível. Obrigada por ser tão sensível, cuidadosa e compreensiva ao longo desses anos. Agradeço a Deus pelo privilégio de ter sido sua orientanda. Também gostaria de expressar minha gratidão às professoras Flávia Galli Tash e Luciana Deplagne, que participaram da minha banca. Suas considerações e direcionamentos foram valiosos para o aprimoramento da minha pesquisa.

Não posso deixar de estender meu agradecimento a todos os professores do Programa de Mestrado da Unifal/MG, cujas contribuições foram muito valiosas para a construção desse trabalho. Ao coordenador do curso, Adailson Rui, agradeço o suporte dado sempre de forma imediata e prestativa.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## TRISTE LOUCA OU MÁ

Triste, louca ou má  
Será qualificada  
Ela quem recusar  
Seguir receita tal

A receita cultural  
Do marido, da família  
Cuida, cuida da rotina

Só mesmo rejeita  
Bem conhecida receita  
Quem não sem dores  
Aceita que tudo deve mudar

Que um homem não te define  
Sua casa não te define  
Sua carne não te define  
Você é seu próprio lar

(...)

Eu não me vejo na palavra  
Fêmea: alvo de caça  
Conformada vítima

Prefiro queimar o mapa  
Traçar de novo a estrada  
Ver cores nas cinzas  
E a vida reinventar

E um homem não me define  
Minha casa não me define  
Minha carne não me define  
Eu sou meu próprio lar

Ela desatinou  
Desatou nós  
Vai viver só

(Hombre, 2016)

## RESUMO

Os Objetos de Aprendizagem (OA) são um recurso valioso para o ensino de História na Educação Básica. A partir dessa perspectiva, foi construída a *Revista de Moda Medieval*, um material didático que contém textos que contemplam os principais temas desenvolvidos na pesquisa realizada sobre a moda feminina durante a Baixa Idade Média no reino de Castela (séc. XV) e como a vestimenta era utilizada por algumas mulheres para desafiar as normas e promover seus interesses dentro daquela estrutura social. A *Revista* explora as principais tendências femininas do período, como os *chapines*, *tranzados* e *verdugos*, e como esses itens foram considerados fontes abundantes de pecado mortal por alguns moralistas, pois “deformavam” a aparência natural do corpo. É o caso do frei Hernando de Talavera (1428-1507), que escreveu um tratado sobre o vestir e o calçar em 1477, justificando as razões pelas quais especificamente esses itens eram imorais e pecaminosos. Os poderes régio e religioso se empenharam em controlar as “aparências”, fosse por meio de leis suntuárias ou de tratados morais, na tentativa de manter um ordenamento social que se via ameaçado por mulheres da burguesia que manipulavam suas identidades ao assumir uma estética que antes era exclusiva da nobreza. A *Revista de Moda Medieval* conta também, nas suas páginas finais, com um caderno de atividades (quiz, jogo do labirinto, caça-palavras e *paper doll*) para que as alunas e os alunos consigam, de forma lúdica, refletir sobre o conteúdo apresentado nas páginas anteriores. Destinado às professoras e aos professores, o *Manual do(a) Professor(a)*, que acompanha a *Revista*, oferece propostas de atividades para o uso desse material em sala de aula.

**PALAVRAS-CHAVE:** Moda Medieval; Gênero; Castela; Tratado; Revista.

## ABSTRACT

Learning Objects (LO) are a valuable resource for teaching History in Basic Education. From this perspective, the *Medieval Fashion Magazine* was created, a teaching material that contains texts that cover the main themes developed in the research carried out on women's fashion during the Late Middle Ages in the kingdom of Castile (15th century) and how clothing was used by some women to challenge norms and promote their interests within that social structure. The *Magazine* explores the main feminine trends of the period, such as *chapines*, *tranzados*, and *verdugos*, and how these items were considered abundant sources of mortal sin by some moralists, as they “deformed” the natural appearance of the body. This is the case of Friar Hernando de Talavera (1428-1507), who wrote a treatise on clothing and footwear in 1477, justifying the reasons why specifically these items were immoral and sinful. The royal and religious powers strove to control “appearances”, whether through sumptuary laws or moral treatises, in an attempt to maintain a social order that was threatened by bourgeois women who manipulated their identities by assuming an aesthetic that previously was exclusive to the nobility. The *Medieval Fashion Magazine* also has, in its final pages, an activity notebook (quiz, maze game, word search, and paper doll) so that students can, playfully, reflect on the content presented on the previous pages. Aimed at teachers, the *Teacher's Manual*, which accompanies the Magazine, offers proposals for activities using this material in the classroom.

**KEYWORDS:** Medieval Fashion; Gender; Castile; Treated; Magazine.

## SUMÁRIO

|          |   |           |
|----------|---|-----------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO</b>   | <b>12</b> |
| <b>2</b> | <b>OBJETO DE APRENDIZAGEM PARA O ENSINO DE HISTÓRIA<br/>MEDIEVAL: REVISTA DE MODA MEDIEVAL</b>                      | <b>17</b> |
| <b>3</b> | <b>SER E PARECER: A MODA FEMININA COMO SÍMBOLO DE<br/>TRANSGRESSÃO EM CASTELA (SÉC. XV)</b>                         | <b>24</b> |
| 3.1      | A ROUPA E A MODA  | 24        |
| 3.2      | A MODA NASCEU NO OCIDENTE   | 26        |
| 3.3      | DOS PÉS À CABEÇA: A MODA FEMININA NO REINO DE<br>CASTELA  | 35        |
| 3.4      | O GUARDA-ROUPA DA RAINHA ISABEL I DE CASTELA  | 45        |
| 3.5      | A CONDIÇÃO DAS MULHERES NO MEDIEVO  | 50        |
| 3.6      | FREI HERNANDO DE TALAVERA E O TRATADO SOBRE O<br>VESTIR E O CALÇAR  | 59        |
| <b>4</b> | <b>DESAFIOS E POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS: O ENSINO DE<br/>HISTÓRIA E A ELABORAÇÃO DO OBJETO DE<br/>APRENDIZAGEM</b> | <b>69</b> |
| 4.1      | OBJETOS DE APRENDIZAGEM PARA O ENSINO DE HISTÓRIA   | 72        |
| 4.2      | A BNCC E A REVISTA DE MODA MEDIEVAL   | 73        |
| <b>5</b> | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>   | <b>79</b> |
|          | <b>REFERÊNCIAS</b>  | <b>82</b> |
|          | <b>APÊNDICE</b>   | <b>87</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Na ótica de muitos moralistas da cristandade Ocidental, a vestimenta e suas extravagâncias foram interpretadas como um símbolo do pecado original e do retrocesso humano. Segundo consta no livro de *Gênesis*, a nudez só passou a ser um problema após a expulsão dos primeiros seres humanos do jardim do Éden. A partir desse momento, o ser humano precisou caçar para se alimentar e se agasalhar. Com o passar do tempo e o desenvolvimento de novas técnicas, aquilo que cobria a epiderme foi adquirindo outras finalidades e significados, ao ponto de servir como um demarcador social.

Assim, a roupa era uma aliada na ordenação visual das sociedades medievais, mas também poderia se converter em uma ferramenta de desordem. Ela podia ser utilizada para destacar aquilo que deveria estar escondido, como por exemplo com o uso de decotes, ou mascarar posições sociais, para que aqueles que não eram, parecessem ser aquilo que queriam ser. Este era o cenário que existia em Castela, especificamente em Valladolid no século XV, período em que as extravagâncias da moda eram assimiladas por alguns clérigos da Igreja como uma nova forma maligna de pecado e um novo caminho de perdição da alma dos fiéis. As mulheres eram o grupo mais vigiado e criticado por serem compreendidas como seres que tinham uma inclinação que mais tendia para o mal do que para o bem.

A partir do século XII, na Europa Ocidental começou a surgir uma vasta produção eclesiástica e masculina que argumentava sobre a condição inferior das mulheres, suas fragilidades, defeitos e sobre a importância das mulheres se adaptarem às expectativas sociais impostas a elas. Embora não constituíssem um grupo homogêneo, as mulheres eram consideradas pertencentes a uma “natureza inferior”, desde a primeira mulher e, portanto, precisavam a todo momento da tutela de um homem, e deveriam estar submissas à autoridade masculina, seja do pai, irmão, marido, padre ou rei.

A aparência no reino de Castela externalizava o *status* das pessoas e o traje deveria demarcar e refletir a posição social de cada indivíduo para evitar desordens e confusões na hierarquia social. Era comum que os homens demonstrassem a riqueza da família através das vestimentas das mulheres, o que representava um problema à manutenção do ordenamento social. Por essas razões, as tendências e variações na moda feminina eram um ponto de atenção e passaram a ser examinadas e condenadas no reino de Castela.

Famílias da burguesia nascente, por não serem detentoras de títulos, buscavam uma aproximação com as camadas mais nobres através da mimetização de hábitos e do vestuário. Apesar de não pertencerem, era importante aparentar ser. Para evitar essa desordem hierárquica,

as leis suntuárias decretadas pelo poder régio de Castela tinham o objetivo de normatizar e restringir o que cada camada social poderia ou não utilizar. Logo, o vestuário e as tendências de moda feminina assumiram uma pauta importante nessa regulamentação.

Tendências do período como os *chapines*, *tranzados* e *verdugos*<sup>1</sup> eram itens utilizados pela rainha Isabel de Castela (1474-1504) e pelas nobres castelhanas, mas também foram incorporadas ao vestuário de mulheres dos novos grupos emergentes. Além de serem consideradas peças de alto custo, eram vistas como fontes abundantes de pecado mortal por alguns moralistas, pois “deformavam” a aparência natural do corpo feminino.

Neste contexto, o confessor da Rainha Católica, frei Hernando de Talavera (1428-1507), escreveu, em 1477, o *Tratado provechoso que demuestra como en el vestir e calçar comunmente se cometen muchos pecados*, justificando as razões pelas quais alguns itens do vestuário eram imorais e pecaminosos. o Frei dedicou parte de sua obra para tratar especificamente do vestir feminino, em resposta a algumas mulheres de Valladolid que questionavam a autoridade do clero em regular questões relacionadas ao vestuário.

O fenômeno da moda surgiu no final da Idade Média e pode ser caracterizado como a banalização de tendências que são adotadas por vários indivíduos ao mesmo tempo. É o momento em que a roupa deixa de ter uma função somente utilitária e presa às tradições e passa a ser uma forma de expressão da individualidade, por exemplo.

A moda é, em sentido geral, a adoção de uma postura, apreensão de uma realidade, de um comportamento, de uma identidade. A roupa marca, representa e comunica algo. Considerando o contexto e os dispositivos de uma época, aquela permite a produção e a compreensão do cenário, configura uma linguagem específica, e, por fim, a percepção de uma encenação da realidade. Moda é, neste caso, uma intervenção que organiza e hierarquiza o mundo e as relações sociais; é uma linguagem de um grupo e de uma época, materializa e oferece sentido aos sujeitos históricos e concretiza um estilo de ser e de estar numa sociedade. Sublinha-se que a moda não consegue ser, efetiva e longamente, privativa de um grupo. Ao tornar-se pública, ao ganhar as ruas, ela pode ser partilhada por outros grupos ou sofre uma releitura. Essa valoriza uma “distância” entre os sujeitos, e ao realizar tais processos ela significa e ressignifica os sentidos. (Vieira, 2020, p.12-13.)

A moda estabelece um sistema que tem a novidade como norte e a efemeridade<sup>2</sup> como consequência. Em sua fase embrionária, a moda não era reconhecida como a concebemos na contemporaneidade. É provável que os indivíduos daquele período nem tivessem consciência

<sup>1</sup> *Chapines*: tipo de sapato de salto grosso e alto que as mulheres utilizavam. *Tranzado*: era uma longa trança com o cabelo embutido em um tecido com fitas cruzadas que decoravam a extensão da trança. *Verdugo*: eram aros rígidos que davam volume aos tecidos das saias dos vestidos e aumentavam a largura do quadril. Ver mais no item 3.3.

<sup>2</sup> O termo ‘efemeridade’ é utilizado principalmente para pensarmos sobre os ciclos da moda na contemporaneidade e deve ser aplicado com cautela nos períodos anteriores. Na Baixa Idade Média, a roupa não era vista como um bem efêmero, nem descartável. O surgimento da moda inaugurou um período de mudanças e transformações na indumentária que somente com o passar dos séculos se tornaram efêmeras.

das transformações na indumentária que este fenômeno histórico causaria nos séculos posteriores (Lipovetsky, 2021).

Para trabalhar a questão da indumentária e da moda alguns autores foram essenciais para a presente análise. Destaco o filósofo Gilles Lipovetsky e sua obra *O império do Efêmero* (2009), na qual o autor discorre sobre o surgimento do fenômeno da moda e do consumo, que inicialmente se concentrava nas mãos de grupos privilegiados e se expandiu com o passar do tempo, as características e a evolução da moda até as mais recentes formas de expressão. Também merece destaque o historiador James Laver (1889-1975) com a sua obra que é considerada um clássico sobre a temática, *A roupa e a moda: Uma história concisa* (1989). Neste livro, o autor apresenta uma panorama da evolução da vestimenta de cada época, desde povos que fundaram as primeiras civilizações até a moda do tempo em que viveu. O livro *Breve historia de la moda*, do historiador Giorgio Riello, contribuiu significativamente, pois, nos seus capítulos iniciais, aborda o contexto do surgimento da moda nos centros urbanos e as leis suntuárias. Não poderia deixar de citar os estudos da historiadora Carmen Bernis Madrazo (1919-2001), que foi pioneira na investigação da indumentária. A sua obra *Indumentaria Medieval Española* (1956) foi norteadora para esta pesquisa, pelo extenso estudo que apresenta sobre a evolução da indumentária do século VI ao século XV e pela riqueza de detalhes e informações que ela fornece, tanto por meio do texto como de fontes iconográficas.

Para pensar as questões de Gênero, as principais obras consultadas foram os estudos de Joan Scott, *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*; de Maria Filomena Dias Nascimento, *Ser mulher na Idade Média*; e de Luciana Calado Deplagne, especialmente seu artigo *A contribuição dos escritos de mulheres medievais para um pensamento decolonial sobre a idade média*. Essas e outras obras que não foram aqui citadas, mas não deixam de ser importantes, foram fundamentais para a compreensão das relações de gênero durante o período abordado.

Este trabalho está dividido em três partes, a primeira apresenta o Objeto de Aprendizagem (OA) desenvolvido e que tem como tema central a “Moda Medieval”; um material didático que está disponível de forma *online* e gratuita e tem como público-alvo alunos dos anos finais do Ensino Básico. Trata-se de uma revista que busca trazer à tona uma abordagem sobre a Península Ibérica Medieval e tratar cada um dos temas elencados na pesquisa que foi desenvolvida ao longo deste trabalho. A *Revista de Moda Medieval* tem como finalidade ser um instrumento que facilita a construção do conhecimento histórico em sala de aula. O “Manual do Professor” acompanha a *Revista* e oferece ao docente algumas propostas de atividades e estratégias para explorar esse conteúdo em sala de aula. Nesta parte, o docente encontrará um

*link* que direciona para o acesso integral da *Revista* em seu formato digital ou para ser impressa.

Na segunda parte, temos a pesquisa que motivou o desenvolvimento do Objeto de Aprendizagem. No início, são apresentadas as múltiplas finalidades da roupa e da moda, fenômeno que surge por volta do século XIV na Europa Ocidental. Foi realizada uma abordagem que contempla os principais itens de moda feminina entre os séculos XIV e XV em Castela e que tinha como uma das principais representantes a rainha Isabel, a Católica. Nesta parte, também são explicadas as leis suntuárias, que tinham como finalidade a regulação do consumo e uso indumentário. Em seguida, é apresentado um panorama de um intenso debate literário sobre como alguns homens e mulheres definiram uma suposta “natureza feminina”. Por fim, é apresentada uma análise do *Tratado*<sup>3</sup> do frei Hernando de Talavera que condenava os itens de moda feminina em Castela.

Além disso, nesta pesquisa busquei compreender e identificar as estratégias adotadas pelas senhoras de Valladolid ao aproveitarem-se das possibilidades oferecidas pelas vestimentas para desafiar as normas morais e promover seus interesses dentro daquela estrutura social.

As fontes iconográficas escolhidas para este trabalho foram devidamente selecionadas atendendo o contexto da Península Ibérica e de Castela. Existem muitas imagens, iluminuras e pinturas que retratam a moda “francesa” e “italiana”, contudo, apesar das dificuldades encontradas na pesquisa, a seleção de imagens neste trabalho priorizam o período medieval na Península Ibérica.

Como instrumento metodológico, foi escolhida a categoria de Gênero para investigação e análise das relações sociais na sociedade de Castela. O objetivo deste trabalho não é fazer uma investigação separada de mulheres, mas investigar como mulheres e homens se relacionavam neste contexto. Segundo Joan Scott (1995, p. 93), precisamos reconhecer que as categorias “homem” e “mulher” são vazias, ou seja, possuem significados que se alteram conforme o passar do tempo e a sociedade que se estuda, e ao mesmo tempo são transbordantes, porque possuem, nelas mesmas, definições outras que se contradizem ou são reprimidas<sup>4</sup>. Longe de fazer uma abordagem binária que enfoca principalmente no esquema dominação masculina x submissão feminina, a intenção desta investigação consiste em fugir dos estereótipos e perceber as relações de gênero e como elas se articularam através do surgimento

---

<sup>3</sup> Em vários momentos utilizarei apenas a palavra *Tratado* para me referir a obra de Hernando de Talavera.

<sup>4</sup> “Nós só podemos escrever a história desse processo se reconhecermos que “homem” e “mulher” são, ao mesmo tempo, categorias vazias e transbordantes. Vazias, porque não têm nenhum significado último, transcendente. Trans-bordantes, porque mesmo quanto parecem estar fixadas, ainda contêm dentro delas definições alternativas, negadas ou suprimidas.” (Scott, 1995, p. 93).

da moda, que passou a oferecer, através da vestimenta, a possibilidade de transgressão àquilo que alguns moralistas esperavam e tentavam definir como um paradigma feminino.

A terceira parte do trabalho contempla discussões voltadas para a educação, o ensino de história e o ensino de história medieval no século XXI, assim como a definição adotada de Objeto de Aprendizagem. Ademais, são trabalhados alguns pontos dos conteúdos de história dos anos finais do Ensino Básico presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que dialogam com o OA e o Manual do Professor que foram desenvolvidos.

## **2 OBJETO DE APRENDIZAGEM PARA O ENSINO DE HISTÓRIA MEDIEVAL: REVISTA DE MODA MEDIEVAL**

Durante toda a minha infância, sempre gostei de ler. Desde criança, lembro-me de conseguir um exemplar ou outro de segunda mão da revista *Recreio*. Esta revista despertava minha curiosidade em diversos temas, abordando aspectos do reino animal, do sistema solar, de desenhos, filmes, fatos, períodos históricos e afins. Na adolescência, lia muito a revista *Superinteressante*, que também abordava uma pluralidade de assuntos. Na escola, tive acesso à Revista de História da Biblioteca Nacional (RHBN). Recordo que sempre tive contato com essas revistas na biblioteca da escola que estudei durante o Ensino Médio e lia sobre temas voltados para atualidades da época, assim como entrevistas de historiadoras/es especialistas em diversos assuntos. Afirmo que essas revistas contribuíram no meu direcionamento para a escolha da área de licenciatura em História. As revistas fizeram parte da minha trajetória e crescimento e, nesta etapa do Mestrado, elas também se fizeram presentes.

Portanto, desde o primeiro semestre do Programa de Mestrado em História Ibérica da Unifal-MG, escolhi desenvolver, como Objeto de Aprendizagem, uma revista que abarcasse o meu projeto de pesquisa. Considero que as revistas são um ótimo veículo de divulgação e apresentação para o público de conhecimentos científicos, e podem ser uma oportunidade de divulgação de conhecimentos sobre a Península Ibérica e a moda feminina medieval, sem perder o rigor histórico. Um dos meus principais objetivos é contribuir para a disseminação do conhecimento que é produzido na Universidade para a comunidade: alunos, professores, pesquisadores e interessados. Pensando nisso, durante as aulas do Mestrado, a primeira etapa que idealizei foi a capa da revista, ela deveria conter os principais temas do meu artigo; depois de várias alterações o resultado se encontra a seguir:

Figura 1- Imagem da Capa da *Revista de Moda Medieval*



Fonte: Acervo da Autora (2024)

Ao elaborar a revista, tinha sempre em mãos um dos exemplares da Revista de História da Biblioteca Nacional . Quem já foi leitor dessa revista conseguirá identificar muitas inspirações de *layout* nas páginas do AO que foi desenvolvido. A RHBN foi a minha principal fonte de inspiração, mas é possível notar que outras revistas também influenciaram no resultado do material.

Todo o material foi produzido pela plataforma *Canva*, facilmente encontrado em plataformas de buscas na *internet*. Mesmo não dispondo de muitas habilidades para realizar edições profissionais, essa plataforma, com os seus recursos, nos oferece ferramentas que podem ser úteis para a elaboração de materiais didáticos. É um excelente recurso para pesquisadores que, como eu, têm boa intenção e poucas habilidades. Esse programa oferece algumas vantagens, tais como: é intuitivo, possui várias imagens, fotografias e fontes de letras que são disponibilizadas gratuitamente e proporcionam um bonito resultado visual, oferece

ferramentas de edições úteis e ágeis, sendo possível criar diversos tipos de materiais: revistas, convites, *post* para redes sociais, editar vídeos, e outros. Para utilizar alguns recursos (mais elaborados) é preciso realizar uma assinatura que pode ser mensal ou anual. Mas vale a pena. No trabalho com as imagens, foi utilizado o *GIMP*, um programa semelhante ao *Adobe Photoshop* que nos foi ensinado durante as aulas de Planejamento e Desenvolvimento de Objetos de Aprendizagem no programa de Mestrado da Unifal/MG.

No sumário da *Revista* estão contidos todos os assuntos abordados no OA. Abaixo está presente a primeira página do sumário, que apresenta discussões relacionadas à “fabricação” de uma Idade Média, à evolução, transformações e inovações das roupas que propiciaram o surgimento da moda, os principais itens de moda feminina, entre outros temas que foram abordados na *Revista*.

Figura 2 - Primeira parte do Sumário da *Revista de Moda Medieval*



# Sumário

- 05** Idade Média
- 07** Por que usamos roupas?
- 09** A Moda nasceu no Ocidente
- 11** O tear horizontal
- 12** Os botões
- 13** Visão Religiosa
- 14** Ser e Parecer



Fonte: Acervo da Autora (2024)

A escolha desses temas tem a intenção de levar os alunos a compreenderem o processo histórico.

Muito mais que as determinações causais, é importante levar o educando à compreensão das mudanças e permanências, das continuidades e descontinuidades. Essas noções são fundamentais na sua educação histórica e

exigem, por parte do professor, uma grande atenção aos diferentes ritmos dos diferentes elementos que compõem um processo histórico, bem como às complexas inter-relações que interferem na compreensão dos processos de mudança social. (Schmidt, 2004, p. 60-61)

Portanto, durante alguns momentos na *Revista*, o aluno é levado a fazer relações entre a moda do século XV e a do século XXI, e a perceber as mudanças e transformações, mas também as permanências, no mundo da moda. Após o sumário, há uma página intitulada “A imagem da Capa” que é claramente uma inspiração de como era feito na RHBN. Nesta parte foi realizada uma análise da fonte iconográfica escolhida, uma pintura que representa a rainha Isabel de Castela. Neste texto, resalto elementos do contexto e produção da obra e da roupa que a Rainha foi retratada.

Figura 3 - Análise da imagem da capa presente no Objeto de Aprendizagem

## A IMAGEM DA CAPA

A imagem da Rainha Isabel de Castela (1474-1504) suscitou ao longo do tempo grande prestígio, admiração e críticas por meio dos feitos que foram realizados em seu reinado. A posição que ocupou como soberana de um grande reino e o poder político que alcançou immortalizaram a sua imagem como a de uma grande figura política, grande líder e uma das principais protagonistas femininas do século XV.

Retratar a sua imagem e nela evocar intenções e valores de uma época foi um feito de muitos artistas contemporâneos ou não a ela. É o caso deste quadro pintado pelo artista espanhol Luis de Madrazo (1825-1897), que foi encomendado três séculos após a morte da rainha Isabel de Castela.



La reina Isabel I de Castilla (1848)  
Luis de Madrazo  
Museo del Prado  
(Madrid).

Luis de Madrazo y Kuntz foi um pintor nascido em Madrid e pertenceu a uma família de entusiastas no campo artístico. Muitos membros de sua família ficaram reconhecidos no campo da pintura no século XIX. Luis pintou retratos de nobres e cenas religiosas. O quadro "La reina Isabel I de Castilla", foi encomendado em 1848 pela rainha Isabella II (1830-1904). Ela enfrentava problemas de reconhecimento acerca da legitimidade do seu reinado, a sua posição era questionada por se tratar de uma mulher no poder. Sendo assim, a monarca Isabella II encomendou obras que retratassem monarcas medievais - principalmente as grandes rainhas da história da Espanha - com a intenção política de visualmente legitimar o seu reinado.

Neste quadro podemos ver a Rainha iluminada no centro; chama atenção o seu luxuoso vestido de veludo em um vermelho intenso e ricamente adornado com pedrarias e ouro. Suas mangas são

amplas e compridas, características do século XV. A Rainha está usando uma coroa, colocada sobre um véu, indicando a posição e o poder que ela possuía. O seu cabelo não está à mostra. Em seu peito há um broche em formato de uma concha e uma cruz. O cetro, um importante símbolo real, está apoiado em seu ombro e segurado por sua mão esquerda, enquanto a direita está repousada em seu livro de horas sob a mesa, fazendo jus a sua fama de Isabel a Católica, como também era conhecida. Cada um dos elementos presentes nesta cena foi previamente pensado e colocado propositalmente para causar uma impressão.

A simbologia desses últimos elementos ressalta que a Rainha com o cetro governava e estava atenta ao reino secular, mas sem esquecer-se do reino de Deus e de suas obrigações religiosas, evidenciado por seu livro de horas.



### O QUE É UM LIVRO DE HORAS?

Este foi um gênero literário muito popular entre a nobreza no final da Idade Média. É basicamente um livros de orações. O seu conteúdo também contempla calendários com datas de festas religiosas, santos e salmos.

O objetivo desta revista é fornecer aos alunos do Ensino Básico conhecimento sobre o período medieval na Península Ibérica de uma forma visualmente atrativa. Para isso, foram selecionadas, para compor o OA, imagens que despertam curiosidade<sup>5</sup> ou estranhamento, mas que ao mesmo tempo são relevantes para as discussões propostas e que de alguma forma dialogam com os textos, que, aliados às imagens, complementam a compreensão do conteúdo. Na parte final do OA há um Caderno de Atividades que contém algumas propostas lúdicas sobre o tema tais como: caça-palavras e labirinto, recursos que foram construídos utilizando plataformas de elaboração de jogos e passatempos gratuitos encontrados facilmente em sites de busca. Há também um Quiz e por fim, foi desenvolvida uma *paper doll* que pode ser recortada e montada com as tendências de moda do reino de Castela (séc. XV). Além da Revista, os professores terão acesso ao material direcionado aos docentes com outras propostas de atividades (ver item 4.2).

Segundo Silva (2019, p. 142), devemos ter em mente que apesar de toda a popularização da Idade Média na contemporaneidade, "(...) ela é, antes de mais nada, uma convenção cronológica construída posteriormente ao período medieval. Os homens que viveram entre os séculos X e XV não acreditavam estarem vivendo na 'Idade Média'.". Este termo começou a ser popularizado a partir do século XVII e até hoje os marcos temporais de “início” ou “fim” da Idade Média geram controvérsias entre pesquisadores da área, afinal este termo abarca um milênio de história. Assim, “Compreender o processo de 'fabricação' da Idade Média permite entender os usos do termo ao longo da história e, também, as relações das sociedades com o passado.” (Silva, 2019, p.144).

É preciso fugir de estereótipos quando tratamos de qualquer período histórico, inclusive do período medieval, por isso, devemos nos referir às “sociedades medievais”, no plural, pois este não foi um período homogêneo. Durante muito tempo, a Idade Média ficou amplamente conhecida como um período de “trevas”, fome, guerras, peste, submissão da mulher etc., e ainda hoje é idealizada e romantizada em muitos jogos, produções literárias, filmes etc. Logo, o conhecimento prévio do aluno não deve ser desprezado, mas visto como um ponto de partida para a abordagem desse recorte temporal. É preciso reconhecer a complexidade deste período e das sociedades medievais, sobretudo da Península Ibérica, e, através da abordagem de um tema como “moda medieval”, é possível criar um espaço para se pensar as múltiplas histórias

---

<sup>5</sup> Não como curiosidade ingênua, mas epistemológica, assim como destaca Paulo Freire (1996, p.16): “A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere e alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos.

e experiências humanas ligadas a esse momento histórico, utilizando fontes textuais e/ou iconográficas, como foi estruturado o Objeto de Aprendizagem.

Atualmente, considera-se necessário ao público escolar das mais diferentes faixas etárias – crianças, jovens e adultos – partir do conhecimento vivido, denominado também de senso comum, para que possam situar as problemáticas enfrentadas na vida em sociedade, no mundo do trabalho e nas relações de convívio e se efetivem aprendizagens provenientes do conhecimento acumulado e sistematizado por métodos científicos. (Bittencourt, 2008, p.190)

O fenômeno da moda está presente no cotidiano dos alunos, principalmente quando falamos sobre as redes sociais, que atualmente são grandes veículos de disseminação de tendências de moda. Assim, estabelecer como título da revista o conceito de “Moda”, mas não de qualquer tempo histórico, mas de “Moda Medieval”, foi uma estratégia utilizada justamente para gerar aproximação e levar o aluno a refletir sobre a historicidade desse conceito, pensar na origem desse fenômeno, se interessar em conhecer as tendências e indumentárias da Península Ibérica dos séculos XIV e XV, sendo possível fazer um contraponto de quais grupos tinham acesso e consumiam essas tendências na sociedade castelhana em articulação com o consumo de tendências de moda na contemporaneidade.

É preciso que o conhecimento historiográfico produzido no âmbito acadêmico chegue no ensino básico e esse OA foi pensado e elaborado para atender a essa função. Portanto, cada página da *Revista* foi desenvolvida a fim de explorar os temas que apareceram na pesquisa acadêmica presente neste trabalho. Em todo o OA há textos que foram pensados e elaborados de forma didática, para que o aluno consiga compreender o contexto abordado. Esses textos estão aliados a fontes textuais e iconográficas que se complementam na construção do conhecimento histórico. Esse OA não tem por objetivo esgotar o tema, mas colaborar no processo de ensino-aprendizagem de alunos da Educação Básica.

Ao ter em mãos esses materiais, os professores podem utilizá-los em sala de aula de forma integral ou selecionar os textos e/ou imagens que sejam pertinentes para a compreensão e expansão do conteúdo no âmbito escolar.

O público-alvo deste OA são alunos do Ensino Básico, especificamente dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, mas pode também atender a interesses de outros públicos e faixas etárias. Este exemplar único será disponibilizado de forma gratuita e online e poderá ser impresso, caso o aluno ou o professor sintam necessidade. A reprodução deste material é permitida para fins educacionais e não comerciais desde que seja devidamente referenciado.

Para visualizar integralmente o conteúdo da *Revista de Moda Medieval* consulte o “Apêndice” a partir da página 87.

### 3 SER E PARECER: A MODA FEMININA COMO SÍMBOLO DE TRANSGRESSÃO EM CASTELA (SÉC. XV)

#### 3.1 A ROUPA E A MODA

O vestir é tão antigo quanto a própria raça humana. Desde os primórdios, os seres humanos tiveram que lidar com o desafio de caçar para sanar necessidades básicas de se alimentar e de cobrir o corpo para protegê-lo das ações climáticas por meio do aproveitamento da pele dos animais. Foi preciso desenvolver técnicas que facilitassem o uso dessas peles para o que se pretendia:

Houve um avanço quando se descobriu que o óleo ou a gordura de animais marinhos, quando esfregado na pele, ajudava a conservá-la maleável por mais tempo, isto é, até que o óleo secasse. O próximo passo foi a descoberta do curtimento, e é estranho pensar que as técnicas essenciais desse processo, de concepção tão primitiva, ainda estejam em uso atualmente. A casca de certas árvores, especialmente do carvalho e do salgueiro, contém ácido tânico, que pode ser extraído ao se mergulhar a casca em água. Após ficarem imersas nessa solução por tempo considerável, as peles tornam-se permanentemente maleáveis e à prova d'água. (Laver, 1989, p. 10)

Esse processo possibilitou que as peles dos animais fossem moldadas ao corpo humano e apresentassem resistência e durabilidade. No paleolítico, foi criada uma ferramenta tecnológica muito importante e que ainda hoje acaba nos socorrendo entre um remendo e outro: a agulha. Essa ferramenta tão simples e útil costurou o tecido da história com pontos de nós duradouros, pois mesmo com o passar do tempo não caiu em desuso. As primeiras eram feitas de marfim, ossos ou dentes de animais e serviam para costurar peles de animais; depois passaram a costurar tecidos ajustados ao corpo.<sup>6</sup>

Quanto mais os agrupamentos humanos se tornaram complexos, a roupa assumia também outras finalidades que estavam além da proteção do corpo. Elas adquiriram aspectos morais, religiosos, indicavam *status*, poderiam demarcar hierarquias sociais, entre outros. No contexto medieval, a ótica cristã enxergava a necessidade do vestuário e suas sofisticções como um símbolo do pecado original e do retrocesso humano.

Invenção tornada necessária pelo pecado, o vestuário faz retroceder o homem numa inversão do processo de criação. As peles com as quais Adão e Eva vestiram a sua nudez eram um sinal exterior de uma nova bestialidade que diminuía a sua semelhança ao Deus que os tinha criado à sua imagem. (...). A riqueza do vestuário era assim um símbolo inverso do estatuto decrescente do homem na cadeia da criação, registrando

---

<sup>6</sup> Segundo Laver, "(...) houve então um dos maiores avanços tecnológicos da história do homem, comparável em importância à invenção da roda e à descoberta do fogo: a invenção da agulha de mão. Grandes quantidades dessas agulhas, feitas de marfim de mamute, de ossos de rena e de presas de leão-marinho foram encontradas em cavernas paleolíticas, onde foram depositadas há 40 mil anos. Algumas bem pequenas e primorosamente trabalhadas. Essa invenção tornou possível costurar pedaços de pele para amoldá-los ao corpo." (Laver, 1989, p. 10)

a sua queda do nível dos deuses para o dos animais que vivem sobre a terra, para o daqueles que rastejam debaixo dela, e, finalmente, para o do mundo imóvel e estéril dos metais e da pedra. (Hughes, 1990, p. 194)

A aparência tinha uma importância que não pode ser ignorada, pois leis, tratados e excomunhões foram proferidas ao longo da história na tentativa de controlar a aparência de homens e mulheres. Sendo assim, pensar as transformações da indumentária e o surgimento da moda tem uma profunda relevância para este trabalho.

Moda e indumentária, apesar de parecerem sinônimos, carregam algumas especificidades que precisam ser compreendidas. A indumentária, segundo o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, está relacionada com a “História do vestuário; uso do vestuário em relação às épocas ou povos.” Este termo é utilizado como referência para quaisquer transformações e características voltadas para a história do vestuário em qualquer tempo e lugar.

“Moda” é um fenômeno que apresenta um movimento de sucessão de formas e estilos de se vestir que é adotada por vários indivíduos, caracterizando-se por uma tendência. As tendências se modificam com o passar do tempo, elas têm como fio condutor a novidade. Gilles Lipovetsky é um dos autores que afirmam que na contemporaneidade a característica marcante deste fenômeno é a efemeridade, pois neste movimento de variação da indumentária surgem tendências que carregam influências do passado, ou não se parecem em nada com o que ficou para trás. O surgimento da moda foi acompanhado pelo desenvolvimento de novas técnicas de produção, novas maneiras do indivíduo ver e ser visto; inovações em formas, tamanhos, cores, tipos e comprimentos de tecidos que se moldam ao corpo.

A moda não se restringe à roupa, podemos expandir o conceito para pensar outros aspectos de uma sociedade: movimentos artísticos, costumes e hábitos. Mas, o vestuário é de longe uma das formas mais expressivas e privilegiadas de estudo da moda. Diversos pesquisadores do campo da História da moda consideram este um fenômeno localizável. Pensadores como James Laver, Gilles Lipovetsky e Giorgio Riello datam sua origem no final do Medievo, na Europa Ocidental, por volta do século XIV.<sup>7</sup>

Como afirma Umberto Eco (1982), o vestuário é comunicação. Uma forma de comunicação não verbal, um código que diz muito sobre as sociedades que se constituíram ao longo da história. O uso de roupas, em qualquer período histórico, não se justificava apenas por

---

<sup>7</sup> James Laver (1989, p. 62) em sua obra *A roupa e a moda* destaca que: “Foi na segunda metade do século XIV que as roupas, tanto masculinas quanto femininas, adquiriram novas formas e surgiu algo que já podemos chamar de “moda”.”. Gilles Lipovetsky (2021, p. 31) no livro *O império do Efêmero* ressalta que “A moda no sentido estrito quase não aparece antes da metade do século XIV.”. Giorgio Riello (2012, p. 11) em sua *Breve Historia de la moda*, diz: “Para comprender este doble aspecto es necesario referirse al contexto en el que surgió la moda entre los siglos XIII y XIV.”

seu sentido utilitário, mas adquiria significados e valores que podiam variar de acordo com a posição social dos indivíduos e o gênero, por exemplo. Por volta do século XIV, as roupas, além de comunicar algo, eram meios de identificação de grupos. Conscientes disso, grupos emergentes copiavam as tendências da Corte para se aproximarem visualmente de grupos mais privilegiados. É possível também identificar aqueles que buscavam meios de se diferenciar e se destacar dos demais, seja por meio de algum material, cor, corte, comprimentos, acessórios ou aparatos jurídicos. Os códigos ligados ao vestuário contavam com algumas inovações que eram o reflexo do período de mudanças que os homens e mulheres medievais vivenciavam.

Ao investigar o passado, as roupas não só falam, como gritam. Gritam as transformações que as sociedades feudais da Península Ibérica enfrentaram por volta dos séculos XIV e XV. É preciso parar para escutar porque, “Quem não sabe ouvi-la falar onde quer que ela fale, ainda que sem usar palavras, passa por essa sociedade às cegas...” (Eco, 1982, p. 20).

Longe de fazer uma abordagem ampla, o enfoque deste capítulo é pensar o vestuário e a moda feminina na Península Ibérica, especificamente no reino de Castela no século XV. Analisar a existência de uma moda feminina neste momento e contexto de intensas mudanças sociais é importante para refletir sobre a relevância da aparência das mulheres e o papel que o vestuário apresentou de subversão à ordem social.

O vestuário foi uma preocupação de alguns moralistas da época, como o frei Hernando de Talavera (1428-1507), confessor da rainha Isabel de Castela, destacou em sua obra. Em 1477, ele escreveu um tratado denunciando práticas desonestas no vestir, na tentativa de submeter as novidades da indumentária ao poder clerical. As leis suntuárias promulgadas pelos Reis Católicos<sup>8</sup> também tentaram regular a vestimenta feminina e de outros grupos sociais. Cada um desses temas será abordado mais adiante.

### 3.2 A MODA NASCEU NO OCIDENTE

Este tópico pretende investigar o “nascimento” da moda na Europa Ocidental com um enfoque especial na Península Ibérica e no reino de Castela a partir do século XIV. Não é possível dizer especificamente o local que a moda surgiu, por isso, este trabalho parte da mesma perspectiva de vários autores de que a que a moda surgiu na Europa Ocidental.

Para falar sobre moda é preciso responder a algumas questões. Por que o fenômeno da moda surgiu em meados do século XIV? Por que não antes ou após esse período? E por que na

---

<sup>8</sup> O título "Reis Católicos" foi concedido a Isabel I de Castela e Fernando II de Aragão pelo papa Alexandre VI, em 1494.

Europa Ocidental? Antes do século XIV, o vestuário esteve muito ligado à força da tradição e da imutabilidade. Afirma Lipovestky (2009) que nas sociedades antigas, como no Egito, a vestimenta destinada a ambos os sexos permaneceu a mesma por mais de uma dezena de séculos. O mesmo padrão, salvo pequenas alterações<sup>9</sup>, pode ser identificado em outras civilizações, como Grécia, Roma, China e Índia.

A indumentária tinha uma função utilitária. Não se pode ignorar que houve novidades e tendências em adornos e peças do vestuário em momentos anteriores ao século XIV, mas estas se concentravam nas camadas mais altas da sociedade. Peças de roupas, cores e materiais eram atreladas ao grupo social dos indivíduos. Sendo assim, as novidades que existiram ao longo da história no vestuário e adornos, e ainda as rivalidades entre grupos sociais que buscavam externalizar e demarcar sua posição e *status* através da vestimenta, são aspectos que compõem o fenômeno da moda como um sistema, mas insuficientes para explicar a sua origem.<sup>10</sup>

Riello (2012) destacou que homens e mulheres antes do século XIV, na Europa Ocidental, se vestiam de forma muito semelhante e que, a partir desse período, temos mudanças perceptíveis que alteram o vestuário de ambos,

¿Cuál es la relación entre vestuario y moda? La moda se interpreta como una forma de cambio de vestuario en el tiempo. El inicio de este cambio se produce durante el siglo xiv, cuando la silueta masculina empieza a diferenciarse de la femenina. Hasta el comienzo del siglo xiv, hombres y mujeres vestían largas túnicas o camisas que se llevaban sin cinturón. (Riello, 2012, p. 13)

As ilustrações presentes nas Cantigas de Santa Maria, produzidas no século XIII, na corte do rei Alfonso X, servem como um excelente documento para podermos notar a semelhança entre o vestuário feminino e masculino no reino de Castela. Na figura 4, podemos ver que homens e mulheres utilizavam túnicas que se estendiam até abaixo dos joelhos. Eram largas, em formato de “T”, com aberturas para cabeças, braços e pernas. Alguns personagens foram retratados com capas, também peças de uso comum na época. Em primeiro plano na imagem, da esquerda para a direita, a segunda personagem está retratada com um “*pellote*” (fig. 5), peça que foi difundida ao longo do século XIII na Península Ibérica. O *pellote* era utilizado por homens e mulheres e tem como característica não ter mangas e possui grandes aberturas laterais

<sup>9</sup> “Salvo fenômenos periféricos, a mudança cristaliza-se em nova norma coletiva permanente: é sempre o princípio da imobilidade que prevalece, a despeito da abertura para a história. Se a mudança resulta frequentemente das influências externas, do contato com os povos estrangeiros dos quais se copia tal ou tal tipo de traje, é também ora impulsionada pelo soberano que se imita (...). Mas em nenhum caso as variações procedem de uma lógica estética autônoma, não traduzem o imperativo da renovação regular própria da moda, mas influências *ocasionais* ou relações de dominação.” (Lipovetsky, 2009, p. 30)

<sup>10</sup> É o que afirma o filósofo Gilles Lipovestky, “(...) a moda não pode ser identificada à simples manifestação das paixões vaidosas e distintivas; ela se torna uma instituição excepcional, altamente problemática, uma realidade sócio-histórica característica do Ocidente e da própria modernidade.” (Lipovetsky, 2009, p. 11)

que mostravam as mangas de sua camisa interna<sup>11</sup>. Na figura 4, o que diferencia homens e mulheres são os penteados e o uso de barbas e bigode pelos homens. No mais, podemos notar que o vestuário feminino e masculino era semelhante.

Figura 4 - Ilustração que evidencia a semelhança entre roupas de homens e mulher no século XIII



Fonte: Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze<sup>12</sup>

Figura 5 – O *pellote* da rainha Leonor de Castela



Fonte: Patrimônio Nacional, Direção das Coleções Reais (ca. 1244)<sup>13</sup>

<sup>11</sup> Segundo Juan Vicente García Marsilla (2017, p. 76), “En la Península Ibérica, por ejemplo, se difunde especialmente en el siglo XIII el pellote o sobreveste, un tipo de vestido, usado tanto por hombres como por mujeres, sin mangas y con unas enormes escotaduras laterales que a veces llegaban a hacer que el delantero y la espalda quedasen reducidos a una tira de tela, lo que dejaba bien a la vista las camisas interiores.”

<sup>12</sup> Alfonso X, o Sábio. Cantigas del Rey D. Alfonso el Sabio. Manuscrito do século XIII, membrana, 450 x 314 mm. Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze, Banco Rari 20. Pg. 223. Disponível em: <https://archive.org/details/b.-r.-20/page/n221/mode/2up>. Acesso em: 26 nov. 2023.

<sup>13</sup> ANÔNIMO. Traje de Leonor de Castela. Tecido. [ca.1244]. Brial: 197 x 80 cm e Pellote 167 x 86 cm. Seda, tecido trabalhado. Patrimônio Nacional, Direção das Coleções Reais. Disponível em: <https://www.patrimonionacional.es/coleccion-reales/indumentaria/traje-de-leonor-de-castilla> Acesso em 08 dez. 2023.

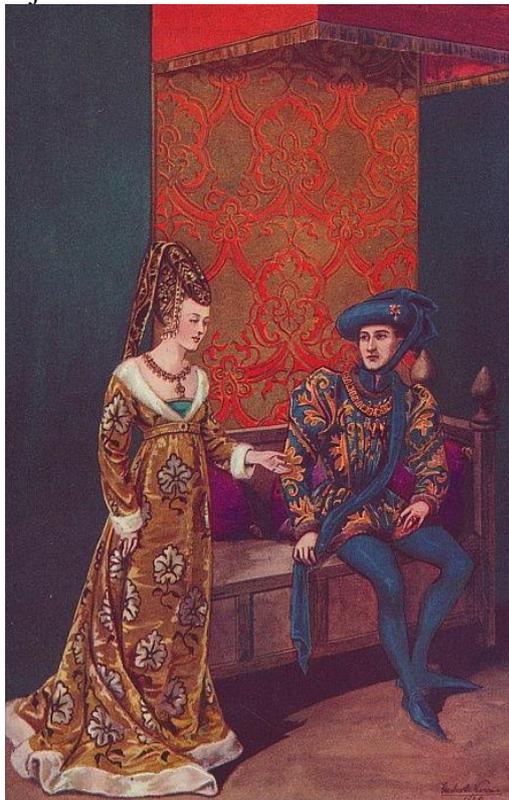
Para Laver (1989, p. 62), se tratando da Europa Ocidental, “Foi na segunda metade do século XIV que as roupas, tanto masculinas quanto femininas, adquiriram novas formas e surgiu algo que já podemos chamar de 'moda'”. Madrazo (1956, p. 35) destaca que, “En el XV, por el contrario, los cambios se sucedieron con gran rapidez y la moda llegó a transformarse en ocasiones de un modo radical en sólo unos años.” Na figura 6, podemos notar as diferenças e contraste entre os vestuários feminino e masculino e como eles passaram a realçar os atributos corporais de cada um. Os homens tiveram suas roupas encurtadas, ajustadas e os ombros alargados. O gibão<sup>14</sup> (jaqueta curta e justa) e os calções se tornaram característicos deste período com suas cores vibrantes. As mulheres tiveram seus vestidos ajustados ao corpo, a cintura era demarcada abaixo dos seios, o decote e os enchimentos sobre o ventre foram inovações que surgiram para valorizar atributos da feminilidade.<sup>15</sup> Sem contar a diversidade de adornos para a cabeça que começaram a eclodir.

---

<sup>14</sup> Segundo Martínez (1994, p. 284), o gibão “Constituyó una modalidad de la originaria aljuba árabe, aunque más corta, ceñida, con mangas estrechas y un collar o gorguera, podía abotonarse o cerrarse con cintas. Prenda masculina, forrada y de hechura complicada, su confección estuvo a cargo de artesanos especializados, los juboneros. Se adornaba con seda, se confeccionaba con lujo y vistosidad.”

<sup>15</sup> Segundo Lipovestky (2021, p. 31), “A mesma toga longa e flutuante, usada mais ou menos indistintamente já séculos pelos dois sexos, foi substituída, por um lado, por um traje masculino composto de um gibão, espécie de jaqueta curta e estreita, unida a calções colantes que desenham a forma das pernas; por outro lado, substituiu-a um traje feminino que perpetua a tradição do vestido longo, mas muito mais ajustado e decotado. (...) O vestuário feminino é igualmente ajustado e exalta os atributos da feminilidade: o traje alonga o corpo através da cauda, põe em evidência o busto, os quadris, a curva das ancas.”

Figura 6 – Ilustração que demonstra a diferença entre os trajes masculinos e femininos no século XV



Fonte: Livro *Medieval Costume and Fashion* (1999)<sup>16</sup>

Essas mudanças na indumentária só foram possíveis graças ao surgimento de algumas técnicas e inovações. É o caso do tear horizontal que surgiu no século XI e, ao contrário do tear vertical, permitia a confecção de peças com até 30 metros de comprimento e 2 metros de largura (Fogg, 2013, p. 43). O mesmo podemos falar dos botões, segundo Chiara Frugoni (2007, p. 95), estes surgiram na Itália por volta do século XIII e se espalharam pelo continente europeu. A pesquisadora Carmen Berniz Madrazo (1956, p. 28), especialista em indumentária espanhola, destacou que “En 1430 habían aparecido ya algunas novedades notables. Los botones comenzaban a adquirir importância, empleándose especialmente para abrochar las mangas ajustadas, que antes se cerraban com um cordón.” Essa inovação no início era vista como um enfeite, vendido por joalheiros, mas depois foi adotado por sua praticidade. Poderiam “(...) ser feitos de latão, cobre ou ainda vidro (...). Os botões permitiram que, pela primeira vez, as mulheres do século XIII usassem vestes justas, dando elegância à figura e modelando a forma dos braços com mangas coladas ao corpo” (Frugoni, 2007, p. 96).

<sup>16</sup> NORRIS, H. Philippe Le Bon, Duque da Borgonha, e Isabella de Portugal, 1440-5. 1926. Gravura em livro, placa XXII. In: *Medieval Costume and Fashion*. 2 ed. Nova Iorque: Dover Publications, Inc, 1999.

Existiram outras condições *sui generis* na Europa Ocidental que favoreceram o aparecimento de uma nova estrutura social:

A moda em seu sentido de variedade surge a partir das novas condições da produção; a expansão demográfica; o aumento da riqueza coletiva; o desenvolvimento da vida urbana, a intensificação do comércio à distância e o conseqüente contato entre povos; o surgimento da burguesia; o aparecimento da noção de indivíduo, especialmente a partir do século XII. (Vieira, 2017, p. 6-7)

Segundo Gilles Lipovetsky (2009), a moda como um sistema só pôde ser percebida a partir do momento em que a aparência e as roupas passaram a assumir, de forma contínua, permeada de excessos e função estética, um ciclo de variações que com o passar dos séculos tornou-se veloz e intenso. A moda foi um acontecimento inédito na história. A partir de seu surgimento, houve um rompimento com a repetição da tradição e com a imutabilidade, antes mencionadas.

Os costumes do passado não mais legitimavam as formas do vestir, o que ditava as regras era a novidade, o consumo e a emulação dessas novidades, era um aspecto além da função utilitária, agora de uma função estética e de valores temporais. Era o se parecer com o grupo social almejado, mesmo que o indivíduo não pertencesse a ele, que importava. Aquele vestir-se legitimado pelo passado não mais conseguia dar conta da individualidade dos espíritos impactados pelas experiências e transformações do seu tempo.<sup>17</sup>

Comandada pela lógica da teatralidade, a moda é um sistema inseparável do excesso, da desmedida, do exagero. (...). Na moda, o mínimo e o máximo, o sóbrio e a lantejoula, a voga e a reação que provoca são da mesma essência, quaisquer que sejam os efeitos estéticos opostos que suscitem: sempre se trata do império do capricho, sustentado pela mesma paixão de novidade e alarde. (Lipovetsky, 2009, p. 40)

O cenário de todos esses acontecimentos eram as cidades. As dinâmicas comerciais e de produção que os centros urbanos proporcionam, favoreceram o desenvolvimento da moda. Nas cidades é que era possível comprar tecidos finos, encomendar roupas e outros adornos, criar e reproduzir tendências (Riello, 2012, p.16). As cidades se constituíram em um campo privilegiado de desenvolvimento da moda e de questionamento da hierarquia social:

Así pues, en la Edad Media la ciudad se convierte en el escenario perfecto para la creación y la representación de nuevas modas. Es también el lugar en el que se cuestiona el principio de la jerarquía medieval, en el que el estatus social de un individuo venía determinado por su nacimiento. En el espacio urbano, al contrario de lo que sucedía en el feudo, la condición social viene determinada por la riqueza más que por la cuna, y es así como las prendas elegantes, caras y a la última moda pueden suponer una mejora en el estatus social de las personas ricas, pero de corto linaje como, por ejemplo, los mercaderes y artesanos adinerados. (Riello, 2012, p. 16-17)

<sup>17</sup> Conforme definiu Paulo Debom, a moda é um “(...) fenômeno que não mais se restringia ao vestuário, mas também à postura, vocabulário e visão de mundo.” (Debom, 2018, p. 18)

Por falar em hierarquia social, as sociedades medievais se organizavam em estamentos. A clássica divisão se concentrava em: clero, nobreza e povo. Como sabemos, muitos teóricos medievais que escreveram sobre essas sociedades eram religiosos e conforme define Johan Huizinga (2010, p. 86) “(...) estamento é estado, *estat* ou *ordo*, termos que remetem a uma entidade ditada pela vontade de Deus. (...)” E, portanto, a disposição hierárquica para esses religiosos correspondia a “(...) uma instituição divina, é um elemento na arquitetura do mundo, tão essencial e tão hierarquicamente digno quanto os tronos e os poderes da hierarquia dos anjos.” Cada um desses grupos possuía uma função e fugir das atribuições de seu grupo social poderia significar ir contra uma instituição divina. Huizinga evoca o relato de Chastellain, ligado à corte de Borgonha, historiador da corte de Filipe, o Bom (1396-1467). Chastellain explicava que Deus havia criado o povo para trabalhar e cuidar da subsistência, seja por meio da agricultura ou do comércio, o clero deveria se dedicar para as obras da fé e a nobreza deveria servir de exemplo para outros ao promover a virtude e justiça através de seus atos<sup>18</sup>. Apesar de estar se referindo ao contexto de Borgonha, é possível expandir essa mesma noção para a região da Península Ibérica já que María Martínez (1994, p. 278) em seu artigo que trata sobre a corte de Juan I de Castilla, esclarece sobre a organização da estrutura social vigente. Segundo a autora, “Modelo de sociedade «perfecta», trinitário-funcional, que jerárquicamente engloba, desde arriba hacia abajo, a los «oratores», «bellatores» y «laboratores», (...)”. Hernando de Talavera ao falar sobre os excessos na vestimenta da população de Valladolid menciona que muitos pecam devido a fuga daquilo que era esperado de sua condição e de seu estado<sup>19</sup>.

Assim, cada grupo tinha suas obrigações para com a sociedade em que vivia. A indumentária tinha o papel de evidenciar a posição que cada indivíduo ocupava nessa sociedade hierarquizada. Portanto, determinados tecidos e acessórios eram direcionados a grupos privilegiados que ao fazer uso desses artigos mantinham uma separação visual para com os demais grupos.<sup>20</sup>

Porém, no período que corresponde a Baixa Idade Média, a burguesia emergente, os novos ricos, foram vistos com ressalva por tentarem copiar e se apropriar de uma estética que pertenciam a camadas mais nobres.

Comenzando por el monarca y su corte, los grupos sociales se distinguieron, en función de la integración en distintos niveles socioeconómicos, por las formas y recursos externos utilizados, influidos por las modas al uso y en clara correspondencia con el estatus heredado o adquirido, ya que la estética de los privilegiados irradió desde arriba hacia otras formaciones sociales económicamente en ascenso, tales como

<sup>18</sup> HUIZINGA, 2010, p. 87.

<sup>19</sup> “Y cresce la demasía quanto es más luengo y más complido de lo necessario y de lo que razonablemente bastaria /a cada persona según su condición y estado”. (Talavera, 2001, p. 39).

<sup>20</sup> MARTÍNEZ, 1994, p. 278-279.

la nueva nobleza y la burguesía, que emulaban los modelos y las formas de vida acuñadas por los estamentos superiores. La base social estuvo ajena, e incluso vetada por la normativa suntuaria, a utilizar elementos de la indumentaria identificadores de la adscripción y pertenencia a la élite político-económica. (Martínez, 1994, p. 280)

Podemos perceber que no contexto em que surgiu, os movimentos da moda não estavam presentes em todas as camadas sociais, nem todos tinham condições de aderir a esse movimento de consumo, portanto, ficaram restritas à realeza, nobreza e a recente burguesia. Esta é a era aristocrática da moda (Lipovetsky, 2009, p. 27). Os penteados, os acessórios e os trajes eram pensados para impressionar e para demonstrar poder. Os nobres imitavam os comportamentos e as formas de vestir da realeza e os burgueses tentavam imitar os nobres; penteados, cores, formas, tecidos e comprimentos tornavam-se tendências após o uso por algum monarca. “O fato de o vestuário dos comerciantes ricos tentar se igualar ao da nobreza era algo inédito na História: apesar de não nascer nobre, o burguês poderia parecer nobre e, em alguns casos, circular pelo circuito aristocrático, mesmo sem fazer parte efetivamente dele.” (Debom, 2018, p. 16). Os novos ricos enxergavam na moda uma forma de demonstrar sua riqueza e, desse modo, se assemelhar visualmente às camadas privilegiadas, enquanto os nobres identificavam a necessidade de preservar as aparências, “(...), las sociedades en constante cambio generan siempre la obsesión de los nuevos ricos por demostrar la opulencia adquirida, y la de aquellos que comienzan su declive por aparentar que aún mantienen una cierta pujanza social.” (Marsilla, 2017, p.74)

Mas, não era tudo o que se copiava, os indivíduos faziam escolhas do que copiar e utilizavam a liberdade subjetiva que a moda inaugura na forma de se vestir. Já aqueles que estavam no alto da hierarquia buscavam inovar com a criação de elementos que os diferenciam daqueles que estavam ao seu redor. A roupa assumia também uma forma de expressão da individualidade e originalidade.

Con la emergencia de la burguesía, en sintonía con el desarrollo de las ciudades, este grupo social va a cultivar el lujo y las artes. Es por ello que en el doscientos van a irse promulgando diferentes leyes suntuarias que tratan de frenar esta cultura sensual, con poco éxito, pues las mismas son un testimonio perfecto de las transgresiones y de los gustos del momento. (Molpeceres, 2021, n.p)

Segundo Fogg (2013, p. 45), “No período medieval, os trajes elegantes passaram a ser cada vez mais usados para diferenciar membros da elite, da classe mercantil, artesãos e camponeses. Esse processo foi controlado pela criação de várias leis suntuárias por governos de toda a Europa.” Neste contexto, para minimizar o uso e o consumo de tendências<sup>21</sup> da moda

---

<sup>21</sup> Segundo Riello (2012, p. 19), “(...) las leyes suntuarias no regulan todos los tipos de consumo, sino solo los que consideraban excesivos, es decir suntuosos: el foco de atención es lo superfluo, y el objetivo de la ley es refrenar el lujo y las formas de cambio, sustitución y reemplazo instigadas por la moda.”

por camadas sociais que eram consideradas inadequadas, existiram as leis suntuárias. Essas leis, também promulgadas pelos Reis Católicos em Castela, foram utilizadas como recurso jurídico pelo poder régio para tentar frear a desordem aparente na estrutura social e assegurar os privilégios, deveres e consumos adequados à posição do indivíduo na sociedade.

As concessões ao consumo dos melhores panos e acessórios não eram permitidas para todos. Apesar de não serem consideradas eficazes, as leis suntuárias evidenciaram a importância dada à aparência e a sua relevância na Baixa Idade Média. Não bastava ser um nobre, era preciso parecer nobre. E esse “parecer” a burguesia soube fazer. A indumentária assumia a função não só de externalizar, mas também de mascarar a posição e condição social dos indivíduos. Nesse sentido, a indumentária feminina foi um ponto de atenção e preocupação não só no âmbito religioso, como também no jurídico, como manifestam as leis suntuárias.

Los nuevos cánones de la moda cuatrocentista se impusieron sin distinción de sexo en la España de los Reyes Católicos: hombres y mujeres trataron de mostrarse bellos, originales y distinguidos, aunque los excesos de las damas fueron más criticados y no porque fuesen mayores sino por la transgresión y cierta liberación que el hecho en sí mismo representaba para los ojos y las mentes masculinas de la Cristiandad occidental. (Martínez, 2006, p. 349)

Portanto, podemos resumir a origem da moda medieval em duas vertentes, por um lado, a moda se impôs como parte de uma cultura das cortes europeias, através das indumentárias luxuosas que distinguiam as elites sociais de outros grupos, por outro lado, a moda se caracterizou como um fenômeno que se estendeu e passou a afetar outros grupos sociais da população urbana, que passaram a ter acesso ao consumo e copiar a mesma estética das camadas privilegiadas. Esse fenômeno gerou como consequência o desmantelamento da estratificada hierarquia social desse período. (Riello, 2012, p.11).

A epidemia de peste bubônica acometeu cerca de cinquenta milhões de pessoas e impactou diretamente a taxa demográfica da Europa por volta do século XIV; o avanço dos turcos no século XV era motivo de preocupação, a Guerra dos Cem Anos entre Inglaterra e França, a guerra de Reconquista na Espanha, a fome, tudo isso contribuiu para o fim do cenário otimista dos séculos anteriores. Somado a isso, líderes religiosos em toda a Europa reforçaram o valor do casamento e da reprodução para o aumento das taxas de natalidade. Para muitos da época, a moda era o ponto de partida para a compreensão das mazelas que o mundo medieval enfrentava, viam

(...) no vestuário das mulheres uma causa primordial do declínio da Cristandade. Em primeiro lugar, argumentavam, as mulheres apostavam a tal ponto na moda que os casamentos eram retardados até que as peças do enxoval, cada vez mais volumosas, pudessem ser compradas e pagas, privando assim a sociedade dos nascimentos de que necessitava para superar o declínio demográfico. (Hughes, 1990, p. 196.)

As novas tendências relacionadas à vestimenta das mulheres preocupavam alguns moralistas da época. Os “excessos”, as novidades e a autonomia estética no vestir feminino estiveram sujeitas a críticas e condenações. Essas transformações pautadas na novidade, no “ver e ser vista” foram encaradas como práticas pecaminosas de sedução e uma ameaça ao bem-estar social.

(...), en la Edad Media representaba una confirmación de la nefasta naturaleza de la moda que agredía al “sexo débil”: la mujer, incapaz de resistir a las tentaciones (al menos no tanto como el hombre), estaba más expuesta a convertirse –como diríamos hoy día– en una “víctima de la moda”. Tanto las leyes suntuarias como las frecuentes prédicas de los hombres de la Iglesia y de los moralizadores sobre los peligros del lujo y de la moda, estaban, de hecho, específicamente dirigidas a las mujeres,(...). (Riello, 2012, p. 22-23)

### 3.3 DOS PÉS À CABEÇA: A MODA FEMININA NO REINO DE CASTELA

Carmen Bernis Madrazo (1919-2001) foi uma grande historiadora e pioneira nos estudos da indumentária espanhola da Idade Média. Devido aos seus esforços e investigações sobre o tema, é comum encontrar inúmeras referências à suas obras. Ela menciona que, antes do século XIV, homens e mulheres se vestiam por gerações sem grandes variações, mas que, no século XV, as transformações na indumentária passaram a ocorrer em intervalos cada vez mais curtos, fazendo da confecção das roupas uma difícil arte (Madrazo, 1956). Em sua obra *Indumentária medieval española* a autora esclarece os fatores característicos do vestuário espanhol:

El traje de los españoles fue el producto de los siguientes factores: 1) Una moda nacional que dió, por una parte, interpretaciones propias de estilos extranjeros, por otra, creaciones absolutamente originales, y que se manifestó, especialmente, en la indumentaria femenina. 2) Una influencia muy intensa de la moda francoborgoñona, que se dejó sentir especialmente en la indumentaria masculina. 3) Infiltración de ciertos rasgos de influencia italiana. La moda italiana actuó en España de modo muy desigual, según la fecha y las regiones. 4) Empleo de telas, bordados y adornos moriscos, y adopción, en la segunda mitad del siglo, de algunas prendas de vestir moras. Conviene añadir, para caracterizar el traje español, un cierto apego a las formas tradicionales y una gran variedad de sobretodos, algunos de los cuales, si no se pueden considerar creaciones originales, sí se pueden tomar como rasgos distintivos suyos. (Madrazo, 1956, p. 35-36)

Neste tópico iremos explorar as tendências de moda feminina em Castela, entre os séculos XIV e XV. Três itens muito originais são os mais citados em obras que foram visitadas para a construção deste trabalho, são eles: os *chapines*, os *verdugos* e os *tranzados*. Falaremos também sobre a influência moura na indumentária desta época e de outras peças que compunham o vestuário feminino. Quando pensamos nas modas femininas que se desenvolveram na região de Castela, é preciso compreender que a indumentária pode ser

entendida não só como uma parte essencialmente importante das estruturas cotidianas, mas como um reflexo das estruturas sociais daquele tempo e espaço (Martínez, 2006, p. 343).

Como já foi dito anteriormente e Martínez (2006, p. 345) reforça, “(...) la necesidad de diferenciación del otro o de «los otros», está en la base de la aparición de la moda, (...)”. Logo, essa necessidade de se diferenciar dos demais é um dos fatores que levaram a originalidade como veremos em alguns itens que surgiram e se popularizaram naquela região, principalmente na indumentária feminina (Madrazo, 1956, p. 35). Castela somou-se à corte de Borgonha e ao Norte da Itália com criações importantes e de grande notabilidade. E, apesar de homens e mulheres buscarem se apresentar de forma original e belos, as mulheres foram as mais julgadas pela ótica masculina da cristandade ocidental e repreendidas pelos excessos na vestimenta (Martínez, 2006, p. 349). A moda foi utilizada tanto como forma de tentativa de controle dos corpos das mulheres, quanto de possibilidade subjetiva de expressão e de transgressão às hierarquias e aos modelos que essas mulheres deveriam seguir.

A partir do século XIV, apareceram importantes novidades no vestuário feminino. Segundo Madrazo (1956, p. 32), “Desde antes de 1350, las jóvenes llevaban escotes redondos que dejaban desnuda la garganta y parte de los hombros; ello era algo completamente nuevo y revolucionario en la moda femenina medieval.” E os vestidos seguiam o corte conforme a influência francesa, marcando o peito, mais soltos na cintura e com mangas alongadas (Madrazo, 1956, p. 32).

Em Castela, a pesquisadora Madrazo classificou as roupas em: roupas de baixo, semi-internas, roupas para vestir o corpo (que iam por cima das semi-internas), as de vestir por cima e sobretudos<sup>22</sup>. Madrazo explica que as roupas de baixo, tanto de homens quanto de mulheres, consistiam em uma *camisa* ou *alcandora* (figura 7) que cobriam troncos e braços, nas mulheres podiam chegar até os tornozelos e ser ajustadas na lateral por cordões. Nas mulheres, era comum que parte do tecido dessas *camisas* aparecessem, ficando à mostra na composição final da vestimenta<sup>23</sup>.

---

<sup>22</sup> Carmén Bernis Madrazo usa os termos: “prendas interiores”, “prendas semiinteriores”, “prendas para vestir a cuerpo” e “trajes de encima”. (1956, p. 36-37).

<sup>23</sup> O site da Universidade de Valência tem um amplo estudo de textos e imagens sobre a indumentária medieval. Para adquirir mais informações sobre essa e outras peças consultar as informações que foram retiradas do site: UNIVERSITAT DE VALÈNCIA. Proyecto Parnaseo. Aula Medieval - Indumentária. Disponível em: <https://aulamedievalindumentaria.blogspot.com/2015/04/prendas-interiores.html>. Acesso em: 19 dez. 2023.

Figura 7 – Ilustração de uma mulher utilizando uma *camisa*, (roupa interna)



Fonte: Biblioteca de El Escorial<sup>24</sup>

Por roupas semi-interiores temos o *cos* e as *faldetas/faldillas*. O primeiro era uma espécie de corpete, quase não aparecia no conjunto final, e o segundo era como uma saia longa interior que só poderia ser vista se as outras peças de roupa se levantassem e a deixassem à mostra. Já as roupas para vestir o corpo, que iam acima das semi-internas, eram chamadas de *saya*, peças de roupa que cobriam os braços e corpo, com mangas ajustadas que poderiam ser removíveis. Quando eram mais luxuosas, tinham por nome: *brial*<sup>25</sup>, sendo produzida com tecidos mais nobres, também era comum que fossem adornadas com pedras preciosas e poderiam se arrastar pelo chão e ajustados com fitas ou botões<sup>26</sup>.

Já os trajes de cima eram compostos de uma grande variedade. O *pellote* (fig. 05) se manteve conservando as aberturas laterais e com algumas alterações ao longo do século XV. “Entre los trajes femeninos de encima fueron muy característicos del siglo XV los que tenían dos o más cortes en la falda desde algo más abajo de la cintura hasta el suelo, por las cuales se veía el *brial* o la *saya* de debajo.” (Madrazo, 1956, p. 38) Madrazo diz que essas peças eram chamadas de *ropa*. De sobretudos, eram utilizados mantos compridos ou curtos (*mantillo*) e

<sup>24</sup> CANTIGAS DE SANTA MARÍA DE ALFONSO X. Cantigas de Santa María de Alfonso X (s. XIII). Códice Rico, Biblioteca de El Escorial, ms. T-I-1, El Escorial, Madrid. Disponível em: <https://aulamedievalindumentaria.blogspot.com/2015/04/prendas-interiores.html>. Acesso em: 19 dez. 2023.

<sup>25</sup> MADRAZO (1956, pg. 36): “Mujeres. – En Castilla el primer traje que vestía la mujer se llamaba *saya*; cuando era lujoso, tomaba el nombre de *brial*. En la corona de Aragón se siguió empleando preferentemente para designar estos vestidos el vocablo *gonela*.”.

<sup>26</sup> UNIVERSITAT DE VALÈNCIA. Proyecto Parnaseo. Aula Medieval - Indumentária. Disponível em: <https://aulamedievalindumentaria.blogspot.com/2015/04/trajes-de-debajo-mujer.html>. Acesso em 19 de dez de 2023.

outros sobretudos de luxo chamados de *garnacha* ou *tabardo*, por exemplo. Como podemos ver, eram várias as camadas de peças de roupas que não só as mulheres vestiam, como homens tinham também suas peças características.

Um calçado com muita originalidade foram os *chapines*. Estes calçados representam uma herança muçulmana no vestuário feminino (Madrazo, 1962, p. 22). Os *chapines* podem ser entendidos como o salto alto da época, não eram os únicos modelos que existiam<sup>27</sup>, mas eram muito populares, “(...) Este calzado «revolucionario» de procedencia hispánica se impondrá en la Europa renacentista; fueron muy afamados los chapines fabricados en Valencia, desde donde se exportaron a Italia.” (Martínez, 2006, p. 351).

Figura 8 – Fotografia de *Chapines* da Espanha dos séculos XVI-XVII



Fonte: Victoria & Albert Museum<sup>28</sup>

#### Segundo Ana Velascos Molpeceres, os *chapines*,

(...) eran de tradición hispanomusulmana, aunque puede rastrearse su uso anteriormente en los baños romanos y árabes. Se hacían de corcho y con el tiempo se convirtieron en auténticas joyas, cubriéndose con cuero, terciopelo y hasta oropel, con cuentas y guarniciones. Su origen está vinculado a las tapinerías valencianas, de donde procede la palabra onomatopéyica «tapín», por el ruido que hacen al golpear el suelo (tap, tap). En Castilla adoptaron el nombre de «chapines», extendiéndose luego por Europa esa voz. (Molpeceres, 2021 n.p).

O valor desses sapatos variavam conforme os materiais que eram utilizados na fabricação. Estes podiam ser adornados com pedras preciosas, bordados com ouro ou prata e

<sup>27</sup> Segundo Martínez (2006, p. 350) existiam outros “(...) modelos de calzado (zapatos, botas, chapines, escaarpines, chinelas, pantuflos, zapatas, alpargatas...)”

<sup>28</sup> Par de Chapines. España. 1580-1620. Victoria & Albert Museum. Londres. Disponível em : <https://collections.vam.ac.uk/item/O74595/pair-of-chopines-unknown/>. Acesso em 4 jan. 2024.

ser fabricados com tecidos nobres como a seda. “Las mujeres usaran *chapines* com suelas que alcanzaban a veces más de cuatro dedos de grosor” (Madrazo, 1956, p. 44). Os *chapines* podiam inclusive se converter em verdadeiras joias devido o valor nele investido (Madrazo, 1962, p. 22). Na figura 9 podemos ver que Juana I de Castilla (1479-1555), filha dos Reis Católicos, foi representada, em seu sepulcro, fazendo uso de *chapines*.

Figura 9 – Juana I de Castilla retratada com *chapines*



Fonte: Capilla Real de Granada<sup>29</sup>

Um dos elementos mais originais e que caiu nas graças das mulheres nobres de Castela durante o século XV foram os *verdugos*. Segundo Madrazo, eles surgiram por volta de 1470. Estes eram aros rígidos e podiam ser costurados nas saias dos vestidos para dar uma forma mais alargada e volume a estes (Madrazo, 1956, p. 50). Havia outras versões que, ao invés de aros rígidos, eram aros de tecido que davam o mesmo efeito<sup>30</sup>. Ambos poderiam ser enfeitados e encareciam o custo das roupas, pois exigiam um gasto maior de tecido para o efeito a que se propunha causar de deixar as ancas destacadas.

Essa peça atingiu também uma popularidade “internacional” pois, “A fines del siglo XV fue imitado em Italia; en el reinado de Francisco I llegó a Francia y en la segunda mitad del

<sup>29</sup> ORDÓÑEZ, Bartolomé. Sepulcro de Juana I de Castilla y Felipe el Hermoso, 1519-1520. Capilla Real de Granada.

<sup>30</sup> “Por otra parte, también hubo círculos de tela que ahuecaban la falda pero sin dejarla rígida, formando parte de las faldillas interiores, con un traje abierto encima, de manera que solo aparecían parcialmente” (Molpeceres, 2021, n.p).

siglo XVI fue adoptado por las damas de casi todos los países de Europa.” (Madrazo, 1962, p. 22).

Alguns rumores foram criados diante do uso desta peça. Era dito que Juana de Portugal, esposa de Enrique IV - irmão e antecessor da Rainha Católica -, utilizou esse item para esconder uma gravidez que foi fruto de uma relação de infidelidade<sup>31</sup>. Logo, o uso do *verdugo* foi um prato cheio para que moralistas, como o frei Hernando de Talavera, abordasse amplamente sobre os malefícios e perigos da utilização dessa peça e classificassem seu uso como um pecado mortal.

Quando falamos nos *tocados*, ou seja, na variedade de adornos (toucas) para a cabeça, encontramos grande variedade de tipos e modelos. Conforme explica Madrazo (1956, p. 41), “Hombres y mujeres, lo mismo en casa que fuera de ella, rara vez llevaban la cabeza descubierta.” O que mais se destacou e se converteu em um dos preferidos pelas mulheres<sup>32</sup> devido a originalidade foi o chamado *tranzado* ou *cofia de tranzado*. Este consistia em um tecido que recolhia e embutia os cabelos em uma longa trança de tecido que era enfeitada com fitas cruzadas e jóias. Podia variar conforme o penteado adotado pelas mulheres e algumas variações deixavam o cabelo mais à mostra (Molpeceres, 2021, n.p.)

Na figura 10 podemos visualizar o *tranzado* que aparece em uma variação em que os cabelos estão à mostra na parte da frente e todo o restante está embutido em um tecido e decorado com fitas. Além disso, podemos visualizar a personagem retratada com *verdugos* e *chapines*. Estes três itens, portanto, são o reflexo do que muitas nobres utilizavam e eram copiados pela burguesia, que tentava imitar e assim adquirir o mesmo prestígio social da nobreza.

---

<sup>31</sup> “Los verdugos o aros cosidos a la falda para darle forma acampanada a la prenda; la rumorología hizo recaer en Juana de Portugal, esposa de Enrique IV «el Impotente», la difusión de esta prenda vestida por la reina para ocultar el fruto de sus infidelidades; (...)” (Martínez, 2006, p. 351).

<sup>32</sup> “El “tranzado” o “cofia de tranzado” consistía en una larga trenza de tela con cintas entrecruzadas en las que se embutía el pelo, tocado que en la segunda mitad del siglo XV se convirtió en uno de los preferidos por las mujeres en España.” (Gómez-Chacón, 2020, p. 188)

Figura 10 - Salomé com *tranzados*,  
*verdugos e chapines*



Fonte: Museo Nacional del Prado<sup>33</sup>

De acordo com Marsilla (2017, p. 79), embora muitos historiadores tenham destacado que as Cruzadas disseminaram influências orientais na indumentária de várias regiões do continente europeu, sabe-se que em regiões como a Península Ibérica esse contato já era presente por meio de atividades comerciais e contatos cotidianos.<sup>34</sup> A partir desses contatos, ocorreu a disseminação entre as camadas privilegiadas de “(...) las sedas y tejidos exóticos como el brocado, el raso y el terciopelo. La fama de los textiles andalusíes contribuyó a su difusión por las zonas cristianas y, con ellos, las modas califales.” (Molpeceres, 2021, n.p.)

A presença de povos muçulmanos na Península Ibérica, em *Al-Andalus*, por séculos, até o ano de 1492, resultou em múltiplas influências e intercâmbios para ambos os grupos culturais. Através de várias obras que abarcam o período podemos enxergar a grande influência

<sup>33</sup> SEGOVIA, Juan de. La decapitación de san Juan Bautista. 1490 - 1500. Óleo; Témpera. Tabla, 98 cm x 54 cm. Museo Nacional del Prado. Disponível em: <https://www.museodelprado.es/coleccion/obra-de-arte/la-decapitacion-de-san-juan-bautista/1a539971-61dd-45f1-8215-a100c7bfeaa6>. Acesso em 05 ago. 2023.

<sup>34</sup> “Los historiadores franceses y británicos le conceden además mucha importancia a la influencia que ejercieron en sus países las Cruzadas, que abrieron los ojos de los occidentales al refinamiento de la civilización islámica. En realidad ese contacto con lo oriental estaba presente desde mucho antes en la Península Ibérica o en Sicilia, cuya proyección, a través del comercio y los contactos cotidianos, debería ser reivindicada también en el ámbito indumentario.” (Marsilla, 2017, p.79).

que os povos islâmicos exerceram na indumentária cristã, tanto no vestuário feminino quanto no masculino.

María Martínez (2012, p. 188) destacou que houve uma verdadeira fascinação, anterior à conquista de Granada pelos Reis Católicos em 1492: “(...) la fascinación que ejercieron las artes suntuarias islámicas - y en concreto sus tejidos e indumentaria - en los reinos hispanocristianos, lo que contrasta con la realidad histórica (empresa conquistadora y forzosa conversión de los musulmanes) de finales del Medievo.” Essas influências na indumentária se manifestaram em características de peças e itens que foram criadas e são conhecidas por sua originalidade, pois se diferenciavam das formas de vestir do restante da Europa e por terem sido adotadas por grande parte das pessoas que podiam consumir tais artigos. Mais tarde foram caracterizadas como “modas tipicamente españolas”.

La apariencia externa del musulmán, “del otro”, contrastaba y resultaba apetecible para el cristiano por su exótica originalidad, y sería utilizada como elemento diferenciador de riqueza, ostentación y buen gusto por la elite hispanocristiana, y sobre todo por la realeza para manifestar su poder. (Martínez, 2012, p. 189).

Os tecidos suntuosos, como a seda, chamavam atenção e não tardaram até serem incorporados pelas camadas mais privilegiadas. As *camisas*, citadas anteriormente, eram de origem moura e, desde o século X, seu uso já havia se generalizado em todo “território espanhol”; elas podiam ser feitas de linho ou seda, brancas ou coloridas, chegando a ser amplamente utilizadas durante o reinado dos Reis Católicos.<sup>35</sup> Segundo Gómez-Chacón (2020, p. 190), “Durante el reinado de los Reyes Católicos, las telas ricas y las sedas, especialmente aquellas de origen morisco, se convirtieron en las grandes protagonistas de la pompa real, siendo empleadas en la confección de aljubas, tocados, sayas y camisas”.

Ao longo do século XV, a cor preta foi bastante adotada na corte castelhana. Antes, tradicionalmente era utilizada em ocasiões de luto, mas passou a ser adotada e utilizada em outras ocasiões, assim como tons mais escuros, porque realçavam as joias e peles que eram conjuntamente utilizadas (Gómez-Chacón, 2020, p. 182).

---

<sup>35</sup> Madraza (1956, p. 12): “*Camisa*. – En el siglo X estaba ya generalizado el uso de la *camisa*. Había *camisas líneas* (de lino), *camisas siricas* (de seda), camisas blancas y camisas de colores diversos.”

Figura 11 – Ilustração que apresenta o conjunto completo da moda local de Castela: Vestidos pretos, *chapines*, *verdugos* e *tranzado*



Fonte: Códice de Trajes (séc. XVI)<sup>36</sup>

Podemos perceber que a roupa acabava atuando como um “DNA visual” (Martínez, 2006, p. 348) da condição dos indivíduos, uma forma de reforçar a sua posição social. “Se vestía para ser vistos y para ver a los demás, y con ello reconocerse y marcar las oportunas diferencias de grupo o nivel. Dime cómo vistes y te diré quién eres definió el uso social de la ropa.” (Martínez, 2006, p. 355). Devido à intensificação do comércio e ao desenvolvimento têxtil, que possibilitou a difusão de vários materiais como tecidos, cores e adornos, muitos acabavam simulando pertencer a um grupo social ao qual não faziam parte, fragilizando aquela hierarquia social tão cara para a Europa medieval de séculos anteriores. Para frear estas transformações, vários líderes seculares e religiosos começaram a atuar na criação de regras que tentavam limitar e proibir o consumo e uso de determinadas peças, tecidos, cores e materiais que estariam reservados e justificados apenas para diminutos grupos e, assim, minimizar a mobilidade social proporcionada pela moda.

A aparência dos indivíduos era um aspecto tão relevante que, conforme destacamos anteriormente, surgiram as leis suntuárias, promulgadas por vários monarcas ao longo da história europeia<sup>37</sup>. Na Península Ibérica, essas leis tinham como objetivo limitar o consumo e

<sup>36</sup> Códice de Trajes. (1500-1599?). Manuscrito. Século XVI. Disponível em: <http://bdh.bne.es/bnearch/detalle/bdh0000052132>. (página 7) Acesso em 20 dez. 2023.

<sup>37</sup> Mas não se limitam à Europa medieval, segundo Vieira (2007, p. 47): “As leis suntuárias possuem abrangência mundial. Há evidências de sua existência na Europa, Ásia (China e Japão), América do Norte (Estados Unidos)

acesso de grupos em ascensão a determinados produtos (tecidos, cores, matérias-primas, etc.) sob a pena da aplicação de uma multa, tanto para aqueles que produziam, quanto para aqueles que consumiam.

Procede señalar, sin embargo, que las leyes suntuarias no regulan todos los tipos de consumo, sino solo los que consideraban excesivos, es decir suntuosos: el foco de atención es lo superfluo, y el objetivo de la ley es refrenar el lujo y las formas de cambio, sustitución y reemplazo instigadas por la moda. (Riello, 2012, p.19)

Essas leis “tinham como principal objetivo frear o consumo, reforçar a hierarquia social e possibilitar a diferenciação social e de sexo a partir das vestes, em resumo, uma identificação externa.” (Vieira, 2017, p. 7-8). Era preciso estabelecer uma ordem social que fosse possível diferenciar um nobre de um burguês, estes últimos, apesar da condição financeira, não pertenciam à nobreza e, portanto, não poderiam falsear essa identidade social.

En algunos casos el tono adquiere un carácter marcadamente moral. No es casualidad que este sea el principio guía de otro grupo que no ama la moda: los hombres de iglesia. Sacerdotes, monjes y predicadores se lamentan una y otra vez de que la atención puesta en la indumentaria distrae no solo de los verdaderos fines de la vida terrenal, sino también de los de la vida del más allá: la moda es una transgresión a la fe y, como tal, una afrenta a Dios. (Riello, 2012, p. 20)

As leis suntuárias tentavam inibir a subversão que o consumo de itens, que logo se tornariam uma moda, abalasse as aparências daquelas sociedades. Essas leis determinavam que “(...) quienes no fuesen nobles no tuviese un determinado nivel de fortuna no podrían vestir sedas, pieles ni determinados vestidos reservados a la elite.” (Martínez, 2006, p. 348).

Em Valladolid, desde 1258, existiam legislações que determinavam o que alguns grupos marginalizados, como mouros e judeus, deveriam vestir para serem facilmente identificáveis (Vieira, 2017, p. 6-7). Mas, o grupo que aparece com uma certa frequência nestas leis são as mulheres.

Mulheres são nesse momento as que mais aparecem retratadas nas leis com relação às vestes suntuosas. Acreditamos que esse fato ocorre porque os homens dessa sociedade demonstram nas mulheres o poder que possuíam; porque havia uma preocupação para que as mesmas não incidissem ou não conduzissem outros sujeitos ao pecado e à infração; ou simplesmente porque elas infringiam as leis com mais frequência que os homens, gerando a necessidade de intensificar as regras.(Vieira, 2017, p. 94-95)

Apesar de existirem, as leis suntuárias não foram eficazes para controlar os avanços da moda. As proibições de artigos de luxo deram espaço para a capacidade criativa de alternativas que imitavam o resultado daquilo que era proibido. Thaiana Vieira concluiu que:

Entretanto, o que mais acontece, e sobre o que a maioria dos estudiosos das leis

---

e também no mundo árabe. As mais antigas remontam às civilizações da Antiguidade Clássica, Grécia e Roma, quando as normatizações tratavam majoritariamente de impor limites aos funerais. Apenas em fins da Idade Média o principal foco dessas leis passou a ser o controle da aparência, especialmente por meio do vestuário.”

suntuárias concordam, é que essas foram pouco cumpridas. Os sujeitos acabavam criando novas combinações de tecidos, adereços, penteados e burlavam as leis. Ou simplesmente aceitavam as multas que eram impostas àqueles que infringissem e seguiam utilizando suas roupas e manipulando a aparência instituída a cada grupo. Uma consequência desses fatores é a hierarquia estratificada que começa a ruir e a abrir espaço para grupos ascendentes, a longo prazo. (Vieira, 2017, p. 121)

### 3.4 O GUARDA-ROUPA DA RAINHA ISABEL I DE CASTELA

A rainha Isabel I assumiu o trono em Castela em um contexto de disputa política. Seu irmão e antecessor, Enrique IV, tinha apenas uma filha, que seria sua sucessora. Logo, os opositores do rei promoveram a difamação da sua esposa, como estratégia para acusar sua sucessora de ser filha ilegítima. A rainha consorte foi acusada de ser amante do favorito do rei, Beltran de la Cueva, e a princesa passou a ser chamada de "Juana, la Beltraneja", em referência a seu suposto pai. Após a morte do seu irmão, o rei Henrique IV, Isabel de Castela ascendeu ao trono em 1474, com a necessidade de que a boa condução do reino não fosse ameaçada por escândalos e erros morais. A partir desse momento, várias figuras de autoridade que circundavam a corte, como Hernando de Talavera, seu confessor, se empenharam em orientar e advertir as práticas de Isabel a fim de que suas virtudes e boas ações pudessem legitimar o seu governo (Mércuri, 2019).

A corte de Castela, desde o século XV, se converteu em um espaço de criação e de surgimento de novidades para competir com outras cortes no quesito luxo e extravagância<sup>38</sup>. Os Reis Católicos em suas aparições públicas adotaram a indumentária como um recurso político de propaganda visual que externalizava o poder e autoridade por eles consolidado (Gómez-Chacón, 2022). Desde a primeira aparição como rainha de Castela, Isabel I chamou a atenção por seus trajes ricamente adornados. Comentários de admiração, mas também de reprovação pelo exagero de suas vestes, constam em crônicas da época. Essa promoção pela imagem era até então uma estratégia masculina, mas passou também a ser adotado pela Rainha (Gómez-Chacón, 2022).

A moda era um recurso de conotação política, econômica e social (Escalera Fernández, 2023, p. 42.). Consciente disso, Isabel de Castela não só se utilizava de ricos tecidos para seus vestidos, como também de joias. Segundo consta, “Los joyeles se solían llevar en el pecho, ya fuesen prendidos de los vestidos o colgando de cadenas o collares.” (Escalera Fernández, 2023,

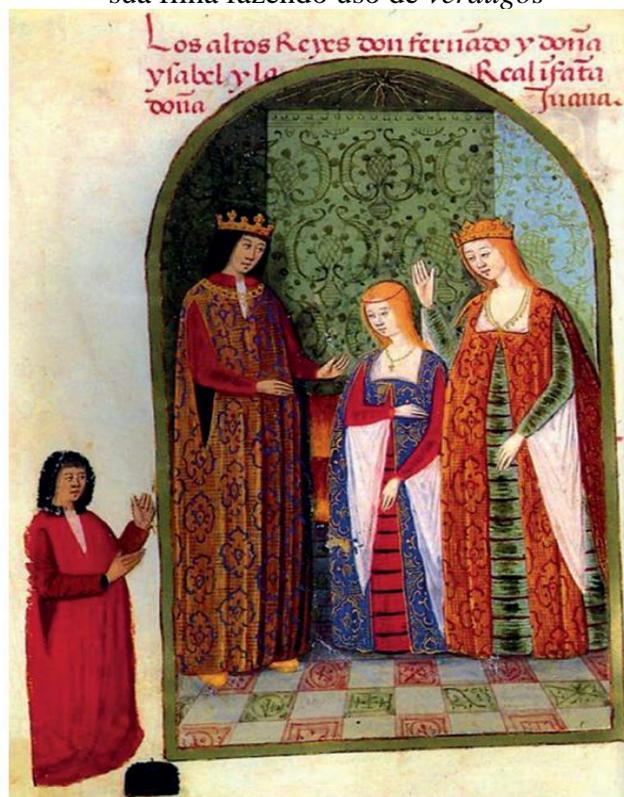
---

<sup>38</sup> “Esta se convierte en uno de los principales centros de creación de nuevas tendencias y de producción de nuevos códigos de comportamiento, al contar con los suficientes medios económicos como para competir en magnificencia, lujo y extravagancia con otras cortes.” (Gómez-Chacón, 2022, n.p.).

p. 52). Ricos tecidos e joias comunicavam o prestígio de sua condição, a promoção da opulência de seu reinado e o seu poder.

Sendo assim, a rainha Isabel se converteu em uma das principais representantes da moda de Castela. Fazia constante uso dos *verdugos*. Em fontes variadas, temos retratado o uso de *verdugos* por Isabel: “Una relación anónima relata cómo la aún princesa Isabel recibió en 1473 en Alcalá de Henares la visita de los embajadores de Borgoña. (...), la princesa apareció ataviada con 'un brial de brocado carmesí verdugado de cetí verde y una ropa de cetí larga'” (Gómez-Chacón, 2020, p.188).

Figura 12 – Ilustração da rainha Isabel de Castela e sua filha fazendo uso de *verdugos*



Fonte: Biblioteca Museo Condé (1500)<sup>39</sup>

---

<sup>39</sup> MARCUELLO, Pedro. Los Reyes don Fernando y doña Isabel con la infanta Juana. Rimado de la Conquista de Granada, 1500. Biblioteca Museo Condé, Castillo de Chantilly., Francia.

Figura 13 – Ilustração de Isabel e filhas com *verdugos* falsos



Fonte: Biblioteca Museo Condé (1500)<sup>40</sup>

Gómez-Chacón (2020, p. 189) relata que a compra de *verdugos* foi registrada nas compras da Rainha até o ano de 1492, porque a partir dessa data os *verdugos* com aros rígidos, como observado na figura 12, começaram a ser substituídos por adornos que simulavam os aros sem a rigidez, mas que chegavam ao mesmo resultado de armar as ancas (figura 13).

Os *chapines* também apareceram como peças que a rainha Isabel de Castela utilizava. Devido a riqueza empregada na confecção destes, chegavam a ser classificados como verdadeiras joias. Gómez-Chacón (2020, p. 190) destaca que, nos documentos do tesoureiro dos Reis Católicos, Gonzalo de Baeza, “(...) se registran numerosos pagos por la confección de chapines con guarniciones de plata dorada, hebillas, cabos dorados y caireles para la reina Isabel I y las infantas. Ante la riqueza de los materiales empleados en su confección, los zapatos se convirtieron en auténticas joyas.”.

<sup>40</sup> MARCUELLO, Pedro. Isabel I de Castilla com falsos *verdugos*. Rimado de la conquista de Granada, 1500. Biblioteca Museo Condé, Castillo de Chantilly, Francia, Ms 1339..

Também são relatados o uso do *tranzado* e o gosto da Rainha por peças mouras<sup>41</sup>. Fazer uso de todos esses elementos não era apenas um capricho, não devemos esquecer que a moda funcionava como um sistema de comunicação seja de prestígio ou poder: “Portar ricas joyas y vestidos era sinónimo de poder, por eso Isabel la Católica adquirió tantos objetos valiosos y los exhibió en diferentes momentos de su vida.” (Escalera Fernández, 2023, p. 45). Contudo, não podemos duvidar do gosto de Isabel pela moda.

Sendo assim, a Rainha externalizava a sua posição e condição através da indumentária e se tornou uma das principais representantes da moda local. Porém, a sua posição social não impediu que ela fosse alvo de críticas. Por mais que Isabel fosse uma Rainha poderosa e gozasse de inúmeros privilégios, ela também era vista por moralistas da época como uma mulher que deveria dar exemplo de bom comportamento e conduta para outras mulheres.

O *Tratado* escrito no século XV por seu confessor, Hernando de Talavera, tinha uma dimensão política e didática, já que buscava orientar e direcionar não só nobres do reino, como também os reis, que deveriam ser espelhos para a população local. O Frei partia da concepção de que a boa condução do reino estaria atrelada diretamente à presença ou à falta de virtudes dos governantes, que, com a criação de leis, poderiam conduzir o reino de forma eficiente ou direcioná-lo para o pecado.

O seu *Tratado* foi escrito diante da recusa de algumas mulheres nobres de Valladolid em aceitar a interferência religiosa na regulação da vestimenta. Assim, “(...) Talavera adopta pues un tono colérico para condenar sin ambigüedades tales comportamientos” (Codet, 2017, p. 5). Codet (2017, p. 6) argumenta que esta obra não foi escrita exclusivamente para as mulheres, mas foi direcionada para toda a população, tanto da cidade de Valladolid quanto do reino de Castela. Desse modo, o Frei não teria poupado o uso de palavras de reprovação ao comportamento das mulheres. A autora destaca que, quando se dirigia, em outras obras, especificamente ao público feminino, ele buscava amenizar o seu tom misógino.

Quando escreveu a sua obra, Hernando de Talavera já era o confessor da rainha Isabel. No *Tratado*, o autor menciona um tipo ideal de rainha que, através de suas atitudes, poderia educar o seu reino. Logo, o Frei não dispensava a oportunidade de lembrar a rainha Isabel qual deveria ser o seu papel, “(...) é representativo de que também ela aspirava ser aconselhada nesse sentido e havia concedido auspícios a esse tipo de recomendação.” (Mércuri, 2019, p. 96).

---

<sup>41</sup> “Por último, a los tranzados, verdugos, chapines y textiles de gusto morisco, se sumaron otros productos nacionales como los apreciados perfumes de Sevilla o los denominados “guantes de Ocaña.” (Gómez-Chacón, 2020, p. 192).

No ano de 1493, temos uma troca de correspondência entre Isabel e o Frei. A Rainha se encontrava em Barcelona e o Frei escreveu para ela, reprovando o luxo das roupas e da celebração das festas com o qual toda a Corte teria recebido alguns embaixadores franceses, afinal, ele considerava importante que a rainha afastasse de sua imagem tudo aquilo que pudesse lhe trazer desonra e má fama, dentro ou fora do reino:

No reprehendo las dádivas y mercedes... No las honras de cenar y hacer collación a vuestra mesa... No el gasto de las ropas y nuevas vestiduras, aunque no carezca de culpa lo que en ello ovo demasiado... Mas lo que, a mi ver, of tendió a Dios multiphariam multisque modis, fué las danzas, especialmente de quien no debió danzar... y más la licencia de mezclar los caballeros franceses con las damas castellanas en la cena y que cada uno llevase a la que quisiese de rienda. O nephas et non fas!... O quán edificados irán los franceses de la honestidad y gravedad castellana!... ¡ O, si yo lo entiendo, quánto pierde mi Reina y mi soberana señora en ello! (*Apud* Rodríguez Valencia, 1970, p. 361)

Porém, a Rainha lhe escreveu em resposta, contestando o que o Frei julgava saber. A mesma disse que a intenção da carta não era pedir desculpas, porque ela não havia cometido os erros do qual estava sendo acusada, mas tinha a intenção de esclarecer os fatos do que teria acontecido:

...No quería parecer que me disculpo. Mas porque me parece que dixeron más de lo que fué, diré lo que pasó para saber en qué hubo yerro; porque dezís que danzó quien no debía; pienso si dixeron allá que danzé yo, y no fué, ni pasó por pensamiento, ni puede ser cosa más olvidada de mí”.

Los trajes nuevos no hubo, ni en mí ni en mis damas, ni aun vestidos nuevos, que todo lo que yo allí vestí abía vestido desde que estamos en Aragón, y aquello mesmo me abían visto los otros franceses”. Solo un vestido hize de seda y con tres marcos de oro el más llano que pude: esta fué toda mi fiesta de las fiestas. (*Apud* Rodríguez Valencia, 1970, p. 362-363)

Fidel Fernández (1942, p. 34) menciona que o Frei de Talavera exerceu forte influência na vida da Rainha e ela se deixou ser guiada por ele em muitos aspectos de sua vida, sendo muito obediente aos seus conselhos. Porém, como podemos ver no trecho desta carta, a Rainha, ao considerar injusta a censura dirigida a ela por um suposto comportamento seu, escreveu uma carta endereçada à Hernando de Talavera demonstrando seu descontentamento com aquilo que ela considerava um exagero e injustiça da parte dele.<sup>42</sup>

Essa troca de correspondências revela uma profunda preocupação do Frei com a imagem da Rainha; ela deveria ser o maior exemplo de expressão de dignidade e moralidade, e educar através de sua conduta, pois como já foi dito, para ele, a condução de um reinado seria o apenas

<sup>42</sup> FERNANDEZ, Fidel. Fray Hernando de Talavera: Confesor de los Reyes Católicos y primer Arzobispo de Granada. Madrid: Biblioteca Nueva, 1942. Disponível em: <https://www.cervantesvirtual.com/obra/fray-hernando-de-talavera-confesor-de-los-reyes-catolicos-y-primer-arzobispo-de-granada-789245/>

o reflexo daquele que o governa:

Ser confesor de la reina, actuar sobre su conciencia significaba también trabajar para legitimar su superioridad. Para Talavera era de fundamental importancia que Isabel diera una imagen de alto nivel de moralidad: el poder no es sólo su ser, sino también su saber ser, su representación y escenificación. No es casual que fuera él quien escribiese un tratado sobre cómo vestir y calzar, donde alecciona a los clérigos para que tengan un aspecto que denote la dignidad que corresponde a los representantes de Dios en la tierra. (Iannuzzi, 2018, p. 81)

Pelo menos três obras de Hernando de Talavera foram dedicadas à instrução de comportamento de mulheres nobres ou religiosas e para cada público que o seu discurso é direcionado o autor buscou estratégias para se fazer entender. Não devemos esquecer que o Frei sofreu influência de heranças culturais e ideológicas precedentes que contribuiriam para a sua visão sobre uma “natureza feminina”.

### 3.5 A CONDIÇÃO DAS MULHERES NO MEDIEVO

Pensar a condição das mulheres no Medievo é desafiador. Longe de conseguir abarcar todas as experiências femininas de um milênio de história, a intenção é traçar um panorama de alguns debates de natureza religiosa sobre a condição das mulheres e como elas eram vistas a partir de uma perspectiva clerical masculina.

Não é novidade que a produção eclesiástica masculina nos últimos séculos da Idade Média teve uma predominância de escritos misóginos, que colocavam a mulher como um ser inferior e limitava os lugares que elas poderiam frequentar (Deplagne, 2019, p. 53). Muitos que escreveram sobre a condição das mulheres, suas fragilidades e defeitos se mantinham enclausurados, longe do convívio com elas (Dalarun, 1990, p. 29), mas partilhavam de certa ambição em defini-las.

No livro *História das Mulheres*, no volume que trata sobre Idade Média, no primeiro capítulo, intitulado “*Olhares de clérigos*”, o historiador Jacques Dalarun (1990) nos apresenta três prelados franceses que viveram durante o século XII e contempla o pensamento que eles tiveram para com o universo feminino. Suas formulações de saberes misóginos sobre as mulheres estiveram apoiadas em exemplos extraídos dos livros bíblicos, em obras da tradição cristã, principalmente dos séculos IV e V, e em obras latinas do mundo clássico (Dalarun, 1990, p. 38-39).

Séculos depois, várias dessas mesmas referências puderam ser encontradas na Península Ibérica no manual de Hernando de Talavera, escrito em 1477 em Valladolid e publicado em

1496 em Granada.

Talavera cita entre los profetas a Elías, Isaías, Baruch, Isaac, Ezequiel, Daniel, Eliseo, David, Moisés y Sofonias; entre los Padres de la Iglesia menciona a Basilio, Ambrosio, Juan Crisóstomo y Cipriano, mientras que los Apóstoles de referencia son Pedro y Pablo. También usa ejemplos procedentes de la vida de algunos santos tales como Gabriel, Cecilia, Martín, Sebastián, Marina, Jerónimo y Tomás; episodios bíblicos procedentes del Génesis, los Salmos, Libro de los Reyes, los Evangelios de Juan y Lucas, el Apocalipsis, los Hechos de los Apóstoles, aparte de referencias a otros episodios des Viejo Testamento. Cita también a Tomás de Aquino e Isidoro de Sevilla, y hace referencias explícitas a Platón y a la Filosofía Natural. El recurso a la Patrística y a los filósofos clásicos es de primera mano.” (Castro, 2001, p. 18-19)

A biblioteca de Hernando de Talavera demonstrava um vasto conhecimento, contendo nada mais do que 182 volumes que contemplam, além das mencionadas obras, exemplares de direito civil e canônico e traduções dos autores árabes, Avicena e Averróis (Castro, 2001, p. 19).

Hernando de Talavera (1428-1507) teve uma relevante atuação eclesiástica. Estudou e foi professor de Filosofia Moral na Universidade de Salamanca. Em 1466, ingressou na ordem de São Jerônimo e foi por dezesseis anos prior em Valladolid. Em 1475, conheceu Isabel de Castela e se tornou o seu confessor. Em 1492, após a conquista cristã de Granada, foi nomeado arcebispo daquele reino. No ano de 1477, escreveu o *Tratado provechoso que demuestra cómo en el vestir y calçar comúnmente se cometen muchos pecados*, que seria publicado apenas em 1496. Hernando de Talavera dedicou parte de seus esforços em realizar recomendações e críticas às questões morais relacionadas à vestimenta e alimentação de homens e mulheres do reino castelhano e não fugiu à contribuição de um pensamento misógino em relação às mulheres e ao vestuário feminino. Em seu *Tratado* existe um extenso material para compreender como os integrantes do clero enxergavam as mulheres e o papel que elas deveriam desempenhar na sociedade. Seus escritos contribuem para a afirmação de que o Frei corroborava com um quadro teórico construído durante toda a Idade Média, ao tentar explicar a suposta natureza feminina e a condição delas no mundo após expulsão do Éden. A lente para ler as mulheres adotada por vários homens nos espaços eclesiásticos, mas não somente nesses espaços, disseminava e reforçava um modelo, um paradigma que deveria atender aos anseios masculinos e cristãos. Mas não devemos esquecer que esses escritos eram por vezes uma contraposição à realidade latente nas entrelinhas. Sendo assim, é preciso ter os sentidos atentos para apreender fragmentos verossímeis do passado.

Em diversos estudos e pesquisas sobre o período medieval é possível encontrar referências à figura de Eva e ao pecado original. Existem inúmeros escritos que foram produzidos no Medievo que argumentam, a partir desse episódio de *Gênesis*, que a mulher era

a porta de entrada da perdição para todos os homens. Eva, com a sua fraqueza, teria condenado toda a humanidade ao sofrimento terreno e todas as mulheres estariam definidas eternamente como mais suscetíveis ao pecado. Assim, caberia aos homens o papel de controlá-las e de garantir que elas desempenhassem sua função biológica de reprodução. A figura de Eva aparece como um símbolo perigoso e endossa e legitima o discurso de subordinação das mulheres.

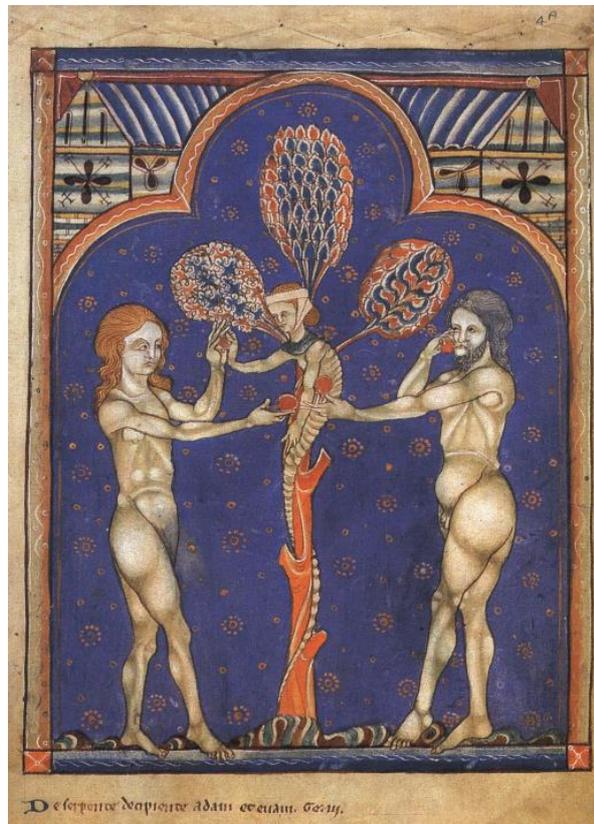
Em seu *Tratado*, Hernando de Talavera fala sobre a inclinação das mulheres para a cobiça do saber e para o mal desde o princípio:

Y las personas que menos creen que esto se pueda vedar y >que< más quieren tra/n/scender son algunas mugeres, y esles de sup/p/ortar porque es su natural desde la primera muger que traspasó el mandamiento por cobdicia de saber. Sereys – le dixo la serpiente – assi como dioses sabientes bien e mal, e no fue más menester, prestas para creer el mal y tardineras para el bien. (Talavera, 2001, p.27)

Criada logo depois do homem e a partir dele, a figura de Eva esteve presente com ênfase nos escritos e no imaginário masculinos, mas também na iconografia do período, que era um elemento marcante nesta sociedade e muito relacionada aos preceitos religiosos. A representação da imagem da mulher no período medieval, seja ela profana ou religiosa, contempla o imaginário que se tinha da condição feminina neste período.

As miniaturas presentes em saltérios, por exemplo, podiam ser utilizadas para fins educativos, os salmos serviam para o estudo do latim e assim a língua ia sendo aprendida por jovens tal como as mensagens que essas miniaturas também transmitiam (Frugoni, 1990, p. 473). Em uma delas, contida em um saltério do século XIII (Figura 14), podemos ver a representação do pecado original.

Figura 14 - Miniatura que representa o pecado original: Adão, Eva e a serpente-mulher que está utilizando uma coifa



Fonte: Livro - História das mulheres: A Idade Média (1990)<sup>43</sup>

Podemos perceber que a serpente que representa o diabo aparece antropomorfizada com a aparência de uma mulher, mas não uma mulher qualquer, essa mulher está com um penteado e adorno na cabeça preso sob o queixo. Esse adorno é conhecido como coifa e era um dos itens de moda feminina da época. Isso denota uma visão negativa das tendências de moda e uma ligação desses itens com o pecado e o aliciamento para o mal. A serpente está virada para Eva que por sua fraqueza não resiste à tentação; como resultado, Eva come o fruto proibido que também é oferecido ao homem. Adão então é conduzido ao pecado por sua parceira e assim se concretiza a perdição e a condenação de toda a humanidade (Frugoni, 1990, p. 473).

A mensagem que a Igreja passa aos fiéis e que alimenta o seu imaginário – influenciando dialeticamente o masculino no confronto com a mulher e o feminino na imagem que a mulher tem de si mesma – é de uma profunda diversidade no tratamento dos homens e das mulheres: os primeiros são pecadores devido ao uso excessivo das suas capacidades e iniciativas, ou por serem incapazes de controlar impulsos e sentimentos; as outras, pelo contrário, não devem empenhar-se em nada, porque o seu corpo já as transporta inexoravelmente para a transgressão; *não são um sujeito pecador, mas um modo de pecar, oferecido ao homem.* (Frugoni, 1990, p. 475)

<sup>43</sup> A tentação de Adão e Eva. Miniatura de um saltério (ca. 1270-1280) Cambridge, Saint John's College. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. História das mulheres: A Idade Média. Porto: Afrontamento, 1990, p. 472.

Com a ascensão da moda, a partir do século XV, na iconografia, as mulheres seguidoras das novas tendências acabaram sendo associadas ao macabro, à sexualidade, ao transitório e à face da morte. Joias, vestidos, penteados eram associados à corrupção da carne e, desse modo, “As mulheres vestidas à moda (...) tornaram-se assim o símbolo máximo de um mundo material demasiado transitório, corrompido, desde a sua origem pelo pecado de Eva.” (Hughes, 1990, p.193). Temos como exemplo o quadro (figura 15) *A tentação de São Jerônimo*, do pintor barroco espanhol Francisco Zurbarán (1568-1664); nele é retratado o momento em que São Jerônimo é tentado no deserto. Aparece para ele mulheres ricamente vestidas e adornadas de acordo com a moda da época, carregando instrumentos musicais. O Santo encontra-se rejeitando toda a cena que lhe é apresentada e resistindo às tentações mundanas que encarnam formas femininas. Há outros exemplos de obras que trazem o diabo disfarçado de mulher ou o inferno como um lugar cheio de mulheres condenadas. Isso demonstra não só um interesse em falar sobre as mulheres, mas em criar e reproduzir uma determinada imagem do sexo feminino.

Figura 15 – Quadro de São Jerônimo resistindo à tentação, ou seja, mulheres caracterizadas com roupas luxuosas



Fonte: Mosteiro de São Jeronimo (1640)<sup>44</sup>

As mulheres precisavam de um modelo positivo para se espelhar. Logo, a imagem da santa Maria é apresentada como um contraponto à imagem de Eva. Virgem, mãe e santa, um

<sup>44</sup> ZURBARÁN, Francisco de. Tentación de San Jerónimo. 1640. Óleo sobre tela (235 x 290 cm). Mosteiro de São Jeronimo, Guadalupe, Espanha.

perfil que por si mesmo era inalcançável. Assim, “Maria, cujo culto expandia-se na baixa Idade Média, é apresentada como símbolo de perfeição e como modelo de um feminino utópico, inexistente fora dos limites dessa representação.” (Brochado, 2014, p. 384).

Havia também o conhecimento médico produzido durante a Idade Média. Muito do que se sabia fora herdado do contato e da tradução de obras de vários pensadores do mundo antigo propagado pelos árabes<sup>45</sup>. Esse conhecimento nas mãos dos representantes da Igreja contribuiu e reforçou a formulação de diversas obras que tiveram como centro de discussão a posição da mulher. Nesses espaços de produção de saberes, havia a noção de que a anatomia dos “(...) órgãos femininos são objecto de juízos depreciativos que fazem deles apenas cópias muito inferiores ao que existe no homem.” (Thomasset, 1990, p.78) e que “A finalidade da Natureza é o ser perfeito, o macho. (...), e o ser feminino não é mais do que (...), um macho em potência, cujo devir foi contrariado, um ser falhado, incompleto, mutilado.” (Thomasset, 1990, p. 82).

Apesar de tudo isso, a relação entre homens e mulheres no Medievo nem sempre esteve apoiada na ótica binária de opressão e sujeição<sup>46</sup>. Existiram nuances que possibilitam compreender com maior verossimilhança as relações entre os gêneros. Existiram muitas mulheres que tiveram protagonismo no meio que viveram e que, apesar das circunstâncias, não podem ser reduzidas à submissas, ignorantes e sem reconhecimento no período medieval. Mas isso não quer dizer que não houve aquelas que foram caladas, violentadas, e estavam sujeitas a todas as privações de liberdade.

Ainda neste contexto, a historiadora Maria Filomena Dias Nascimento levanta argumentos importantes e necessários para entender as relações de gênero e a construção da imagem da mulher por homens do âmbito religioso,

No final de contas não devemos esquecer que a maior parte desta produção literária foi escrita por homens celibatários, o que sem dúvida terminou por refletir suas convicções, desejos e fobias em relação à mulher. Embora estas construções teóricas tenham influenciado de alguma maneira os comportamentos sociais, não se pode incorporá-las à construção histórica sem levar em consideração a existência de outras fontes. A condição feminina era algo que preocupava mais os teóricos e eclesiásticos que a sociedade laica em geral. (Nascimento, 1997, p. 86)

Toda essa produção de discursos que desmoralizam as mulheres culminou em um processo chamado de *Querelle des Femmes* que basicamente era um debate literário com textos produzidos por homens e mulheres que se colocavam em ataque ou defesa das mulheres, cada

<sup>45</sup> “Qualquer representação da mulher e da sexualidade é legada pela ciência antiga, transmitida pelos sábios árabes. Esses conhecimentos foram portanto elaborados por homens que obedeciam a uma lei moral diferente. Estes textos serão lidos e explorados enquanto a Igreja tenta instaurar regras que regulem cuidadosamente a sexualidade e põe em prática a instituição do casamento.” (Thomasset, 1990, pg. 66)

<sup>46</sup> DEPLAGNE, Luciana Calado. A contribuição dos escritos de mulheres medievais para um pensamento decolonial sobre Idade Média. *Signum*, v. 20, n. 2, p. 24-56, 2019, p.27.

qual com o seu arsenal de argumentos que poderia se basear desde na interpretação e reinterpretação de passagens e personagens bíblicos, quanto de conhecimentos médicos e científicos da época. Cabe ressaltar que:

No contexto de uma literatura que insiste no menosprezo ao sexo feminino, tendo como base tanto o discurso teológico quanto os incipientes saberes científicos, é importante perceber que algumas mulheres levantaram suas vozes, também através da literatura, com o objetivo oposto. (Brochado, 2012, p. 46)

Para pensar essas questões, vamos abordar duas personagens que nos ajudam a entender as nuances das relações de gênero e desconstruir concepções binárias de experiências entre homens e mulheres. Christine de Pizan é um grande nome quando pensamos na produção feminina anti misógina e intelectual da Baixa Idade Média e que foi uma das principais personagens em defesa das mulheres na *Querelle des Femmes*. É certo que o seu contato com camadas mais privilegiadas da sociedade francesa do século XIV contribuiu para a formação do seu conhecimento e estudos.

Christine de Pizan (1365-143?) foi a primeira, no contexto em que vivia, a se sustentar através da profissão da escrita, tendo como característica em muitos dos seus escritos, a apologia do feminino (Costa; Costa, 2021, p. 6-15). Seu pai, Tommaso di Benvenuto Pizan, era italiano e foi médico, professor da Universidade de Bolonha e astrólogo. Ele se transferiu com sua família para a França para ser nomeado como secretário do rei Carlos V (1338-1380). Desse modo, Christine teve contato com a corte, a biblioteca e os livros que a compunham e influenciavam a produção de conhecimento erudito dos franceses da época. Com quinze anos de idade se casou com Etienne du Castel que também exercia funções junto à corte francesa. Após a morte de seu pai, em 1390 chega a vez de seu marido. Viúva e com uma situação financeira fragilizada, Pizan “(...) decide dedicar-se às letras, numa tentativa de sustentar a si, a mãe, os dois irmãos, os três filhos e uma sobrinha que tinha a seu encargo, (...)” (Costa; Costa, 2021, p. 8)

Em seu *Livro da Cidade das Damas (Livre de la cité des dames)*, publicado em 1405, Pizan nos revela logo nas primeiras páginas o que motivou a escrita de sua obra:

Perguntava-me quais poderiam ser as causas e motivos que levaram tantos homens, clérigos e outros, a maldizer as mulheres e a condenar suas condutas em palavras, tratados e escritos. Isso não é questão de um ou dois homens, (...). Filósofos, poetas e moralista, e a lista poderia ser bem longa, todos parecem falar com a mesma voz para chegar à conclusão de que a mulher é profundamente má e inclinada ao vício. (...) Era quase impossível encontrar um texto moral, qualquer que fosse o autor, sem que, antes de terminar a leitura, não me deparasse com algum capítulo ou cláusula repreendendo as mulheres. (Christine de Pizan, 2012, p. 58-59.)

Em sua obra, ela menciona um conjunto de mulheres da tradição cristã e da antiguidade, evocando seus exemplos de vida que contestam o que era afirmado por muitos sobre a

inferioridade feminina. Assim, Pizan “(...) irá construir uma cidade utópica constituída por mulheres, tendo como exemplos mulheres virtuosas de todos os tempos, que viveram em mundos feitos por e/ou para homens, as quais são reinterpretadas por ela a partir e/ou em proveito das mulheres.” (Costa; Costa, 2021, p. 14-15).

Sobre Eva, Christine de Pizan equivale a capacidade de inteligência entre homens e mulheres, já que, por ter sido feita da costela de Adão, a mulher também teria tido acesso à mesma centelha divina da criação que seu parceiro, o que tornaria os dois seres igualmente racionais (Costa; Costa, 2021, p. 15-16).

Christine de Pizan atribuiu o uso das roupas de moda ao prazer daquele que a usa do que a uma forma de sedução promovida pelas mulheres. Sabe-se que, “Na sua cidade, que a Razão, a Justiça e a Rectidão tinham construído para proteger as mulheres das flechas dos homens, os vestidos à moda tornam-se um desejo legítimo, usados não para seduzir os outros mas apenas para o prazer daquele que o usa.” (Hughes, 1990, p. 207)

Já no contexto iberico medieval temos a abadessa Isabel de Villena. Ela nasceu em Valência por volta do ano 1430 e morreu em 1490. “Era filha ilegítima do nobre e escritor catalão Enrique de Villena e foi criada na corte de sua tia e prima Maria de Castela, esposa de Alfonso, o Magnânimo.” (Brochado, 2014, p. 375). Durante o tempo em que viveu, teve fortes contatos com as cortes do período; essa posição privilegiada concedeu a ela acesso à espaços de saber e possibilidade de produção dele.

Seus escritos são considerados uma resposta à *Querelle*, produção literária em torno da suposta inferioridade das mulheres (Brochado, 2014, p. 374). Isabel de Villena ficou muito conhecida por seu livro “*Vita Christi*”. Nele escreveu sobre Jesus e o contato do mesmo com as mulheres que foram relatadas no evangelho. Escreve sobre a figura de Eva, Maria e para compor essa tríade evoca Maria Madalena, que se apresenta como um caminho mais acessível e modelo positivo para a redenção, confissão e salvação dos pecados para todas as mulheres.

Sobre Maria Madalena, Isabel de Villena discorda da atribuição da fraqueza como algo inerente ao feminino. Para isso, rememora

(...) a coragem de Maria Madalena por permanecer ao lado de Jesus em todos os momentos. Até mesmo quando os próprios apóstolos teriam abandonado o sepulcro de Jesus, ela permanecera ali sem demonstrar medo. O Jesus de Villena argumentará – no intuito de justificar sua predileção por Maria Madalena – que ela nunca o renegaria, como o faria o seu amado Pedro. (Brochado, 2014, p. 379)

Dentre as temáticas que Villena aborda, temos a questão do pecado da luxúria e da infidelidade feminina, assim sendo, Isabel fala sobre o episódio de apedrejamento de Maria Madalena, no qual os que estavam presentes foram convidados a repensar se não possuíam

algum pecado por estarem a julgar a outrem:

Ao referir-se ao adultério feminino, por exemplo, Villena não sugere nenhum castigo físico como punição. Com base no conhecido episódio do encontro entre Madalena e Jesus, quando essa era lapidada, Villena sugere para a mulher pecadora a conversão e a remissão dos pecados. Para a autora, Jesus teria perdoado Maria Madalena – e, dessa forma, feito com que ela se convertesse e o amasse – por não desejar a morte para os pecadores e sim a conversão deles (Villena, 1987:90). (Isabel de Villena Apud Brochado, 2014, p. 382)

E se colocava em defesa das mulheres e da natureza feminina:

No contexto de uma literatura que insiste no menosprezo ao sexo feminino, tendo como base tanto o discurso teológico quanto os incipientes saberes científicos, é importante perceber que algumas mulheres levantaram suas vozes, também através da literatura, com o objetivo oposto. (...) Villena, na voz de Jesus, ameaçou os homens com a ira divina da mesma forma que os seus coetâneos ameaçavam as mulheres: ... e os que falam mal das mulheres sofrerão a minha ira. (Isabel de Villena Apud Brochado, 2014, p. 390)

Segundo Maria Filomena Dias Nascimento (1997), no campo religioso existiam controvérsias em relação à ocupação de funções eclesiais por mulheres ou até mesmo a proibição destas de tocar ou frequentar locais sagrados. Existia a crença de que o sangue menstrual era um sinal da corruptibilidade moral das mulheres, pois “Acreditava-se que o sangue menstrual impedia a germinação das plantas, matava a vegetação, oxidava o ferro e transmitia raiva aos cachorros.” (Nascimento, 1997, p. 86). Mesmo assim, existem fontes que relatam a existência de mosteiros fundados por mulheres aristocráticas entre os séculos XII e XIII em Leão e Castela. Entre os objetivos desses mosteiros estavam a “(...) necessidade de recluir aquelas mulheres que não estavam destinadas ao casamento” (Nascimento, 1997, p. 87) e “(...) pudemos constatar que existia um projeto feminino de construção de um lugar de acolhida para as mulheres da família, longe da ingerência masculina, a partir do qual elas podiam exercer um papel protagonista dentro da sociedade feudal.” (Nascimento, 1997, p. 87). Esses mosteiros dirigidos por monjas gozaram de liberdades, pois, ao contrário de outros espaços religiosos frequentados por homens que prezavam pela clausura, as monjas destes mosteiros realizavam saídas com uma certa frequência para resolver diversas demandas. Assim, Maria Filomena Dias Nascimento conclui que em alguns casos não é apenas o sexo que demarca a diferença entre homens e mulheres, mas também devemos nos atentar para a questão socioeconômica: “Certamente existe um grande abismo entre o homem nobre e o homem camponês. Mas definitivamente, dentro da sociedade feudal tinha mais poder uma mulher nobre que um homem camponês.” (Nascimento, 1997, p. 90-91).

Essas são lentes caras para a leitura das fontes do período medieval. Primordial para entendermos que as mulheres que usufruíam e tinham condições de consumir tendências de moda, especificamente no século XV, eram mulheres com posições privilegiadas dentro

daquele meio social e que por isso possuíam certas liberdades que a outras e outros eram vetadas. Apesar das opressões sofridas nessas sociedades patriarcais, não devemos conceber a noção de que as mulheres representavam um grupo homogêneo, suas experiências podiam ter profundas diferenças devido à posição que ocupavam na hierarquia social.

Como afirmamos, o *status* social era externalizado pelas roupas; seguir as tendências era uma demarcação visual da condição dos indivíduos. Sendo assim, é preciso reconhecer os vários tons de cinza entre o preto e branco quando tratamos das relações de poder envolvendo homens e mulheres. Sabemos o papel de opressão histórico sofrido pelas mulheres ao longo do tempo e o silenciamento sistemático ao qual o gênero feminino foi submetido. Os exemplos citados acima não são exceções na História, mas nos ajudam a fugir da ótica binária das relações de gênero. É relevante ressaltar a insubordinação das mulheres no que tange à moda, à vestimenta e até mesmo ao questionamento do papel do clero no controle da indumentária.

### 3.6 FREI HERNANDO DE TALAVERA E O TRATADO SOBRE O VESTIR E O CALÇAR

Como já foi mencionado, algumas criações “nacionais” tiveram destaque naquele contexto: é o caso dos *verdugos*, *tranzados* e *chapines*. Todas essas peças foram reprovadas por moralistas desde o momento que surgiram, eram tidas como escandalosas e supérfluas. Foram enfaticamente reprovadas por Hernando de Talavera, que discorreu sobre cada uma destas em seu *Tratado* e as classificou como artigos imorais e, portanto, de uso inapropriado para as senhoras de Valladolid.

Hernando de Talavera (1428-1507) dedicou as primeiras décadas de sua vida à atividade intelectual como professor de Filosofia e Moral da Universidade de Salamanca e, em 1466, adentrou na ordem de São Jerônimo, ambos lugares predominantemente masculinos e distantes do contato direto com mulheres. A partir de 1475, gozou de uma proximidade com a corte, como confessor de Isabel de Castela por quase duas décadas. Por este motivo, o seu *Tratado* assumiu uma dimensão política, já que como moralista tinha a pretensão de “(...) educar a los reyes o nobles para garantir la salvación de su alma y un recto ejercicio del poder, siempre en pro del bien común y con la vista puesta en la salvación eterna del soberano y sus súbditos.” (Jiménez-Calvente, 2022, p. 100)

Desde o momento em que se aproximou da corte castelhana, em 1475, o Frei concebia a ideia de que o comportamento dos soberanos influenciava o de seus súditos. Para ele, se os soberanos eram honestos e virtuosos, assim seria o seu reino, e o contrário também. Evocando o que Isidoro de Sevilha teria dito, destacou que “(...) la corona real que el rey trae em la cabeça,

que sostiene los pueblos y está cercado e cargado dellos, e que doquier que se mueue e va el rey e la reyna en las costumbres honestas e deshonestas allá van y se muellos.” (Talavera, 2001, p. 47) Porém, neste tópico vamos analisar e poder perceber que, mesmo com as reprovações e o ódio declarado de seu confessor em relação aos *verdugos*, a rainha Isabel, que já utilizava essa peça desde 1473, assim prosseguiu, segundo relatos da época:

Desde ese momento, los briales verdugados se convirtieron en una prenda imprescindible en el guardarropa de la reina, que, si bien desaparece de las cuentas reales a partir de 1493, muy probablemente se deba a su sustitución por adornos que los simulaban y que armaban la falda sin la excesiva rigidez de los aros. (Gómez-Chacón, 2022, n.p.)

Além da Rainha Católica, Hernando de Talavera esteve em contato com outras mulheres nobres e notáveis que circundavam esse ambiente cortesão, assim, “Es de suponer, pues, que su relación con Isabel la Católica, (...), junto con la aspiración de ella misma y varias mujeres de su corte a vivir en mayor conformidad con la moral cristiana, le animó a escribir varios tratados para ellas.” (Codet, 2017, p. 1) O *Tratado* abordado neste trabalho não foi o único escrito pelo confessor da rainha, existem outros que adotaram o mesmo propósito de instrução das mulheres de acordo com os preceitos cristãos<sup>47</sup>.

Enquanto estava como confessor, o Frei, em uma de suas primeiras produções voltadas para as questões femininas, escreveu para a condessa María Pacheco, integrante de um círculo próximo à Isabel de Castela, a *Avisación a la virtuosa y muy noble señora doña María Pacheco, condessa de Benavente, de cómo se debe cada día ordenar y ocupar para que expienda bien su tiempo*. Essa obra tinha como objetivo, como o próprio título deixa claro, instruir essa senhora a fim de que ela empregasse bem o seu tempo. Segundo Codet (2017), essa obra foi escrita por volta de 1475, mas também é conhecida uma edição que foi impressa em 1496, a qual foi incluída por Hernando de Talavera em um compêndio foi utilizado para evangelizar e instruir a população mudéjar em Granada. Diferente do *Tratado*, que tinha uma característica de instrução geral, este dedicado a María Pacheco é de orientação individual. Um dos capítulos dessa obra é dedicado a convencer a sua leitora de sua natureza falha e da necessidade de ser

---

<sup>47</sup> Cronologicamente, a primeira obra escrita por ele foi *Avisación a la virtuosa y muy noble señora doña María Pacheco, condessa de Benavente, de cómo se debe cada día ordenar y ocupar para que expienda bien su tiempo* (escrito por volta de 1475 e impresso em 1496). Esta obra buscava instruir acerca de como uma mulher nobre deveria ocupar o seu tempo. A segunda obra, *Tratado provechoso que demuestra cómo en el vestir y calçar comúnmente se cometen muchos peccados*. Esta é a obra que será analisada neste tópico. A terceira foi publicada em Granada em 1496, *Breve y muy provechosa doctrina de lo que há de saber todo cristiano*. Por fim, enquanto era bispo da cidade de Ávila, escreveu, *Summa y breve compilación* direcionada para monjas daquela cidade, foi escrito provavelmente entre 1486-1492. Eram obras que apelavam tanto para o próprio grupo religioso, quanto para leigos. (Codet, 2017).

governada por um homem (Codet, 2017. p. 4). Outros aspectos importantes que ele aborda são a administração do lar, a educação dos filhos e sua importante função na transmissão de valores cristãos, principalmente através dos exemplos. María Pacheco pertencia a um círculo da nobreza, portanto as suas condutas eram vistas, comentadas e poderiam ser imitadas por outras mulheres, portanto, havia uma necessidade de desenvolver hábitos e práticas que fossem exemplares.

Pero sobre las espaldas de María Pacheco recae sobre todo la gestión de la casa, ya que ha de vigilar a sus amas, cuidar a las enfermas, gestionar las cuentas con el mayordomo, y también dedicarse a la educación de sus hijos, por lo menos durante una hora: en la mente talaverana, las mujeres tenían, en efecto, un importante papel de transmisión de los valores. (Codet, 2017, p.10)

O tom adotado para se dirigir à María Pacheco era amável e ameno se comparado com o que Hernando utiliza em seu *Tratado*; “(...) Talavera no utiliza con las mujeres vallisoletanas la menor palabra amistosa: por el contrario, enumera una serie de reproches, que, si no hacen de ellas reencarnaciones de Eva, por lo menos las convierten en un concentrado de los defectos femeniles; (...)” (Codet, 2017, p. 6)

Segundo Jiménez-Calvente (2022, p. 100), todos os escritos dedicados às mulheres tinham como objetivo ser “(...) herramientas útiles para incidir en ese ideal suyo de una sociedad en la que todos, especialmente las mujeres, compartan idénticas costumbres y creencias, siempre marcadas por la humildad y la obediencia.” Um grande volume de suas obras foi impresso, pois ele considerava este um meio essencial para a difusão de suas mensagens. Desta forma, “Fue el fundador de la primera imprenta en Valladolid (1480) y cuando llegó a Granada atrajo a la ciudad a los famosos impresores alemanes Meinardo Ungut y Juan Pegnizer que habían estado trabajando previamente em Sevilla.” (Castro, 2001, p. 13)

Logo nas primeiras páginas do *Tratado* do Frei hieronimita, nos deparamos com a justificativa para a sua produção. Seus interesses primários concentravam-se em defender a legitimidade dos eclesiásticos na regulação da indumentária, reprovar a resistência oferecida pelas senhoras em acatar as decisões de seus superiores, condenar tendências infames e alertar sobre a necessidade de uma reforma moral na indumentária dos homens, mas principalmente das senhoras de Valladolid.

Como sabemos, as tendências da moda, desde o princípio, não estavam acessíveis às camadas mais modestas. Sendo assim, o motivo da escrita da obra do Frei é uma resposta a um episódio que sucedeu em Valladolid, envolvendo pessoas das camadas mais abastadas daquela sociedade. O prelado local teria começado a ameaçar homens e mulheres que insistissem em utilizar trajes considerados desonestos, sob a pena de excomunhão, multas e desterro. Isso

provocou a reação de algumas pessoas, principalmente de mulheres que questionavam a autoridade do clero sobre as questões relacionadas à vestimenta. Para estas senhoras ficava uma indagação, como escreve Teresa Jiménez-Calvente (2022, p.97), “(...) ¿cómo podía ser pecado mortal utilizar un tipo de vestido que había popularizado en la corte?”. Se a própria rainha Isabel utilizava seus adornados verdugos, porque as outras senhoras de Valladolid não poderiam fazê-lo? Sobre esse episódio, Hernando de Talavera descreve a situação ocorrida:

(...) en la muy noble villa de Valladolid fue ordenado por el prelado eclesiastico que, so pena de exco/m/munion /y de otras penas pecuniarias y de destierro/, no>n< trax/i/essen los varones ni las mugeres cierto trajes deshonesto: los varones camisones con cabeçones labrados ni las mugeres, grandes ni pequeñas, casadas ni donzellas, hizie/s/sen verdugos de nueuo ni traxiessen aquella demasia que agora vsan de caderas, y a los sastres que no lo hiziesen de>nde /alli/ >en< adelante so essa/s/ mesma/s/ pena/s/. Agora dubdaron algunas personas que en el junco buscan nudo y lo claro hazen obscuro: si se pudo isto vedar, e si el prelado touo para ello au/c/toridad, y especialmente si se pudo poner sentencia de excomunion en las personas que lo vno o lo atreuessien >a< traspasar. (Talavera, 2001, p. 27)

O Frei de Talavera não se surpreendeu com o fato de serem algumas senhoras que questionavam a autoridade da Igreja; estas argumentavam que cabia a cada um se vestir segundo a sua própria vontade, que nisto não havia pecado mortal e nenhuma punição deveria ser aplicada. Em resposta a elas, o Frei escreveu que era na escolha do que vestir, desde o material, tecido e outros detalhes, que se produzia o erro e o pecado, ao exceder aquilo que é necessário. Para ele, as mulheres eram defeituosas por natureza, desde a primeira delas. Portanto, era natural que as mulheres cobiçassem saber mais do que os homens e mais do que os seus superiores, pois elas buscavam preencher o vazio daquilo que mais lhes faltava: o conhecimento.

Muéuelas a creer que los trajes no se pueden vedar, porque piensan que cada vno e cada vna se puede vestir a su voluntad, y piensan que en el vestir no /h/ay regla cierta, porque veen que/h/ay, e siempre vno (sic), en cada tierra su vso, y que aquello generalmente es ap/p/robado, que es tenido e vsado.

Y de aquí viene lo segundo, que como piensan que en el vestir e traher no /h/ay pe/c/cado señaladamente mortal, a/s/si piensan que ninguno puede por ello descomulgar porque la >d<excomunion, especialmente la mayor, es cierto que que no es peno syno de pe/c/cado mortal. (Talavera, 2001, p. 28)

Porém, Hernando de Talavera acreditava que a autoridade do prelado em regular a vestimenta não viria pela imposição da força, mas que esse conjunto de reformas “(...) había que convencer, por medio de la razón y los exempla, a un grupo testarudo y reacio por demás: las mujeres.” (Jiménez-Calvente, 2022, p.101.) Assim, o primeiro capítulo de seu *Tratado* tem a atenção voltada para explicar que os súditos deviam obediência aos seus superiores, assim como as ovelhas obedecem aos seus pastores.

Na segunda parte do seu *Tratado*, o hieronimita sinalizava que a necessidade do uso de

vestes tinha se dado a partir do pecado original, para cobrir a vergonha da nudez. Assim, os trajes carregariam desde o principio uma função moral: “(...) dize el Apostol que los miembros que son en nos más des/h/onestos aquéllos honestamos más, conviene saber: cubriendolos más que >a< los otros de que sí son honestos, (...).” (Talavera, 2001, p. 29) A vestimenta também era necessária para proteger o corpo do frio e do calor, então era natural que homens e mulheres trouxessem o corpo coberto. Portanto, enfatizava que a roupa tinha uma função utilitária e, somada à alimentação, água e casa, eram necessidades básicas e inerentes à sobrevivência humana. E tão necessária era a vestimenta para o corpo como era para a alma a conquista de vestes espirituais:

Y avn as/s/í dize Sant Juan em su Apocalipsi avnque habla de las >vestiduras< spirituales que son las virtudes, que es bienaventurado el que guarda sus vestiduras >por<que no parezca desnudo en el Día del Juyzio; en el qual es cierto que todos los predestinados y justos resu/s/citarán, con cuerpos vestidos de claridad gloriosa, mas los prescitos y pecadores que al inferno son conde>m<nados desnudos se levantarán, feos y malaventurados. (Talavera, 2001, p. 30)

Sendo assim, o Frei argumentava que o excesso e tudo mais que extrapola o natural nos trajes terrenos deveria ser evitado. Para ele, a importância deveria estar centrada na conquista e obtenção de valores morais, para que, no dia do Juízo Final, as pessoas não se surpreendessem com a nudez da alma, pois esse seria o indicativo da condenação eterna. Andar muito arrumado(a) e ser vaidoso(a) conduziria ao pecado, assim como não conservar algumas partes do corpo escondidas apresentava um empecilho para a conservação das virtudes. E, escandalizado com as mudanças na indumentária, destacava que “(...) con grand dissolution, perdida toda verguença, hasta el estomago descubren las que son desonestas, /porque no digamos hasta el vientre/, (...).”(Talavera, 2001, p. 31)

Para Hernando de Talavera, também era natural que homens e mulheres se vestissem de maneiras distintas, cada qual segundo o seu ofício. As mulheres deveriam se dedicar ao ambiente doméstico, portanto, suas vestes deveriam ser longas. A justificativa também era a de que as mulheres, naturalmente mais inclinadas ao pecado, precisavam de trajes longos que dificultassem a satisfação de seus impulsos. Já os homens deveriam utilizar trajes mais curtos, pois estes se dedicavam a atividades fora de casa, em outros ambientes que exigiam mobilidade. O homem também deveria andar com a cabeça descoberta e a mulher, principalmente as casadas, com a cabeça coberta, porque “(...) >e<l varon – como dize el Apostol – es la cabeza de la muger, y que ella es y ha de ser subjeta al varon y regida e gobernada por él, e no el varon por la muger.” (Talavera, 2001, p. 32).

O uso do véu era uma tentativa de demarcação visual da condição de submissão feminina. Eclesiásticos, desde o século XIII, insistiam neste visual para as mulheres que

contraíam matrimônio, porém, “Essa iniciativa fracassara com a invenção dos véus de seda transparentes que nada ocultavam e com a dos véus mais complicados que escondiam de mais, dissimulando perigosamente a identidade e o estatuto da mulher.” (Hughes, 1990, p. 203).

Outra preocupação do Frei eram os calçados, especificamente os *chapines*. Esses calçados tinham como características a sola grossa e muitas vezes eram adornados com ouro, pedras preciosas etc., podendo se converter em verdadeiras joias nos pés. Os *chapines* eram fabricados na Espanha desde o século XV, mas também se popularizaram em algumas cidades da Itália. Podemos dizer que foram os antecessores dos atuais saltos altos. Item reprovado não só na Espanha; alguns moralistas em Veneza condenavam o seu uso por promover o desequilíbrio do corpo, podendo levar a quedas, o que era extremamente prejudicial durante uma gestação, por exemplo (Hughes, 1990, p. 200).

Hernando de Talavera dedicou a sua atenção aos *chapines* ao dizer que o uso desses calçados contribuía para a degradação moral daquelas que os utilizavam, pois mentiam sobre sua estatura, aumentavam o gasto da quantidade de pano necessário para suas roupas e se colocavam contra a vontade de Deus, que fez as mulheres menores que os varões justamente para que elas estivessem submetidas a eles e não o contrário. Os *chapines* então se apresentavam como um recurso antinatural, que subvertia a ordem natural entre homens e mulheres, um item de transgressão feminina:

Y assi es en el vestir y en calçar, que >peca grauemente< la persona que mucho excede de lo natural, fyng/i/endo con los chapines la altura que no>n< tiene, con grand soberuia de parecer grande la que es pequeña, mayormente como Nuestro Señor aya querido que las mugeres sean comunmente pequeñas de cuerpo, e menores que los varones porque por ellos han de ser regidas como por mayores. (Talavera, 2001, p. 67)

Outro item que se generalizou em Castela e foi atacado por Hernando de Talavera foram as longas tranças, chamadas de *tranzado*, que aparecem retratadas em várias pinturas do período. O *tranzado*, “(...) consistía en una larga trenza de tela con cintas entrecruzadas en las que se embutía el pelo, tocado que en la segunda mitad del siglo XV se convirtió en uno de los preferidos por las mujeres en España.” (Gómez-Chacón, 2020, p. 188) Sabe-se que o adorno também era utilizado pela rainha Isabel, pois constava em seus pertences “(...) un cordón morisco que habría formado parte de un tranzado, adornado con botón y borla de hilo de oro, y rematado con una pequeña sortija de plata (...).” (Gómez-Chacón, 2020, p. 188).

Em seu *Tratado*, Hernando mencionou que muitas mulheres casadas “(...) ya descubren toda la cabeza por que parezcan más los cabellos (...)” (Talavera, 2001, p. 48) e carregam essas tranças decoradas com fitas de ouro e seda.

Hernando de Talavera, na última parte do seu *Tratado*, enumerou doze razões pelos quais as mulheres não deveriam utilizar os *verdugos*:

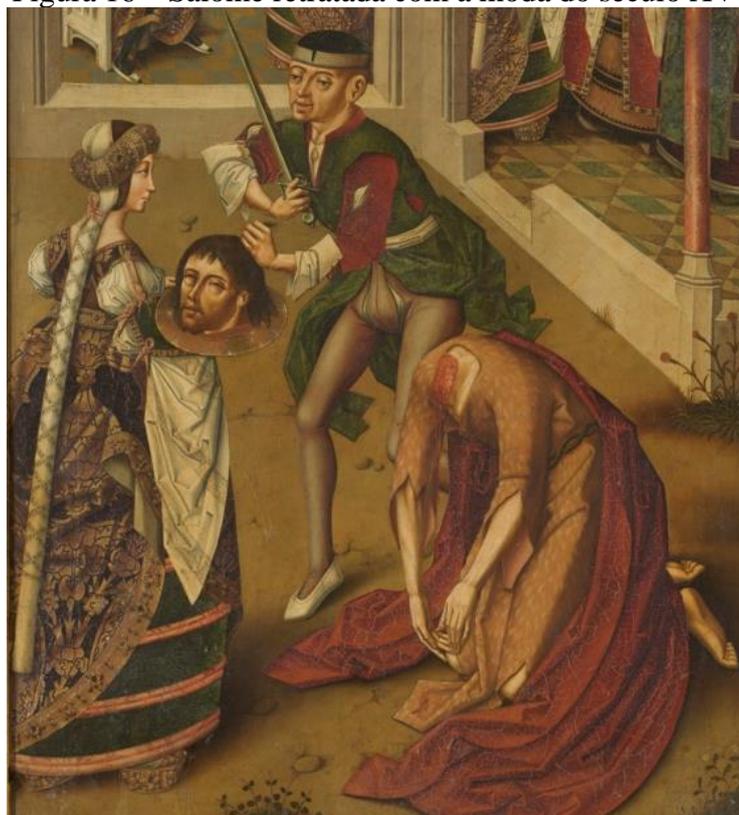
Lo primero, por que es hábito e traje noxio (sic) e muy dañoso ca se halla por cierto que muchas dueñas han mouido y abortado, y avn peligrado en el parto, (...). Pues, auido esto por presupuesto, es cierto que son homicidas voluntarias las que del tal traje andan vestidas y adornadas, lo qual es muy grand peccado. (...), verdad es, mas sepan que las mugeres e avn muchas >de las< personas son como las ovejas: que por do va vna por alli van todas, especialmente en lo malo. (Talavera, p. 62-63)

Além de prejudicar as taxas de natalidade, o Frei argumentava que a utilização dos *verdugos* também era um pecado de luxúria, além de ser um recurso que possibilitava esconder uma gravidez indesejada e, portanto, incentivava a prática de adultérios. Como salienta Hughes (1990, p. 201) os *verdugos* “(...) permitiam às mulheres uma licenciosidade sexual inaceitável”. Além disso, era criticado como um item de uso supérfluo, demasiado custoso para ser produzido, já que despendia de uma quantidade maior de tecido, era feio, deformava o formato do corpo da mulher, deixando-a com um aspecto monstruoso e, também, contribuía para a mentira e o engano, pois fugia do que era considerado natural, entre outros motivos. Todos estes elementos, segundo Hernando de Talavera, conduziriam as mulheres ao pecado mortal.

Iten, pecan grauemente < fing/i/endo con trapos e lana, e con faldetas y verdugos la gros/s/ura que no>n< tyenen, pues, >si añadimos que de la tal ficcion< se siguen / de lo tal/ los males, daños y pec/c/ados que son dichos, no es du/b/da syno que tal fic/t/ion y mentira sea >gran< peccado /e/ mortal. (Talavera, 2001, p. 67)

Na imagem 15, podemos ver uma personagem que está retratada com os três itens que mais se destacaram na moda “nacional da Espanha”: o *verdugo*, os *chapines* e o *tranzado*.

Figura 16 – Salomé retratada com a moda do século XV



Fonte: Museo Nacional del Prado (1490-1500)<sup>48</sup>

A personagem retratada é Salomé, filha de Herodes, que teria pedido, persuadida pela mãe, a cabeça do profeta João Batista em uma bandeja. O episódio relatado teria acontecido por volta do século I. Não é por acaso que Salomé aparece ricamente adornada com todos os itens da moda em uma obra produzida no século XV. Esses aspectos reforçavam que a moda, para os moralistas do período, era um perigo iminente, fruto do pecado devido ao excesso, principalmente da vestimenta feminina. Essa mesma moda representava não só uma corruptibilidade da carne, mas seria, de certa forma, a causa de diversos males no reino.

Não devemos esquecer que, além da pauta moralista em relação aos cuidados com o vestir, a indumentária era um meio de distinção de grupos sociais. Segundo Martínez (2006, p. 345) “(...), con el fin de señalar la identidad del grupo o/y del individuo; en consecuencia, la imagen, la apariencia de las personas, se erige como la representación de las diferencias sociales, económicas, funcionales y, en la España medieval, también étnico-religiosas.” E acrescenta que, “ (...) la necesidad de diferenciación del otro o de «los otros», está en la base de la aparición de la moda, entendida como concepto estético, creativo y suntuario, e

<sup>48</sup> SEGOVIA, Juan de. La decapitación de san Juan Bautista. 1490 - 1500. Óleo; Témpera. Tabla, 98 cm x 54 cm. Museo Nacional del Prado. Disponível em: <https://www.museodelprado.es/coleccion/obra-de-arte/la-decapitacion-de-san-juan-bautista/1a539971-61dd-45f1-8215-a100c7befe6>. Acesso em 05 ago. 2023.

instrumento social de poder, diferenciador, transgresor y rupturista.”

Castela, no século XV, assim como outros lugares da Europa, contava com a emergência de uma nova camada social, os burgueses, que, com grande potencial de consumo, buscava imitar os modos e as modas da nobreza a fim de manter um distanciamento das camadas mais humildes da sociedade. Os nobres buscavam, devido tais motivações que eram além de tudo estéticas, inovar. Já sabemos que esse sistema de cópias e inovações contribuíram para o aparecimento da moda enquanto um sistema pautado na lógica do exagero e do consumo. Hernando de Talavera escreveu sobre o aspecto das cópias e movimentos da moda como aspectos extremamente prejudiciais tanto para a sociedade castelhana quanto para a vida espiritual:

Estas son /las/ personas que se precian de inuentar trajes nuevos de diuersas maneras, porque como todo su deleyte sea en se vestir e tra>h<er, e >como< las cosas tenporales tengan esta condicion: que luego que son auidas e vsadas dan hastío e son menospreciadas, es forgado que busquen otras nuevas que por su nouedad les >a<plegan. Las quales inuenciones son a gran/d/ peligro e cargo de sus con/s/ciencias, porque no solamente pierden assi (sic) mesmas las tales personas que los >tales< trajes /nueuos/ assi liuiana e vanagloriosamente inuentan, más pierden e son causa que se pierdan otras >muchas< liuianas personas, que son muy prestas para les remedar en aquella vanagloria e liuiandad. Y éstas son muy muchas tambien en los varones como en las mugeres, porque comunmente, desde nuestra mocedad e >avn< desde nuestra niñez e comiengo del mundo, como dize la San/c/ta Scriptura, somos prestos para el mal. (Talavera, 2001, p. 53-54)

Podemos afirmar que tanto as leis suntuárias antes mencionadas como o *Tratado* moral aqui analisado podem ser vistos como complementos de iniciativas para tentar controlar e manter as aparências no reino de Castela. “Complemento de la reiterativa legislación suntuaria fueron las disposiciones eclesiásticas y los tratados morales que incidían desde planteamientos teológico-doctrinales en las prohibiciones sociales del vestido.” (MARTÍNEZ, 2006, p. 349). Hernando de Talavera, em alguns momentos da sua obra, mencionou que as vestes deveriam estar adequadas ao estado e à condição daqueles que delas faziam uso, e que cometiam muitos pecados aquelas pessoas que excediam nas vestimentas: “Y cresce la demasía quanto es más luengo y más complido de lo necessario y de lo que razonablemente bastaría /a cada persona según su condición y estado.” (Talavera, 2001, p. 39). Por este motivo, o vestuário das mulheres foi mais vigiado e recriminado, aparecendo como fonte de preocupação nas leis suntuárias e nos tratados morais, pois muitos homens externalizavam nos trajes utilizados por suas mulheres o poder econômico que desfrutavam, contribuindo para o desordenamento das posições e hierarquias sociais. Em seu *Tratado*, Hernando de Talavera chamou atenção para os homens que contribuíam para o excesso nos trajes das mulheres; estes também estariam em pecado mortal, já que o vestuário deveria estar adequado segundo o estado de cada indivíduo.

Basta y deue bastar que sepan las que exceden en esta manera, y los padres o maridos que lo consyenten, que ellos y ellas offenden mortal o venialmente, qui a facientes e consentientes. Este exceso defiende el Sancto Euangelio quando nos >a<conseja y manda que no seamos mucho solícitos de la vestidura ní>n< del mantenimiento. El cuydado demasiado defiende de las cosas semejantes mas no>n< el de lo necessario, a cada vno segund su estado. (Talavera, 2001, p. 49)

Podemos ver o quanto a obra de Hernando Talavera se preocupava com a questão moral, mas também com a questão do consumo, denunciando os “excessos” e “desonestidades” nas vestimentas que eram influenciadas principalmente pelas modas.

Nos capítulos finais da quarta e última parte de seu *Tratado* moral, o Frei reforçou que os prelados possuíam autoridade para regular as vestimentas, já que por meio delas as pessoas poderiam ser conduzidas ao pecado e, portanto, era preciso coibir aqueles que faziam mau uso das vestes. Punições, como a excomunhão, não só deveriam, mas precisavam ser aplicadas. As ações de autoridades régias e eclesiásticas tentaram evitar, por meio de leis e tratados, aquilo que já estava acontecendo na realidade.

Hernando de Talavera fez várias ressalvas à vestimenta feminina, mas isso não quer dizer que suas palavras se materializaram como regras insuperáveis na realidade. Podemos observar que a rainha Isabel de Castela mantinha numerosos *verdugos* e *chapines* e os exibia por onde quer que andasse. Da mesma forma, em Valladolid, muitas mulheres utilizavam as tendências de moda, fosse porque gostavam dos itens da moda ou para adotarem *status* e assim mascarar a sua origem nos momentos de corte com rapazes, desobedecendo às leis suntuárias. Apesar das leis suntuárias e das recomendações eclesiásticas, as tendências de moda continuaram a ser emuladas e a se espalhar entre nobres e burgueses. Mesmo ameaçadas de excomunhão, as mulheres em Valladolid questionaram o papel do clero no controle do vestuário, argumentando que o vestir estaria ligado a uma capacidade autônoma dos indivíduos, e que não seria papel da Igreja definir o que deveria ou não ser vestido. Diante das questões acima, podemos constatar que os ventos das transformações já estavam há muito remodelando e sacudindo os alicerces do antigo ordenamento social, não só de Valladolid, mas de todo reino de Castela. Tanto os poderes régios quanto os religiosos tentaram, mas não tinham a capacidade de controlar as mudanças que estavam em curso e as que estavam por vir.

#### 4 DESAFIOS E POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS: O ENSINO DE HISTÓRIA E A ELABORAÇÃO DO OBJETO DE APRENDIZAGEM

O ensino de História no Ensino Básico é por si só um enorme desafio. A teoria, o constante estudo e a necessidade de atualização dos professores são essenciais para uma aula bem elaborada e fundamentada. A prática é aliada da teoria e essa prática é constituída no “fazer”. Logo, quanto mais fazemos a mesma coisa, melhores nos tornamos naquilo que fazemos. E essa prática não se constrói de forma unilateral, afinal professores ensinam alunos e aprendem com eles nesse processo. Cada aula ministrada é um novo aprendizado: por mais que um professor ministre a mesma temática em mais de uma turma, cada aula será diferente.

A autora Flávia Caimi (2015) propõe uma reflexão em torno da pergunta que intitula seu artigo “*O que precisa saber um professor de História?*”. Longe de uma visão reducionista, ela defende que é preciso que o professor de História domine os conhecimentos referentes à sua área, pois como ela diz, não se pode ensinar aquilo que não se tem. Esse seria um dos primeiros passos que ajudariam no objetivo de fazer com que o aluno pense cientificamente e teoricamente os conteúdos abordados em sala e mediados pelo professor. Nesse sentido, o professor precisa desempenhar algumas demandas próprias da sua área de conhecimento, porque o ensino de História não pode se pautar na perspectiva de memorização de nomes e datas. A historiografia e a produção de conhecimento acadêmico no Brasil trouxeram novos temas também para a sala de aula. O atual contexto exige dos professores não só estar atualizado, mas que, no campo pedagógico, seja promovido uma aprendizagem significativa e que traga sentido para a vida cotidiana do estudante, para que ele seja também protagonista em seu processo de aprendizagem.

Na contemporaneidade em que nos inscrevemos, a História-Conhecimento tem um importante papel, não mais como “mestra da vida” (*magistra vitae*) conforme a definiu Cícero, mas como um conhecimento que se pode mobilizar para dar inteligibilidade e justificação para o tempo presente, ou, como ensina Rüsen (2001), para conhecermos a nós e aos outros, explicar o mundo, nos orientar na vida prática cotidiana e enfrentar as suas contingências. (Caimi, 2015, p. 107-108)

Mas, apenas o conhecimento da História não é suficiente para ensiná-la, ou melhor, não é suficiente para que o aluno aprenda, já que esse é objetivo de todo processo de aprendizagem. É observável na contemporaneidade um grande interesse por temáticas históricas que aparecem nos mais diferentes meios: redes sociais, filmes, livros, séries, novelas, jogos.... Mas, na sala de aula, é possível enxergar a dificuldade dos alunos em compreender fenômenos, conceitos, temporalidades e causalidades. Isso porque para ensinar é necessário também estar munido de conhecimentos pedagógicos, a fim de conseguir mobilizar intelectualmente o aluno. Dessa

forma, por meio de estratégias e abordagens provenientes de conhecimentos pedagógicos é necessário “traduzir” o conhecimento científico que é complexo em um conhecimento que possa ser “ensinado”, e assim tornar possível produzir sentido entre o conteúdo abordado em sala, o aluno e o seu presente.

Mais do que apresentar conteúdos, é necessário que os professores de História considerem o processo de aprendizagem e instiguem no aluno uma mobilização intelectual, de modo que a formação do pensamento histórico seja desenvolvida ao longo das aulas, por meio da compreensão de conceitos, raciocínios históricos, análise de imagens e afins. Mas, para isso acontecer, o professor deve conhecer os seus alunos e estar atento às informações e representações prévias trazidas por eles sobre o passado, estabelecer relações entre as experiências contemporâneas com a de outros tempos e sujeitos do passado, apresentar fontes históricas e assim analisá-las e problematizá-las, aproximando o aluno da compreensão da escrita e trabalhos historiográficos, entre outras coisas.

Essa é a proposta que o Programa de Pós-Graduação em História Ibérica apresenta ao atrair professores e pesquisadores para pensar e refletir sobre o ensino e a pesquisa da História Ibérica.

O presente trabalho se concentra nos anos finais da Idade Média, por meio da análise de um tratado moral escrito por Hernando de Talavera, no ano de 1477, e, a partir dele, propõe pensar sobre as relações de gênero, o protagonismo feminino e o fenômeno da moda no medievo.

Nas últimas décadas, podemos falar em “(...) um verdadeiro renascimento da Idade Média na cultura contemporânea. Assistimos a uma profusão de pesquisas, estudos, livros, mapas, materiais audio-visuais, com especialistas recuperando as músicas, danças, costumes, lendas, roupas e até receitas culinárias medievais.” (Moreira, 2007, p. 216) Há em diversos meios referências ao medievo que acabam reforçando o estereótipo de uma Idade Média mágica, obscura, cheia de trevas, mística, supersticiosa e estagnada. Os adjetivos são extensos. Essa visão simplista contribui para a compreensão do período de forma superficial e preconceituosa, pois não considera a diversidade de grupos, de produção intelectual desenvolvida por diversos sujeitos, nem às intensas trocas culturais realizadas por grupos heterogêneos que ocupavam o mesmo espaço. Esse tipo de reducionismo pode até levar docentes a considerar que essa parte da história não seja tão relevante para ser abordada durante as aulas de história.

Apesar do interesse do público brasileiro pelo medievo, ainda existe muito preconceito e resistência a esse período histórico no Brasil. Entre professores universitários ou da Educação Básica é relativamente comum encontrar vozes críticas

ao ensino de História Medieval. Muitos professores desvalorizam o medieval como objeto de ensino por acreditar que a prioridade deve ser dada à história nacional, pois a função da História seria formar o cidadão crítico. (Calvo, 2016, p. 52)

Mas, é importante ressaltar que o interesse pelo Medieval, que foi e continua a ser abordado pela cultura *pop* em diversos meios, pode ser um bom ponto de partida para desmistificar o período e apresentar perspectivas que podem ser ferramentas eficazes para compreender o período. Podemos encontrar no período medieval ibérico, raízes que influenciaram o nosso próprio processo de colonização na Modernidade e que mantêm com o presente laços importantes para pensarmos a nossa própria identidade.

Por vezes, é comum encontrarmos nos livros didáticos uma abordagem do medieval focada no contexto francês, italiano, inglês e alemão, ou seja, um contexto Ocidental que pouco considera o espaço ibérico. A Península Ibérica, com a sua histórica presença muçulmana e convivência entre diferentes grupos religiosos, judeus, cristãos e muçulmanos é por vezes entendida como uma história periférica, do “Outro”, do “não Ocidental” e essa diversidade não é contemplada como deveria nos livros didáticos. Nesse sentido, especialistas e pesquisadores consideram a necessidade de “descolonizar” o ensino de História Medieval:

Entretanto, descolonizar não significa simplesmente eliminar temporalidades tradicionais do ensino de História. O ato de descolonizar pressupõe o reconhecimento de identidades marginalizadas, sem necessariamente marginalizar as identidades privilegiadas. Não se trata, portanto, de virar de ponta cabeça a história que ensinamos, mas redimensioná-la ao incorporar saberes antes excluídos, de acordo com os interesses socioculturais brasileiros. No limite, apontamos para a necessidade de repensar a estrutura narrativa da história geral trabalhada em sala de aula, possibilitando articular tempos e espaços atualmente compartimentados. (Calvo, 2016, p. 56)

Nesse sentido, é pertinente o que Chimamanda Adichie destaca em seu livro sobre *O perigo de uma História Única* (2019), durante muito tempo os eventos históricos estiveram centrados em uma ótica masculina. Assim, ao introduzir no ensino básico não só um recorte sobre a História Ibérica, mas também de gênero e as relações de poder durante do medieval, podemos promover reflexões sobre a contribuição de várias mulheres em variados campos do saber e suas inúmeras estratégias de resistência na Idade Média, fugindo de estereótipos de mulheres iletradas e submissas. É sobre essa “Idade Média” que estamos nos referindo neste trabalho e no OA que foi produzido. A essência do Objeto de Aprendizagem decorre do que Adichie (2019, p.32) ressaltou: “As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar.”.

#### 4.1 OBJETOS DE APRENDIZAGEM PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Objeto de Aprendizagem apresentado neste trabalho, foi desenvolvido com o auxílio de ferramentas disponíveis na *internet* e com o intuito de ser oferecido em formato digital para alunos e professores de forma gratuita. Buscamos assim contribuir para o ensino de História através da abordagem de temas que priorizem eventos ocorridos na Península Ibérica medieval através de uma perspectiva de gênero.

Trata-se não apenas de enxergar a Internet como uma fonte de recursos e materiais úteis à educação, mas de ressignificar o processo educacional como um todo, uma vez que a comunicação, a pesquisa e a aprendizagem assumem dimensões diferenciadas, diante da velocidade com que muitas informações chegam aos alunos. (Braga, Menezes, 2014, p. 19)

Conforme avança a tecnologia novas ferramentas surgem para dinamizar a forma de trabalho em sala de aula. Com isso, a *internet* trouxe significativas mudanças no meio social, alterando a forma como nos comunicamos. Mas, também trouxe um leque de possibilidades através de inúmeras ferramentas que favorecem a criação e disponibilização de diversos recursos educacionais que podem enriquecer o processo de aprendizagem. Ela pode ser um recurso utilizado a nosso favor, espalhando informações fundamentadas em fontes seguras, criativas e dinâmicas.

Os Objetos de Aprendizagem são considerados tecnologias e estratégias recentes que auxiliam no processo de ensino e aprendizagem, de modo que ainda há muito a ser explicado, definido e explorado em torno da temática. Sendo assim, no meio educacional, não há um consenso diante da definição sobre o que é um OA. Para esse trabalho adoto a seguinte definição:

Objetos educacionais podem ser definidos como qualquer recurso, suplementar ao processo de aprendizagem, que pode ser reusado para apoiar a aprendizagem. O termo objeto educacional (*learning object*) geralmente aplica-se a materiais educacionais projetados e construídos em pequenos conjuntos com vistas a maximizar as situações de aprendizagem onde o recurso pode ser utilizado.” (Tarouco et al., 2003, p. 2)

Dessa forma, os Objetos de Aprendizagem podem ser de uso digital ou físico, e devem atender às demandas pedagógicas escolares. De modo que o aluno consiga, ao interagir com o OA, adquirir uma aprendizagem mais significativa, por meio de reflexões e de uma postura mais ativa no seu processo escolar. Esta ferramenta permite aprofundar em diversos temas de acordo com a necessidade dos professores, constituindo dessa forma um material de auxílio na execução de atividades e construção do conhecimento histórico em sala de aula.

Assim como o grande educador Paulo Freire (1996, p. 13) escreveu que “(...) ensinar

não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.”, o Objeto de Aprendizagem surge como uma ferramenta que possibilita com que o estudante consiga se conectar ao conteúdo. O estudo da Idade Média no Ensino Básico poderia ser visto de forma rápida e teórica em duas ou três aulas, mas com o Objeto de Aprendizagem pode se converter em uma verdadeira experiência de investigação e compreensão de uma “Idade Média” que não aparece com tanta frequência em livros e em matérias didáticos e pode proporcionar que o aluno consiga compreender que temas tão atuais como a moda ou a luta de resistência das mulheres em busca de fazer aquilo que querem sem a tutela de outros não são temas de relevância apenas contemporânea, mas são pautas que fizeram parte de debates em diversos contextos há séculos.

O material desenvolvido e pensado para os alunos do Ensino Básico (anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio), como já foi dito, é uma revista intitulada de *Revista de Moda Medieval* que pretendeu abarcar todos os tópicos contidos neste trabalho. A ideia norteadora é que a revista pode ser um instrumento facilitador da compreensão e abordagem destes conteúdos no âmbito escolar.

#### 4.2 A BNCC E A REVISTA DE MODA MEDIEVAL

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento válido em todo território nacional que estabelece os conhecimentos, habilidades e competências que todos os alunos brasileiros devem desenvolver ao longo da Educação Básica. A BNCC é fundamental para promover a equidade e a qualidade na educação.

Este documento define os objetivos de aprendizagem essenciais, garantindo a todos os estudantes que cursam o Ensino Básico uma formação básica sólida, coerente e alinhada em todo o país, além de oferecer propostas pedagógicas contextualizadas e significativas para o estudante. A BNCC também valoriza o desenvolvimento de competências socioemocionais, promovendo a construção de cidadãos autônomos, críticos e preparados para os desafios do século XXI. Por fim, a BNCC desempenha um papel crucial na melhoria da educação brasileira, oferecendo um referencial comum que norteia o planejamento, a prática pedagógica e a avaliação, visando a garantia de uma educação de qualidade para todos.

A *Revista de Moda Medieval*, pensada e desenvolvida como um Objeto de Aprendizagem, atende as competências e habilidades elencadas no documento da BNCC. Ela se configura como um material que pode ser utilizado para ampliar o imaginário e os conhecimentos sobre o medievo nas turmas dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino

Médio.

A BNCC determina, como uma competência necessária para os anos finais do Ensino Fundamental:

Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo. (Brasil, 2018, p. 402)

Sendo assim, o objetivo do OA é auxiliar o aluno na compreensão dos acontecimentos e transformações na estrutura social, política e econômica nos anos finais da Idade Média, que propiciaram o surgimento do fenômeno da moda e o símbolo transgressor no qual as modas femininas foram vistas, o papel das mulheres e as possibilidades e perigos que as modas apresentavam naquele contexto. Toda essa discussão envolve pensar as relações de poder, as mudanças nas estruturas sociais daquele período, entre outros fatores.

As habilidades articuladas para auxiliar na construção de saberes que atendem a competência mencionada anteriormente podem ser encontradas no conteúdo destinado para as turmas de sexto ano, quando é abordado o conteúdo de Idade Média, mas isso não o impede de ser trabalhado em outros momentos:

(EF06HI18) Analisar o papel da religião cristã na cultura e nos modos de organização social no período medieval.

(EF06HI19) Descrever e analisar os diferentes papéis sociais das mulheres no mundo antigo e nas sociedades medievais. (Brasil, 2018, p. 421)

Logo, a *Revista* pode ser utilizada pelo professor(a) quando for trabalhar os conteúdos voltados para o cristianismo, as sociedades medievais e o papel das mulheres nessas sociedades. A *Revista* busca explicar como as modas eram condenadas pela Igreja, o que alguns religiosos escreveram e pensaram sobre a natureza feminina, além de apresentar mulheres que protagonizaram papéis tidos como transgressores ao se utilizarem das possibilidades que a moda oferecia naquela estrutura social. Além de fugir de uma narrativa focada apenas na França e Itália, mas apresentar o contexto da Península Ibérica e auxiliar o aluno a compreender as singularidades das “Idades Médias” europeias. Porém, este material produzido não é de uso restrito e obrigatório apenas para os alunos do sexto ano. Pode ser abordado, sempre que possível dentro do cronograma escolar em outras séries. O Objeto de Aprendizagem desenvolvido visa ampliar, reforçar e auxiliar na compreensão do período histórico mencionado em qualquer uma das séries dos anos finais do Ensino Fundamental.

Já no Ensino Médio, o Objeto de Aprendizagem está contemplado na seguinte competência Geral:

Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos

local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica. (Brasil, 2018, p. 570)

Ou seja, o OA busca analisar os processos econômicos, políticos, sociais, culturais que possibilitaram o surgimento do fenômeno da moda no Ocidente Europeu, além de refletir sobre a produção de conhecimento da época que determinava o papel e o lugar e a natureza das mulheres medievais. Por fim, apresenta as estratégias de controle das modas femininas por meio das leis suntuárias e por meio do tratado moral escrito pelo frei Hernando de Talavera, assim como as formas de resistência que algumas mulheres encontraram nesse período. Todos esses aspectos são referenciados por meio de fontes textuais, iconográficas e trabalhos acadêmicos que visam contribuir para a formação de uma visão crítica e para a construção de conhecimentos sobre o período e temas abordados.

A descrição desta competência é esclarecida no mesmo documento:

Nessa competência específica, pretende-se ampliar as capacidades dos estudantes de elaborar hipóteses e compor argumentos com base na sistematização de dados (de natureza quantitativa e qualitativa); compreender e utilizar determinados procedimentos metodológicos para discutir criticamente as circunstâncias históricas favoráveis à emergência de matrizes conceituais dicotômicas (modernidade/atraso, Ocidente/ Oriente, civilização/barbárie, nomadismo/sedentarismo etc.), contextualizando-as de modo a identificar seu caráter redutor da complexidade efetiva da realidade; e operacionalizar conceitos como etnicidade, temporalidade, memória, identidade, sociedade, territorialidade, espacialidade etc. e diferentes linguagens e narrativas que expressem culturas, conhecimentos, crenças, valores e práticas. (Brasil, 2018, p. 571)

Assim, a Revista de Moda Medieval tem como objetivo potencializar a compreensão dos estudantes diante deste recorte e temáticas históricas, levando-os a desconstruir noções dicotômicas e binárias acerca do Medieval e a compreensão de estruturas e conceitos ligadas a este tempo histórico. Existem algumas habilidades que precisam ser mobilizadas para a construção de conhecimento desta competência geral:

(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

(...)

(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).

(...)

(EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica,

diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (Brasil, 2018, p. 572)

Estas habilidades vão ao encontro das atividades propostas no Manual do Professor. Este manual, disponibilizado junto com o OA, tem como objetivo apresentar um roteiro de atividades para a ampliação dos conhecimentos apresentados na Revista de Moda Medieval e que busca atender as habilidades contidas na BNCC. A primeira proposta de atividade foi feita buscando atender a habilidade (EM13CHS101) e essa proposta consiste em realizar uma análise iconográfica da imagem de capa referente aos aspectos do tema, procedência, simbolismos e finalidade da obra.

Figura 17 – Prévia da primeira atividade do Manual do Professor

## MATERIAL DE APOIO PARA O PROFESSOR(A)

Este material é de uso exclusivo do professor. Nele você encontrará algumas possibilidades para o uso da Revista de Moda Medieval em sala de aula.

As possibilidades aqui elaboradas são sugestões. O professor pode utilizar a sua criatividade para explorar outras formas de abordagem do Objeto de Aprendizagem.

### I. Iconografia: Analisando a imagem da capa

A imagem escolhida para a capa é uma representação de uma figura histórica muito relevante no século XV e posteridade. Na seção "A Imagem da Capa", no verso da capa há um texto que ressalta a presença de alguns símbolos que compõe o quadro, assim como o contexto em que a obra foi produzida. Para esta atividade o aluno deve realizar a leitura do artigo e com a intervenção do professor ser conduzido a análise de alguns aspectos para "ler" a imagem.

Abaixo estão algumas questões que o professor pode fazer para os alunos:

1. Quem é a personagem representada na imagem?
2. Quem foi o autor desta obra?
3. Em que contexto essa obra foi encomendada?
4. Quais são os elementos presentes na obra e qual é o significado simbólico de cada um deles?
5. Como as cores e a composição da vestimenta da personagem foram representadas? Quais valores são transmitidos?

É esperado que o aluno responda:

1. A Rainha Isabel I de Castela.
2. O autor desta obra foi o pintor espanhol Luis de Madrazo y Kuntz.
3. Esta obra foi encomendada pela rainha Isabella II em 1848. Este quadro faz parte de uma tentativa de legitimar visualmente o seu reinado evocando a imagem de grandes rainhas medievais da Espanha.
4. Os principais elementos são o "Livro de Horas" e o "cetro". O primeiro representa a importância dada as obrigações religiosas da rainha e o cetro representa as obrigações para com o reino secular. Além desses símbolos temos a coroa que indica a sua posição e poder, há também todos os detalhes de sua rica vestimenta que demarca a sua posição social.
5. As cores das roupas da rainha são cores sóbrias, composta de um vestido longo com mangas longas de um vermelho escuro e camisa interna e todas ricamente adornados com bordados e pedras preciosas. A sua indumentária também é composta pelo uso do véu e cabelos ocultados. Os valores transmitidos são de sobriedade, modéstia e poder.

Fonte: Acervo da autora (2024).

## Figura 18 – Prévia de outras atividades presentes no Manual do Professor

### 2. Fatores que contribuíram para o surgimento da Moda

Para esta atividade o aluno deve ter lido previamente as páginas 09 a 11 da Revista: A intenção desta atividade é fazer o aluno perceber que o surgimento da Moda não se deu da noite para o dia, mas sim, foi parte de um processo. Esta atividade pode ser feita de forma escrita ou respondida apenas oralmente.

Algumas mudanças foram decisivas para o surgimento do fenômeno da Moda. Cite cinco fatores que contribuíram para o surgimento da Moda.

**É esperado que o aluno responda:**

1. O rompimento com a forma tradicional da vestimenta.
2. Expansão demográfica.
3. Desenvolvimento da vida urbana.
4. O surgimento do tear horizontal no século XI que possibilitou a criação de peças de roupas maiores e trouxe a possibilidade de ajustá-las ao corpo.
5. Diferenciação da roupa pelo sexo. Roupa mais justas e curtas para os homens e roupas mais largas e compridas para as mulheres.

### 3. Divisão da sociedade medieval

Para esta atividade o aluno deve ter lido previamente a página 14 da Revista: Essa atividade tem como objetivo identificar como alguns religiosos entendiam que as sociedades medievais se organizavam.

Leia o texto e analise a fonte iconográfica presente nesta página.

Responda: Segundo a perspectiva religiosa em quantos grupos a sociedade medieval se dividia e quais eram suas principais obrigações?

**É esperado que o aluno responda:**

Segundo a visão de alguns teóricos religiosos, a sociedade se dividia em três ordens que obedeciam a vontade de Deus. O Clero era uma ordem formada por aqueles que rezavam e dedicavam sua vida aos trabalhos da fé. A Nobreza era responsável por proteger e guerrear, assim como exercer a justiça, por último os Trabalhadores (camponeses e comerciantes) que deveriam cuidar da subsistência.

### 4. Interpretando o documento

O Aluno deve ter lido previamente as páginas 20 e 21. Porém, a atividade é direcionada para o documento presente na página 21.

Peça para o aluno tentar ler o documento presente na página 21. Apesar de estar em uma língua estrangeira, há algumas palavras iguais ao português. Peça para o aluno identificá-las.

Após destacar essas palavras, pergunte aos alunos a quem esse texto se dirige? Quem Hernando de Talavera diz que deveria obedecer?

Fonte: Acervo da autora (2024).

A segunda atividade, por exemplo, é voltada para a habilidade (EM13CHS103) e tem como objetivo levar o aluno a refletir e criar hipóteses sobre o processo de surgimento do fenômeno da moda. Ao todo são cinco atividades pensadas e elaboradas como sugestão para o professor(a). Este manual é apenas um suporte para uma leitura mais atenciosa da *Revista de Moda Medieval*, não é de uso obrigatório, mas constitui-se como sugestões de atividades voltadas para uma compreensão mais completa do Objeto de Aprendizagem que o professor(a) poderá fazer uso em sala de aula.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção da *Revista de Moda Medieval* como um Objeto de Aprendizagem significou um enorme desafio, dada a complexidade que envolve a elaboração de um material didático para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem de um período como o medieval, amplamente estereotipado e idealizado por diversos meios. Assim, esse OA se configura enquanto uma ferramenta capaz de atuar como um meio de divulgação e compreensão histórica do contexto medieval e ibérico no Ensino Básico, além de facilitar a compreensão da complexidade das relações de gênero e experiências humanas nesse período.

É importante que o estudante consiga se conectar com o conteúdo estudado. Devido à distância temporal e física do período que estamos abordando, esse material surgiu com o objetivo de potencializar o aprendizado daquilo que é visto em sala de aula. Desse modo, a *Revista de Moda Medieval* pretende levar os estudantes, com a mediação do professor, à desconstrução de noções dicotômicas e binárias acerca do Medieval e a compreensão de estruturas e conceitos ligados a este tempo histórico.

Utilizar a vestimenta e a moda como uma lente de análise de um período histórico ressaltou que a roupa atendeu a funções que vão além de cobrir o corpo; a roupa é uma forma de comunicação não-verbal de símbolos e significados. No contexto medieval, a roupa era vista por alguns membros da Igreja como um efeito do pecado original, mas também poderia ser utilizada para demarcar hierarquias sociais, por exemplo.

Devido às condições favoráveis na Europa Ocidental, como o desenvolvimento de técnicas de produção, como o tear horizontal e os botões, mas também a expansão demográfica, a expansão da vida urbana, as dinâmicas comerciais, o surgimento da burguesia, o contato com outras culturas etc., as roupas de homens e mulheres, a partir do século XIV, sofreram alterações que ressaltaram as diferenças e atributos corporais de cada um. Essas formas foram ganhando inovações e variações em um espaço de tempo cada vez mais curto, favorecendo o surgimento do que chamamos de “moda”. A burguesia passou a mimetizar a vestimenta dos nobres a fim de mascarar e adquirir e simular o *status* que intencionavam e essa rivalidade contribuiu para desestruturação de uma rígida hierarquia social.

Em Castela nos séculos XIV e XV, três itens ficaram conhecidos como modas femininas locais, são eles os *tranzados*, *chapines* e *verdugos*. Além de estarem no guarda-roupa da rainha Isabel I de Castela, que era uma de suas principais representantes, eram utilizadas por outras nobres e burguesas. Para tentar frear e limitar o consumo de alguns artigos indumentários à grupos emergentes, existiram as leis suntuárias, que sob a pena de multas visavam a

continuidade da exclusividade de acesso a determinados tecidos e materiais pela nobreza. Não foram eficazes, mas contribuíram para o desenvolvimento de alternativas e novas combinações no vestuário.

Além das leis suntuárias, os tratados morais somaram-se à iniciativa de regradar a vestimenta. O frei Hernando de Talavera era confessor da rainha Isabel de Castela e defendia a modéstia e a humildade como virtudes que precisavam ser exercitadas e ensinadas através do exemplo, logo, condenava o uso desses artigos pela Rainha. Algumas senhoras de Valladolid questionavam a intromissão do clero na categorização do que seria ou não pecado nas vestimentas, essas questões incomodaram tanto o Frei hieronimita que todo o discurso presente na produção literária do *Tratado provechoso que demuestra cómo en el vestir y calçar comúnmente se cometen muchos pecados* (1477), buscava instruir e reforçava os malefícios que as modas femininas acarretavam para as mulheres. O Frei não fugia à concepção de que a “natureza feminina” era frágil e débil e, portanto, precisava ser instruída e controlada por homens e esse controle deveria ocorrer até mesmo na vestimenta, ocasião em que para ele, as mulheres cometem muitos pecados.

Mas nem todas as pessoas pensavam dessa maneira, somada a essa *Querelle des Femmes*, existiram mulheres intelectuais que se colocavam em defesa da condição feminina, Christine de Pizan e Isabel de Villena são fortes exemplos de mulheres que endossaram as virtudes femininas e a necessidade de autonomia das mulheres tanto na escolha do que vestir quanto para escrever sobre elas mesmas.

Diante do exposto, podemos perceber que a noção de “gênero” está presente em todos os aspectos dessa organização social e através da análise dos testemunhos do passado, tais como tratados, leis e fontes iconográficas aqui expostos, temos revelado um conflito de narrativas e de ideias dentro da sociedade castelhana do século XV. Todos esses aparatos jurídicos, religiosos, artísticos, foram criados, pensados e propagados por grupos para atender a uma finalidade. Houveram aqueles escritores que buscavam uma desmoralização da condição feminina, mas também houveram aquelas que resistiram a essa tentativa de silenciamento e de subordinação das mulheres, que utilizaram estratégias para se colocar em evidência, seja como intelectuais que reivindicaram o direito de escrever sobre as mulheres ou mesmo na recusa à subordinação ao dizerem “não” àqueles que tentavam controlar não só os espaços que elas poderiam frequentar, mas até mesmo aquilo que deveriam vestir. A resistência a essas imposições destaca-as como transgressoras na conjuntura em que viveram.

As reflexões sobre as relações de dominação, as transgressões e as negociações também podem ser favorecidas pelo uso da categoria gênero, ao atentarem para como o saber sobre a diferença sexual contribui para a submissão, o controle, a repressão,

ou, em sentido contrário, para a insubordinação, a indisciplina e a desobediência, e também faz-se presente no estabelecimento de acordos e alianças. (Silva, 2019, p.16)

Portanto, ao analisar um fenômeno, tal como a “moda”, podemos ver o quanto ele sofre variações se nos referimos ao público masculino ou feminino. Nas leis suntuárias e tratados morais, os homens receberam críticas, mas não tanto quanto as mulheres. A estrutura das roupas masculinas não foi pensada para aprisionar o corpo, mas para dar mais liberdade, enquanto as mulheres eram enclausuradas entre camadas de tecidos longos. Se a moda servia para controlar os corpos das mulheres, era bem-vista, mas se ela proporcionasse qualquer autonomia, era reprovada. Os homens também gastavam muito na produção de suas roupas, seguiam e criavam tendências, mas eram as mulheres que eram desqualificadas, era o “feminino” que simbolizava a tendência ao pecado e às vaidades da moda devido a sua natureza falha.

Assim, podemos perceber que o poder régio e religioso se empenhou para controlar as “aparências” e manter o ordenamento social por meio do controle das vestimentas das mulheres de Valladolid. As vestes deveriam refletir um consumo adequado à posição social da mulher e elas eram submetidas a um modelo, disseminado em escritos e na produção iconográfica do período que era estabelecido pelos anseios masculinos e cristãos. Apesar das tentativas de adiar as transformações em curso no ordenamento social do reino de Castela, essas mudanças já estavam em andamento e, portanto, eram inevitáveis.

Escolhi como título desse trabalho a seguinte frase: “*Ser e parecer: a moda feminina...*”; após todo esse percurso gostaria de acrescentar uma letra: “*Ser e (a)parecer: a moda feminina como símbolo de transgressão em Castela (séc.XV)*” porque essas mulheres que desafiaram o prelado local, alegando que não havia forma certa no vestir, resistiram não só à imposição moralista de Hernando de Talavera e de uma hierarquia e estrutura masculina e misógina, mas resistiram ao passar dos séculos, pois seiscentos anos após esse episódio ainda continuam sendo estudadas, assim como as intelectuais desse período que conquistaram espaço para que outras pudessem sonhar em ser uma também. Me incluo nessa equação.

## REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 64 p.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2008.
- BRAGA Juliana, MENEZES, Lilian. Introdução aos Objetos de Aprendizagem. In: BRAGA, J. C., **Objetos de aprendizagem, volume 1: introdução e fundamentos** / Organizado por Juliana Cristina Braga – Santo André: Editora da UFABC, 2014. p. 19.
- BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Educação é a base. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf) Acesso em: 05 de jun. 2023
- BROCHADO, C. A querelle des femmes. T.E.X.T.O.S DE H.I.S.T.Ó.R.I.A. **Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB.**, [S. l.], v. 9, n. 1-2, p. 31–51, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/27815>. Acesso em: 3 jan. 2024.
- BROCHADO, C. Evangelhos em feminino: interpretações de uma escritora medieval ibérica. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 42, Jan./Jun. 2014. p. 371-392. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/jWsWT6QBDLzn3L3h7D8XNVq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 29 jan. 2023.
- CAIMI, F. E. O que precisa saber um professor de história?. **História & Ensino**, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 105–124, 2015. DOI: 10.5433/2238-3018.2015v21n2p105. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/23853>. Acesso em: 8 dez. 2023.
- CALVO, Lucas Moreira. **Histórias conectadas no ensino de História: tecendo conexões entre o Norte da África e a Península Ibérica no período da expansão islâmica (VII IX)**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, 2016.
- CASTRO, Teresa de. El tratado sobre el vestir, calzar y comer del arzobispo Hernando de Talavera, **Espacio, Tiempo, Forma**, Serie III, Historia Medieval, n. 14, pp. 11-92, 2001.
- CHRISTINE de Pizan. **A cidade das damas**. Tradução e apresentação de Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne. Florianópolis: Editora Mulheres, 2012.
- CODET, Cécile. **Hablar de la mujer o hablar a la mujer en tiempos de los Reyes Católicos: visiones contrastadas en tres tratados de Hernando de Talavera**. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2017. Disponível em: <https://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmcx65m2>. Acesso em 22 set. 2023.
- COSTA, M. R. N. ., & COSTA, R. F. Escrita e Gênero na Pensadora Medieval Cristina de Pisano. **Revista Ágora Filosófica**, 21(2), 2021, 05–27.

DALARUN, Jacques. Olhares de clérigos. In: KLAPISCH-ZUBER, C. **História das mulheres no Ocidente: a Idade Média**. 2. ed. Porto: Afrontamento, 1990, p. 29-63.

DEBOM, Paulo. Moda: nascimento, conceito e História. **Veredas da História**, [online], v.11, n.2, p. 7-25, dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rvh/article/view/47876/26067>. Acesso em 15 set. 2023.

DEPLAGNE, Luciana Calado. A contribuição dos escritos de mulheres medievais para um pensamento decolonial sobre Idade Média. **Signum**, v. 20, n. 2, p. 24-56, 2019. Disponível em: <http://www.abrem.org.br/revistas/index.php/signum/article/view/503/425>. Acesso em: 29 jan. 2023.

ECO, Umberto. O hábito fala pelo monge. In: ECO, Umberto. **Psicologia do Vestir**. 2 ed. Lisboa: Assírio e Alvin, 1982.

ESCALERA FERNÁNDEZ, I. A participação de Isabel la Católica na confecção de joias e objetos preciosos nos Livros Contábeis de Sancho de Paredes. **PODEROSO**. Estudos do Mundo Clássico e História da Arte, v. 23. Acesso em: 30 de maio de 2023.

FABRE, M.-C. J.; TAMUSIUNAS, F.; TAROUÇO, L. M. R. Reusabilidade de objetos educacionais. **Revista Novas Tecnologias na Educação**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, 2003. DOI: 10.22456/1679-1916.13628. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/13628>. Acesso em: 5 mar. 2023.

FERNANDEZ, Fidel. Fray Hernando de Talavera: Confesor de los Reyes Católicos y primer Arzobispo de Granada. Madrid: Biblioteca Nueva, 1942. Disponível em: <https://www.cervantesvirtual.com/obra/fray-hernando-de-talavera-confesor-de-los-reyes-catolicos-y-primer-arzobispo-de-granada-789245/>. Acesso em 02 dez. 2024.

FOGG, Marnie. **Tudo sobre moda**. Rio de Janeiro (RJ): Sextante, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRUGONI, Chiara. A mulher nas imagens, a mulher imaginada. In: KLAPISCH-ZUBER, C. (Org). **História das Mulheres no Ocidente: Idade Média**. Lisboa: Edições Afrontamento, 1990. p. 461-511.

FRUGONI, Chiara. **Invenções da Idade Média: óculos, livros, bancos, botões e outras inovações geniais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

GÓMEZ-CHACÓN, Diana Lucía, “Vestir a una reina. Moda y lujo en la corte castellana del siglo XV”, In: **Coleccionismo, mecenazgo y mercado artístico: orbis terrarum**, Sevilla: Universidad de Sevilla, 2020, p. 178-196.

GÓMEZ-CHACÓN, Diana Lucía. "Un armario sin fondo: estilismo y guardarropa de las reinas castellanas a finales de la Edad Media a través de las crónicas". e-Spania [Online], n. 42, jun. 2022. Disponível em: <http://journals.openedition.org/e-spania/44489>. DOI: <https://doi.org/10.4000/e-spania.44489>. Acesso em: 04 mai. 2023.

HOMBRE, Francisco El. **Triste, Louca ou Má.** 2016. Disponível em: <https://youtu.be/IKmYTHgBNoE>. Acesso em 15 dez de 2023.

HUGHES, D. O. As modas femininas e seu controlo. In: DUBY, G.; PERROT, M. (dirs.). **História das mulheres no Ocidente.** Porto: Afrontamento, 1990, v. 2.

HUINZINGA, Johan. **O outono da Idade Média.** São Paulo: Cosac & Naify, 2010, 656 p.

IANNUZZI, Isabella. **Gobernar a los fieles y predicar discursos socio-religiosos. Fray Hernando de Talavera, confesor y consejero de los Reyes Católicos.** Alicante : Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2018. Disponível em: <https://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmc0932178>. Acesso em 22 dez. 2023.

JIMÉNEZ-CALVENTE, Teresa. La comida y el vestido en el debate político y moral en el siglo XV Hernando de Talavera y su Tractado provechoso. In: **eHumanista. Journal of Iberian Studies** vol. 51, 2022, p. 97-115. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/359364535\\_La\\_comida\\_y\\_el\\_vestido\\_en\\_el\\_debate\\_politico\\_y\\_moral\\_en\\_el\\_siglo\\_XV\\_Hernando\\_de\\_Talavera\\_y\\_su\\_Tractado\\_provechoso](https://www.researchgate.net/publication/359364535_La_comida_y_el_vestido_en_el_debate_politico_y_moral_en_el_siglo_XV_Hernando_de_Talavera_y_su_Tractado_provechoso). Acesso em 22 dez. 2023.

LAYER, James. **A roupa e a moda: uma história concisa.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LIPOVETSKY, Gilles. **Império do Efêmero: a moda e o seu destino nas sociedades modernas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MADRAZZO, Carmen Bernis. **Indumentaria medieval española.** Madrid: Instituto Diego Velázquez, del Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1956. 87 páginas.

MADRAZO, Carmen Bernis. **Indumentaria española en tiempos de Carlos V.** Madrid: Instituto Diego Velázquez (Consejo Superior de Investigaciones Científicas), 1962.

MARSILLA, Juan Vicente García. La moda no es capricho. Mensajes y funciones del vestido en la Edad Media. **Vínculos de Historia.** Revista del Departamento de Historia de la Universidad de Castilla-La Mancha, 6, 2017, p. 71-88. Disponível em: <https://vinculosdehistoria.com/index.php/vinculos/article/view/vdh.v0i6.269>. Acesso em 26 nov. 2023.

MARTÍNEZ MARTÍNEZ, María. La imagen del rey a través de la indumentaria: el ejemplo de Juan I de Castilla. Murcia, **Bulletin hispanique**, v. 96, n. 2, p. 277-287, 1994. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/hispa\\_0007-4640\\_1994\\_num\\_96\\_2\\_4834](https://www.persee.fr/doc/hispa_0007-4640_1994_num_96_2_4834). Acesso em 13 dez. 2023.

\_\_\_\_\_. **“Indumentaria y sociedad medievales (ss. XII-XV)”**, En la España Medieval, 26, 2003, pp. 35-59.

\_\_\_\_\_. **“La creación de una moda propia en la España de los Reyes Católicos”**, In: **Aragón en la Edad Media.** Homenaje a la profesora María Isabel Falcón, 19, 2006. págs. 343-380.

\_\_\_\_\_. Influencias islámicas en la indumentaria medieval española. In: **Estudios sobre patrimonio, cultura y ciencia medievales**, vol. 13/14, 2012, p. 187-222.

MÉRCURI, Danielle Oliveira.. **Da arte de fazer-se virtuosa**: regimentos de princesas (Castela, século XV). Brathair (online), v. 19, p. 92-112, 2019. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/2279>. Acesso em 12 dez. 2023.

MOLPECERES, Ana V. **Historia de la moda en España**. De la mantilla al bikini. Libros de la Catarata. 2021. ISBN: 978-84-1352-211-1.

MOREIRA, Alberto. “As influências medievais na construção da sociedade moderna: o medieval como provocação para ser”. In: OLIVEIRA, Terezinha; VISALLI, Angelita Marques. **Cultura e educação**. Ética e ação política na Antiguidade e Idade Média. Vitória da Conquista/BA: Uesb, 2007, pp. 215-223.

NASCIMENTO, Maria Filomena Dias. Ser Mulher na Idade Média. **Textos de História**, Brasília, v. 5, p. 82-91, 1997. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/27754/23858>. Acesso em 17 fev. 2023.

NORRIS, H. **Medieval Costume and Fashion**. 2 ed. Nova Iorque: Dover Publications, Inc, 1999. 285 p.

RIELLO, Giorgio. **Breve historia de la moda**. Desde la Edad Media hasta la actualidad. Ed. Laterza, 2012.

RODRÍGUEZ VALENCIA, Vicente. **Isabel la Católica en la opinión de españoles y extranjeros**. Tomo I siglos XV el XVI. Valladolid: Instituto “Isabel la Católica” de Historia Eclesiástica, 1970.

SCHMIDT, M. A Formação Do Professor de História e o Cotidiano Da Sala de Aula. In: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004, p. 54-68.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, Andréia Cristina. Considerações sobre o uso da categoria gênero nos estudos sobre o medievo. **Revista Signum**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 11-23, 2019. Disponível em: [https://www.academia.edu/50112357/\\_2019\\_SILVA\\_A\\_C\\_L\\_F\\_CONSIDERA%C3%87%C3%95ES\\_SOBRE\\_O\\_USO\\_DA\\_CATEGORIA\\_G%C3%8ANERO\\_NOS\\_ESTUDOS\\_SOBR\\_E\\_O\\_MEDIEVO](https://www.academia.edu/50112357/_2019_SILVA_A_C_L_F_CONSIDERA%C3%87%C3%95ES_SOBRE_O_USO_DA_CATEGORIA_G%C3%8ANERO_NOS_ESTUDOS_SOBR_E_O_MEDIEVO). Acesso em 28 dez. 2023.

SILVA, Marcelo Cândido da. **História Medieval**. São Paulo: Contexto, 2019. 160 p.

TALAVERA, Hernando de. Tratado provechoso que demuestra como en el vestir e calçar comunmente se cometen muchos pecados. In: CASTRO, Teresa de. El tratado sobre el vestir, calzar y comer del arzobispo Hernando de Talavera, **Espacio, Tiempo, Forma**, Serie III, Historia Medieval, n. 14, 2001, pp. 21-71.

THOMASSET, Claude. Da natureza feminina. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle (Dirs). **História das mulheres**. Trad. Maria Helena C. Coelho. Porto: Edições Afrontamento,

1993. Volume 2 - A Idade Média (sob a direção de Christiane KLAPISCH-ZUBER).

UNIVERSITAT DE VALÈNCIA. **Projecto Parnaseo**. Aula Medieval - Indumentária. Disponível em: <https://aulamedievalindumentaria.blogspot.com/>. Acesso em: 19 dez. 2023.

VIEIRA, Thaiana Gomes. **Moda e controle**: as vestimentas e adornos nas leis suntuárias em Valladolid na Baixa Idade Média. Dissertação (Mestrado em Artes, Cultura e Liguagens) – Instituto de Artes e Design, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, p. 170. 2017.

\_\_\_\_\_. **Moda na Baixa Idade Média**: linguagem, consumo, poder e controle pelas leis suntuárias. Revista Veredas da História, v. 13, n. 2, 2020. p. 8–36. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rvh/article/view/47431/25753>. Acesso em 09 set. 2023.

## APÊNDICE

Objeto de Aprendizagem (OA) e o Manual do Professor.



# oda edieval



Moda  
Tendências  
&  
Criatividade

**leis  
suntuárias?**

SAIBA TUDO SOBRE UM  
TRATADO QUE TENTAVA  
REGULAR O VESTIR E O  
CALÇAR EM CASTELA

**MULHERES**

**PROTAGONISTAS**

Inspiradoras  
Corajosas

**Poder e Riqueza**

SUA REVISTA DE MODA HISTÓRICA

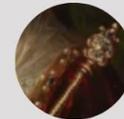
## A IMAGEM DA CAPA

A imagem da Rainha Isabel de Castela (1474-1504) suscitou ao longo do tempo grande prestígio, admiração e críticas por meio dos feitos que foram realizados em seu reinado. A posição que ocupou como soberana de um grande reino e o poder político que alcançou imortalizaram a sua imagem como a de uma grande figura política, grande líder e uma das principais protagonistas femininas do século XV.

Retratar a sua imagem e nela evocar intenções e valores de uma época foi um feito de muitos artistas contemporâneos ou não a ela. É o caso deste quadro pintado pelo artista espanhol Luis de Madrazo (1825-1897), que foi encomendado três séculos após a morte da rainha Isabel de Castela.



La reina Isabel I de Castilla (1848)  
Luis de Madrazo  
Museo del Prado  
(Madrid).



Luis de Madrazo y Kuntz foi um pintor nascido em Madrid e pertenceu a uma família de entusiastas no campo artístico. Muitos membros de sua família ficaram reconhecidos no campo da pintura no século XIX. Luis pintou retratos de nobres e cenas religiosas. O quadro "La reina Isabel I de Castilla", foi encomendado em 1848 pela rainha Isabella II (1830-1904). Ela enfrentava problemas de reconhecimento acerca da legitimidade do seu reinado, a sua posição era questionada por se tratar de uma mulher no poder. Sendo assim, a monarca Isabella II encomendou obras que retratassem monarcas medievais - principalmente as grandes rainhas da história da Espanha - com a intenção política de visualmente legitimar o seu reinado.

Neste quadro podemos ver a Rainha iluminada no centro; chama atenção o seu luxuoso vestido de veludo em um vermelho intenso e ricamente adornado com pedrarias e ouro. Suas mangas são

amplas e compridas, características do século XV. A Rainha está usando uma coroa, colocada sobre um véu, indicando a posição e o poder que ela possuía. O seu cabelo não está à mostra. Em seu peito há um broche em formato de uma concha e uma cruz. O cetro, um importante símbolo real, está apoiado em seu ombro e segurado por sua mão esquerda, enquanto a direita está repousada em seu livro de horas sob a mesa, fazendo jus a sua fama de Isabel a Católica, como também era conhecida. Cada um dos elementos presentes nesta cena foi previamente pensado e colocado propositalmente para causar uma impressão.

A simbologia desses últimos elementos resalta que a Rainha com o cetro governava e estava atenta ao reino secular, mas sem esquecer-se do reino de Deus e de suas obrigações religiosas, evidenciado por seu livro de horas.



### O QUE É UM LIVRO DE HORAS?

Este foi um gênero literário muito popular entre a nobreza no final da Idade Média. É basicamente um livros de orações. O seu conteúdo também contempla calendários com datas de festas religiosas, santos e salmos.



## CARTA DA AUTORA

### Karoline Conceição da Silva Cardoso

Olá, estou muito contente por recebê-lo como leitor desta Revista. Antes de tudo, quero me apresentar para que você possa me conhecer melhor.

Eu sou professora de História, formada pela Universidade Federal de Goiás (UFG), e atualmente curso o programa de Mestrado em História Ibérica da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). Esta Revista é o produto final de dois anos e meio de muita pesquisa, dedicação e estudo sobre moda medieval e Gênero na Península Ibérica.

Nos tópicos a seguir, você encontrará textos e imagens que proporcionarão o entendimento das transformações que ocorreram na Baixa Idade Média.

Nos capítulos iniciais há uma reflexão sobre os significados que a roupa adquiriu ao longo do tempo, em seguida, vamos explorar a "origem" da moda e os motivos da moda ser uma preocupação para algumas autoridades religiosas e laicas da

época. Vamos entender qual era a visão de alguns teóricos sobre as mulheres. Também dedicamos um espaço para apresentar algumas mulheres que foram protagonistas e desenvolveram estratégias de resistência naquele período histórico. Nas próximas páginas, desvendaremos as principais inovações e tendências no vestuário feminino em Castela no século XV. Além disso, exploraremos a biografia e obra de Frei Hernando de Talavera para saber o que ele pensava sobre as tendências de moda do período. Você ainda poderá conferir uma entrevista produzida com a rainha Isabel I de Castela. Essa entrevista foi desenvolvida com base em documentos e estudos históricos e contou com a contribuição da minha orientadora Prof. Dra. Adriana Vidotte, especialista nessa área. Há no final da Revista um Caderno de Atividades com alguns passa-

tempos relacionados com os temas centrais da Revista.

Este Objeto de Aprendizagem foi criado com o propósito de disseminar o conhecimento sobre a Península Ibérica e o reino de Castela no século XV, uma vez que é comum encontrar livros didáticos que abordem a Idade Média a partir do contexto francês, italiano e/ou inglês.

Não poderia deixar de agradecer especialmente a toda a minha família que sempre me apoiou e incentivou. Quero também expressar minha profunda gratidão à minha orientadora, Adriana Vidotte, que não apenas me guiou academicamente, mas também acreditou em mim e me incentivou ao longo desta jornada.

Sem mais delongas, desejo a vocês, queridos alunos e professores, uma boa leitura.





# Sumário

- 05** Idade Média
- 07** Por que usamos roupas?
- 09** A moda nasceu no Ocidente
- 11** O tear horizontal
- 12** Os botões
- 13** Visão religiosa
- 14** Ser e parecer





- 16** Tendências femininas no reino de Castela
- 17** As leis suntuárias
- 18** O que eles diziam sobre elas
- 19** O que elas diziam sobre elas mesmas
- 21** O Tratado sobre o vestir do frei Hernando de Talavera
- 22** O guarda-roupa da rainha Isabel de Castela
- 24** Entrevista com Isabel I de Castela
- 27** Troca de correspondência entre a Rainha e o seu confessor
- 28** Caderno de Atividades



Idade  
Antiga

# IDADE MÉDIA

Idade  
Moderna

## Você sabia que a “Idade Média” não existiu?

Se a “Idade Média” não existiu, sobre o que se trata essa revista? Na realidade, estamos nos referindo ao termo “Idade Média”, que representa um período intermediário entre o que denominados de “Idade Antiga” e a “Idade Moderna”. Nos livros didáticos, é possível encontrar uma subdivisão desse período em Alta Idade Média (séc. V ao X) e Baixa Idade Média (séc. X ao XV). Este material foca principalmente na segunda parte.

Este termo é fruto de uma convenção cronológica criada por historiadores e popularizado desde o século XVII. As mulheres e homens que viveram entre o século V e XV não tinham a consciência de estar em uma “Era Medieval”, assim como nós, muitas vezes, não temos a consciência de que o que estamos vivendo, possivelmente no futuro, será nomeado por historiadores com algum termo que desconhecemos hoje.

Por isso, a “Idade Média”, propriamente dita, não existiu, mas é resultado de uma construção. Entre os próprios historiadores da área, não há uma convenção clara de quando esse período teria começado ou até mesmo quando exatamente terminou. Portanto, devemos conceber essa divisão do tempo histórico enquanto uma fabricação, resultado de uma classificação, uma ordenação para a facilitar a compreensão e estudo deste período.

Devemos compreender que historicamente o uso desse termo refere-se, na maioria das vezes, a uma perspectiva focada na Europa Ocidental. Contudo, não podemos desconsiderar a coexistência de histórias e experiências de outros povos em outros locais que precisam ser amplamente conhecidas e estudadas.

Mas qual é a relevância de estudar a Idade Média?

Nas últimas décadas vivemos um verdadeiro renascimento do imaginário da Idade Média, seja através de jogos como *Skyrim* ou *The Witcher*, este último, inclusive, foi adaptado para uma série da Netflix, assim como a série de livros *Game of Thrones* que também foi adaptada para as telas. Existem outras obras, como *Senhor dos anéis*, que evocam um



**Saiba mais:**

SILVA, Marcelo Cândido da. História Medieval. São Paulo: Contexto, 2019. 160 p.



**Saiba mais:**

MOREIRA, Alberto. "As influências medievais na construção da sociedade moderna: o medieval como provocação para ser". In: OLIVEIRA, Terezinha; VISALLI, Angelita Marques. Cultura e educação. Ética e ação política na Antiguidade e Idade Média. Vitória da Conquista/BA: Uesb, 2007, pp. 215-223

imaginário fantástico da Idade Média que abarca desde grandes cavaleiros que saem em busca de aventuras a dragões, magos, elfos e maravilhas outras que são atribuídas a esse período e que encantam gerações. Todas essas produções são caracterizadas como Medievalismos, pois não representam histórias que de fato ocorreram na Idade Média, mas se utilizam desse imaginário.

A Idade Média é *pop* e disso as grandes indústrias do cinema, televisão e jogos sabem. Além da questão comercial, é certo que hoje existe um fascínio em relação a esse período. Mas devemos estar atentos quanto aos usos e atribuições que são feitas a essa época.

Para alguns, o Medievo foi um terreno fértil de estereótipos: sinônimo de trevas, atraso, guerras, fome, miséria, submissão feminina e várias outras atribuições negativas.



Para outros, foi o período áureo da humanidade: mágico, majestoso, marcado por valores e virtudes que se perderam na contemporaneidade, mas que precisam ser revisitadas e reconquistados. No entanto, esse não foi um período homogêneo. Não deve ser romantizado, nem menosprezado. É preciso reconhecer a complexidade deste período e das sociedades medievais, sobretudo da Península Ibérica. Sendo assim, através da abordagem de um tema como "moda medieval", que é o tema central dessa revista, é possível criar um espaço para se pensar as múltiplas histórias e experiências humanas ligadas a esse momento histórico.

Estudar as múltiplas "Idades Médias" é tentar entender uma forma completamente diferente de experiências vividas, de "ser" humano. É contrapor a rapidez e agilidade do nosso século com o passar do tempo próprio da Idade Média, as diferentes relações com a natureza, entre outras experiências.

Mas é também questionar: Por que nós, na contemporaneidade, sentimos ainda tanto fascínio por essa época?

Enfim, divirtam-se nessa grande jornada de conhecimento e aprendizado!



# Por que usamos roupas?



## Proteção do corpo

Desde os primórdios, os seres humanos tiveram que lidar com o desafio de caçar para suprir necessidades básicas de se alimentar e de cobrir o corpo para protegê-lo das ações climáticas por meio do aproveitamento das peles dos animais capturados.

Diversas técnicas foram desenvolvidas, aproveitando os recursos naturais disponíveis. Isso incluía o uso de óleos e gorduras de animais marinhos e o emprego de ácido tânico que é extraído de árvores como o carvalho e o salgueiro. Essas substâncias eram utilizadas para tratar e preparar as peles, tornando-as mais adequadas para o uso humano e portanto mais resistentes, maleáveis e duráveis.

## Agulhas pré-históricas

Foi durante o Paleolítico que surgiu uma ferramenta de extrema importância: a agulha. Essa invenção foi tão impactante quanto a roda e a descoberta do fogo. Inicialmente, as agulhas eram feitas de marfim, ossos ou dentes de animais e serviam para costurar peles de animais e, posteriormente, tecidos adaptados ao formato do corpo.



## Outras finalidades

Entretanto, o uso das roupas não se limita apenas às necessidades biológicas, como proteção contra o frio. Com o passar do tempo, as vestimentas atenderam a outras finalidades, voltadas para aspectos morais e religiosos, tais como a necessidade de cobrir nossas vergonhas ou utilizar vestes modestas, ter cuidado para não cometer o pecado da luxúria, não fugir daquilo que é necessário, entre outros.

No entanto, as roupas também serviram para atribuir *status* e demarcar a posição das pessoas na sociedade. E isso permanece até hoje, afinal, ninguém utiliza um par de tênis *Air Jordan* apenas para proteger as solas dos pés, mas sim devido ao valor agregado a esse produto em termos de exclusividade, *status*, publicidade e todo contexto cultural em que estamos inseridos.



## Cada um com a sua roupa

As roupas tiveram uma importância tão significativa ao longo da história da humanidade que diversas leis e tratados foram criados para determinar o que cada pessoa poderia ou não utilizar. As roupas estiveram presentes em todos os fatos e momentos históricos, mesmo que muitas vezes passem despercebidas. Do rei ao camponês, da rainha à abadessa, cada um possuía uma indumentária característica.

## A vestimenta e a História

A vestimenta pode ser utilizada como uma fonte de pesquisa e de investigação histórica. Em cada época e em cada lugar existiram matérias primas, cores, tecidos, materiais e acessórios característicos e com significados que variam de acordo com o recorte a ser analisado. As roupas carregam uma história que vai desde o seu processo de fabricação à quem a utiliza e o significado desse uso em determinado contexto. A roupa possibilita o estudo do fenômeno da moda, do período medieval e do recorte de gênero, temas centrais desta revista.



# A MODA NASCEU NO OCIDENTE

A moda não é só vestuário. Observe a imagem acima, ela faz referência a pintura de Johannes Vermeer a 'Moça com Brinco de Pérola' feita em 1665. Detalhe: a moça está com um hambúrguer nas mãos. O que será que essa releitura do quadro tem a ver com a moda? Tudo. A mulher que aparece na imagem, a julgar pelas roupas, não representa uma camponesa simples, pois com o seu brinco de pérolas, camadas de roupas e mangas compridas, no mínimo, podemos afirmar que possui uma condição financeira considerável. Ela segura o hambúrguer como se fosse uma joia, como algo que lhe oferece um *status*. Portanto, mais do que um prato, esse hambúrguer é um produto, e por estar nessa imagem trás a sensação de que é um produto atemporal e especial.

Os hambúrguers como conhecemos se popularizaram a partir do século XX, nos EUA, e se expandiram pelo mundo. Na maioria das cidades brasileiras existem redes de *fast-food* ou de produção artesanal que oferecem os famosos hambúrgueres. Geralmente, são consumidos por todos os públicos: da criança ao adulto. Já se perguntou por que comemos hambúrguer no Brasil? Este produto não é barato, portanto, não é acessível para todos os grupos sociais; não é saudável, porque apresenta alto valor calórico; mas mesmo assim é amplamente consumido no nosso país. Podemos pensar em alguns motivos: esse alimento aparece com frequência em filmes/séries, está associado à praticidade, à juventude, aos momentos de descontração, lazer. Tudo isso faz com que sejamos pegos pelas propagandas que nos criam uma necessidade de consumir este produto tão “legal”. Bingo! Chegamos no ponto que eu queria.

Antes do surgimento da moda, as pessoas se vestiam de acordo com a tradição ligada ao seu grupo social, seguindo o estilo de seus antepassados. Era possível identificar o grupo social ou religioso de uma pessoa apenas olhando a forma como ela se vestia. Inovações no vestuário, como o surgimento de novos tipos de tecido, ficavam restritas às camadas mais ricas das sociedades.

Anterior ao século XIV, na Europa Ocidental, especificamente no reino de Castela, na Península Ibérica, homens e mulheres se vestiam de forma semelhante e não ocorriam muitas alterações no vestuário, se comparado com décadas ou séculos posteriores.



Essa ilustração é do século XIII. Homens e mulheres basicamente se vestiam da mesma maneira, com uma túnica em formato de T com aberturas para a cabeça, braços e pernas. Podemos ver que a roupa não evidenciava a diferença sexual. O que os diferenciavam era basicamente o cabelo e o uso de bigodes e barba pelo homens.

A moda surgiu quando houve o rompimento com essa forma tradicional de vestimenta, quando a silhueta de homens e mulheres assumiram novas formas, se modificaram, dando início a roupas criadas especificamente para o público masculino e feminino.

Mas essas mudanças só foram possíveis com o desenvolvimento de novas técnicas, inovações nos processos de costura e com as mudanças no contexto histórico e social da Europa Ocidental: expansão demográfica, desenvolvimento da vida urbana, aumento da riqueza coletiva e o aparecimento da burguesia, entre outros. Tudo isso contribuiu para o surgimento da moda.

A moda é um fenômeno social que nasceu no Ocidente. Não podemos afirmar o lugar exato, mas sabemos que surgiu na Europa Ocidental a partir do século XIV.

A moda funciona através de tendências e novidades que são efêmeras: começa, se populariza e logo depois “sai de moda” ou é reciclada de uma forma que vira moda novamente. Portanto, podemos entender a moda como uma forma de transformação do vestuário no decorrer do tempo.



No final do século XV podemos perceber o quanto os vestuários de homens e mulheres se diferenciaram. Homens fazendo uso de peças mais curtas e mulheres de peças mais longas.

As novidades no vestuário deixaram de ser exclusivas da nobreza, pois a burguesia, que estava crescendo na Europa Ocidental, tinha condições financeiras de comprar os mesmos tecidos, de encomendar os mesmos estilos de roupas, de criar e reproduzir as novidades e assim adquirir o mesmo *status*. E isso contribuía para confundir a ordem social, pois ao encontrar uma senhora bem vestida era difícil saber se ela pertencia à nobreza ou se era uma burguesa que, ao se parecer com uma nobre, tinha acesso aos mesmos privilégios e *status* que uma integrante da nobreza.

O consumo de determinados produtos foi incorporado por outros grupos sociais, mas isso não agradou as camadas dominantes que viram toda uma estrutura, que era amplamente hierarquizada, começar a ruir. Foram desenvolvidas algumas estratégias para limitar o consumo e frear essa “desordem”.

Logo, a escolha de utilizar uma peça de roupa da moda era uma forma de comunicar poder, riqueza e *status*.

Este é um exemplo baseado no vestuário, mas podemos expandir para outras questões, inclusive a alimentação. No século XV existiu um frei chamado Hernando de Talavera que escreveu um Tratado sobre o vestir, o comer e o calçar em que ele tentava regular o consumo desses itens no reino de Castela. Temos um tópico específico em que tratamos esse assunto. (ver mais p.21)

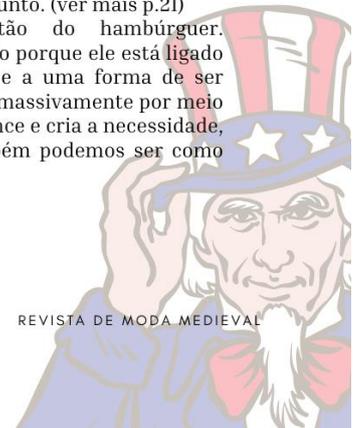
Voltemos à questão do hambúrguer. Continuamos a consumi-lo porque ele está ligado a um *status*, a um país e a uma forma de ser humano que é exportada massivamente por meio da mídia e que nos convence e cria a necessidade, ou a ilusão, de que também podemos ser como eles.



#### Saiba mais:

LIPOVETSKY, Gilles. Império do Efémero: a moda e o seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RIELLO, Giorgio. História da Moda: da Idade Média aos nossos dias. Lisboa: Texto & Grafia, 2013.



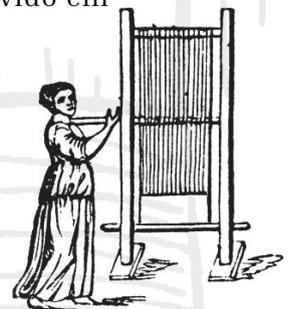
# O TEAR HORIZONTAL



## MAIS *TAMANHOS* MAIS *MODELOS* MAIS **POSSIBILIDADES**

O tear horizontal foi uma invenção do século XI que possibilitou aos tecelões a produção de peças de roupas com até 30 metros de comprimento e 2 metros de largura. As peças puderam se moldar ao corpo e proporcionar uma distinção maior na silhueta do vestuário de homens e mulheres. O antigo tear vertical limitava a confecção e a decoração dos tecidos, pois era um trabalho desenvolvido em pé, com o tecido virado para aquele que o produzia.

## **OS TEARES VERTICAIS SAÍRAM DE MODA!**

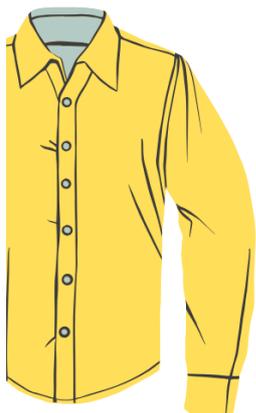


INVENÇÕES

# OS BOTÕES



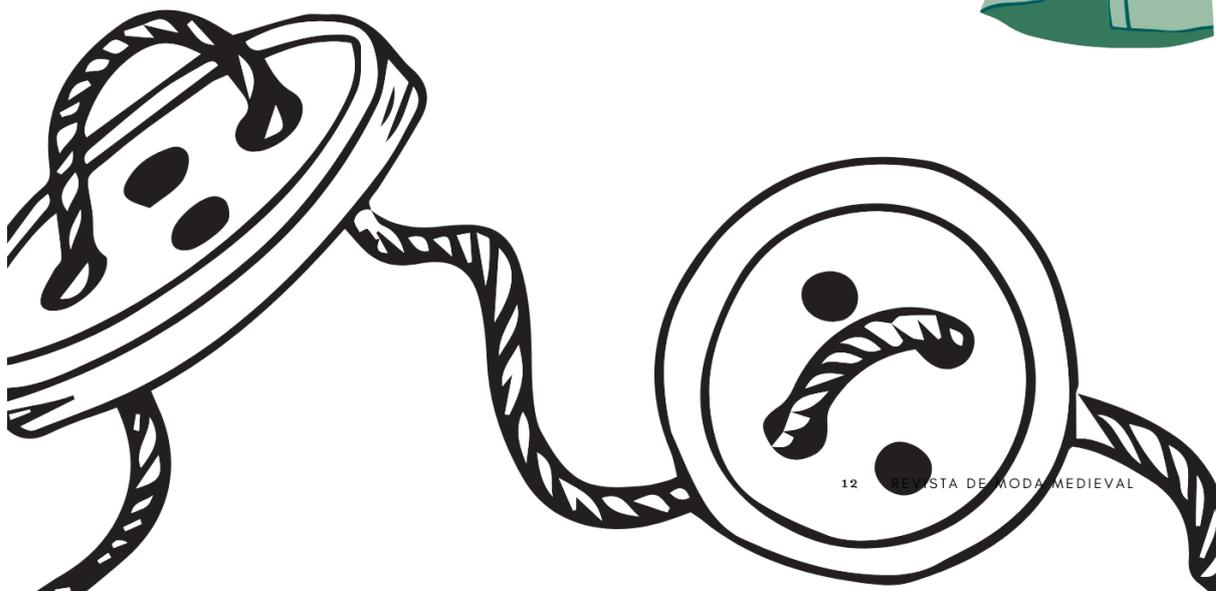
**Você sabia que os botões já foram considerados artigos de luxo?**



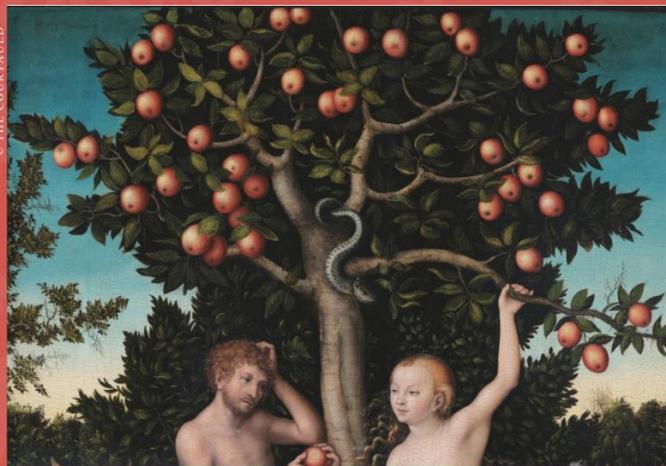
É isso mesmo que você leu. Os botões surgiram na Itália por volta do século XIII e se espalharam pelo continente europeu. Essa inovação, no início, era vista como um enfeite e era vendida por joalheiros. Porém, depois os botões foram amplamente adotados, por sua praticidade, e existem até hoje, compondo os nosso vestuários.

Na época em que surgiram, eles podiam ser feitos de latão, cobre ou vidro. Os botões permitiram que, pela primeira vez, no século XIII, as pessoas usassem suas roupas mais justas ao corpo.

E aí, já imaginou utilizar calças, camisas, vestidos, jaquetas ou qualquer outra peça sem botões? Quase impossível, não é mesmo?



# VISÃO RELIGIOSA



Desde o princípio, a vestimenta e suas extravagâncias foram vistas pela ótica da cristandade como um símbolo do pecado original e do retrocesso humano. Segundo consta no livro de *Gênesis*, a nudez só passou a ser um problema depois da perda da inocência provocada pela expulsão dos primeiros seres humanos do jardim do Éden. A partir desse momento, toda a humanidade passou a ter a necessidade de agasalhar e proteger o corpo das ações climáticas e de esconder suas partes íntimas.

Quando as tendências da moda surgiram, desde cedo começaram a incomodar reis, nobres e religiosos moralistas. Os moralistas, no final do século XIV, começaram a argumentar que a moda seria a causadora de todas as mazelas enfrentadas naqueles tempos: peste, morte, fome. Além da ideia de que a necessidade do uso da roupa era a consequência direta do pecado original, a moda com as suas extravagâncias e novidades era repudiada pelo clero porque fugia do que era considerado natural, honesto e necessário. As transformações pautadas na novidade, no “ver e ser visto”, foram encaradas como práticas pecaminosas de sedução e uma ameaça ao bem-estar social, já que as roupas podiam camuflar a posição social de algumas mulheres.

# SER E PARECER

As sociedades medievais eram caracterizadas por manterem uma organização hierárquica rigorosa. Isso significa que era bem delimitada a posição que cada indivíduo ocupava. Chamamos essas sociedades de estamentais. Como sabemos, muitos teóricos medievais que escreveram sobre essas sociedades eram religiosos, portanto, para eles, essa divisão não tinha sido estabelecida por seres humanos, mas sim por Deus. Ele quem teria ordenado e organizado tudo na natureza de forma perfeita e de acordo com a Sua vontade.

As sociedades medievais estavam organizadas em grupos e em cada um desses grupos haviam outras subdivisões. Alguns monges acreditavam, por exemplo, que a sociedade era formada por três ordens. Uma ordem era composta por aqueles criados para trabalhar e cuidar da subsistência, por meio da agricultura ou do comércio: os trabalhadores (camponeses e comerciantes). Outra ordem era formada por aqueles que rezavam e dedicavam sua vida

aos trabalhos da fé: o clero. Na outra ordem estavam aqueles que guerreavam, protegiam e exerciam a justiça: a nobreza. Cada grupo tinha suas obrigações e responsabilidades para com a sociedade em que vivia.

O vestuário funcionava como um DNA visual que destacava a qual o grupo o indivíduo pertencia. Assim, certos tecidos e acessórios eram direcionados a grupos privilegiados que, ao fazer uso desses artigos, mantinham uma separação visual dos demais grupos.

Porém, no período que corresponde à Baixa Idade Média, a burguesia emergente foi vista com ressalvas por tentar copiar e se apropriar de uma estética que pertencia à nobreza. Para as camadas dominantes, o fato de os novos ricos se apropriarem desse visual, ao ponto de provocarem confusões nas demarcações sociais, indicava um desrespeito à vontade de Deus, que teria ordenado o mundo de forma hierarquizada.

Ou seja, enquanto os novos ricos enxergavam a moda como uma forma de

demonstrar a sua riqueza e, desse modo, se assemelharem visualmente às camadas privilegiadas, os nobres identificavam a necessidade de preservar a exclusividade de suas aparências. Uma verdadeira batalha da moda! Portanto, aqueles que estavam no alto da hierarquia buscavam inovar com a criação de elementos que proporcionassem uma diferenciação daqueles que estavam ao seu redor.

Para tentar limitar o consumo e manter o ordenamento social, foram utilizadas as leis suntuárias. (Veja mais na página 17)



Xilogravura que demonstra a organização dos três grupos sociais feitas por Deus. Abaixo estão os trabalhadores e acima do lado direito a nobreza e do lado esquerdo o clero. Xilogravura de Jacob Meydenbach, de Prognosticatio de Johann von Lichtenberg, 1488.



→ TRANZADO

→ VERDUGOS

→ CHAPINES

# TENDÊNCIAS FEMININAS NO REINO DE CASTELA SÉC. XV

## TRÊS TENDÊNCIAS QUE FIZERAM SUCESSO ENTRE AS MULHERES

### 1. OS VERDUGOS

Item que surgiu por volta de 1470 e consistia em aros rígidos que eram costurados nas saias dos vestidos para dar uma forma mais alargada e volume nos quadris das mulheres.

Também podiam ser encontradas versões que utilizavam círculos de tecidos para atingir o mesmo efeito.

Essa peça criada na Península Ibérica alcançou muita popularidade, sendo imitada em várias outras partes da Europa.

A pintura retratada na imagem ao lado foi feita no século XV. A personagem no centro é Salomé, filha do rei Herodes. Influenciada por sua mãe, Salomé teria pedido a cabeça do profeta João Batista em uma bandeja. O episódio relatado teria acontecido por volta do século I. Contudo, não é por acaso que Salomé aparece ricamente adornada com todos os itens da moda feminina do século XV. Retratá-la dessa forma era um meio de reforçar que a moda, de acordo com os moralistas da época, era um perigo iminente, fruto do pecado, devido ao excesso e luxo principalmente cometido através das vestes femininas. Para os moralistas, essa moda não só representava a corruptibilidade da carne, mas seria, de certa forma, a causa de diversos males que afetavam a sociedade naqueles tempos.



#### Saiba mais:

MADRAZZO, Carmen Bernis. *Indumentaria medieval española*. Madrid: Instituto Diego Velázquez, del Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1956.



Senhoras utilizando verdugos e tranzados. Pedro Garcia de Benabarre, *O Banquete de Herodes*, c. 1470.

### 2. OS CHAPINES

Calçado de procedência hispano-muçulmana. Inicialmente produzidos em Valencia, eram exportados para a Itália.

Consistia em uma plataforma grossa e alta. Eram feitos de cortiça e podiam ser cobertos de couro, veludo, seda, pedras preciosas e bordados com ouro ou prata.

Se convertiam em verdadeiras joias, dependendo dos materiais empregados em sua fabricação.



Par de Chapines. España. 1580-1620. Victoria & Albert Museum. Londres.

### 3. OS TRANZADOS

Conhecidos também como *cofias de tranzados*, consistiam em longas tranças de tecido com os cabelos embutidos e enfeitadas com fitas que se cruzavam. As tranças podiam ser enfeitadas com joias.

# AS LEIS Suntuárias

As leis suntuárias tinham o objetivo de regular hábitos de consumo. Em Castela, na Baixa Idade Média, foram promulgadas por monarcas para limitar o uso e consumo de panos e materiais por camadas sociais consideradas inadequadas, sob pena de multas tanto para quem comercializasse quanto para quem consumisse.

Essas leis não foram restritas ao continente europeu, existem evidências de sua aplicação em outros locais e em séculos anteriores.

As leis suntuárias buscavam reforçar a hierarquia social e possibilitar a diferenciação visual das pessoas através das vestes.

Buscavam limitar o consumo de seda, peles, peças que poderiam levar bordados em ouro e prata e tudo mais que fugisse do necessário.

Desde o ano de 1258, em Valladolid, que integrava o reino de Castela, existiram várias determinações que indicavam o que alguns grupos marginalizados, como mouros e judeus, deveriam utilizar para não serem confundidos com cristãos e vice-versa.

Porém, um dos grupos que aparece com frequência no texto das leis são as mulheres, pois era comum que os homens demonstrassem a riqueza que possuíam por meio das vestes delas. Mas esse não era o único motivo, as mulheres eram vistas por muitos integrantes do clero como mais propensas ao pecado e às infrações. Por isso eram um grupo muito vigiado.

No século XV, os Reis Católicos, ao promulgarem as leis suntuárias,

tinham como objetivo o controle das aparências para manter a estética de poder e riqueza atrelada principal-

mente aos integrantes da realeza.

As leis suntuárias não são consideradas por muitos pesquisadores como ferramentas eficazes no controle da mobilidade social, pois o impedimento a determinados produtos fez com que as pessoas buscassem inovar e achar alternativas que imitassem aqueles itens que tinham sido proibidos.



## Saiba mais:

VIEIRA, Thaianá Gomes. Moda e controle: as vestimentas e adornos nas leis suntuárias em Valladolid na Baixa Idade Média. Dissertação (Mestrado em Artes, Cultura e Linguagens) – Instituto de Artes e Design, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, p. 170. 2017.



## O QUE ELES DIZIAM SOBRE ELAS

Durante a Baixa Idade Média existiram alguns debates literários que ficaram conhecidos como *Querelle des Femmes* (Querela das Mulheres). Nesses debates, muitos pensadores e artistas, leigos e religiosos, se dedicaram a pensar sobre a “natureza feminina” e a representação das mulheres na iconografia, poesia, entre outros. Neste tópico, vamos nos ater aos debates teológicos, promovidos por homens da Igreja que se dedicaram a pensar sobre a questão feminina e sobre o papel que as mulheres deveriam desempenhar na sociedade.

Muitos desses teóricos não conviviam com mulheres, pois se mantinham em espaços completamente masculinos, enclausurados em mosteiros.

Seus argumentos geralmente se baseavam em interpretações de passagens e personagens bíblicos, em outras obras da tradição cristã e em autores e obras latinas do mundo clássico.

Podemos considerar que esses homens acreditavam que a natureza da mulher era diferente e que estava determinada desde a expulsão dos seres humanos do Jardim do Éden. Eva seria a prova da natureza inferior feminina, e todas as mulheres teriam herdado uma série de desvios de condutas que as tornavam inclinadas para o pecado. Sendo assim, a mulher era vista como a porta de entrada para a perdição do homem.

Logo, cabia aos homens o papel de controlar e educar as mulheres a fim de conduzi-las ao caminho certo.



### Saiba mais:

DALARUN, Jacques. Olhares de clérigos. In: KLAPISCH-ZUBER, C. História das 84 mulheres no Ocidente: a Idade Média. 2. ed. Porto: Afrontamento, 1990, cp. 29-63.

Nesta cena do pecado original a serpente é representada como mulher e aparece usando um item da moda, muito popular no séc. XIII, a coifa.



A tentação de Adão e Eva. Miniatura de um salterio (ca. 1270-1280). Cambridge, Saint John's College.

Como um contraponto, a imagem da Virgem Maria era evocada para reforçar um modelo positivo para as mulheres se espelharem e seguirem, mas esse era um modelo utópico, já que Maria era virgem, mãe e santa. Mas deveria ser utilizada como um exemplo de humildade, castidade, moderação e obediência.

Apesar dessas definições, não podemos acreditar que esse período tenha sido marcado apenas pela opressão e submissão das mulheres, nem que elas tenham aceitado essas críticas de forma passiva, sem reação.

As considerações aqui apresentadas dizem muito mais sobre os homens que as escreveram, seus medos e expectativas. Essas ideias não refletiam a opinião de toda a sociedade e não quer dizer que tudo o que eles escreveram se materializou na realidade.



Podemos ver como a mulher era vista como uma forma de pecado. O quadro retrata a tentação de São Jerônimo em que ele é tentado pelo demônio. A sua provação consiste em resistir a mulheres com luxuosos vestidos e instrumentos musicais.

## E O QUE ELAS DIZIAM SOBRE ELAS MESMAS

### EXEMPLOS DE MULHERES PROTAGONISTAS



Christine de Pizan e o seu livro  
Collected Works (1407)

**Christine de Pizan (1365-143?)**: Foi a primeira mulher, no contexto em que vivia, a se sustentar como escritora, e suas obras são conhecidas por defender as mulheres dos ataques que sofriam.

Sua educação foi possível graças a aproximação de sua família com a corte francesa. Após a morte do seu marido, Christine se dedicou às letras, a fim de sustentar a si mesma e sua família.

Em 1405 escreveu um livro chamado de *A cidade das damas*. Nessa obra, a autora nos diz que era muito comum encontrar autores que depreciavam as mulheres e obras que falavam que as mulheres são más e inclinadas ao vício. Portanto, em sua obra, ela evoca uma série de mulheres virtuosas da tradição cristã e da antiguidade para argumentar a favor das mulheres.

Sobre Eva, Christine diz que ela também teria tido acesso à centelha divina, assim como Adão, e portanto os dois eram seres igualmente racionais. Assim, em relação à natureza, não haveria qualquer diferença entre os dois.

Alguns pensadores condenavam a moda feminina porque argumentavam que ela era utilizada como uma arma de sedução. Christine de Pizan contestava, dizendo que a moda não era usada para seduzir os outros, mas para o prazer próprio das mulheres que faziam uso dela.

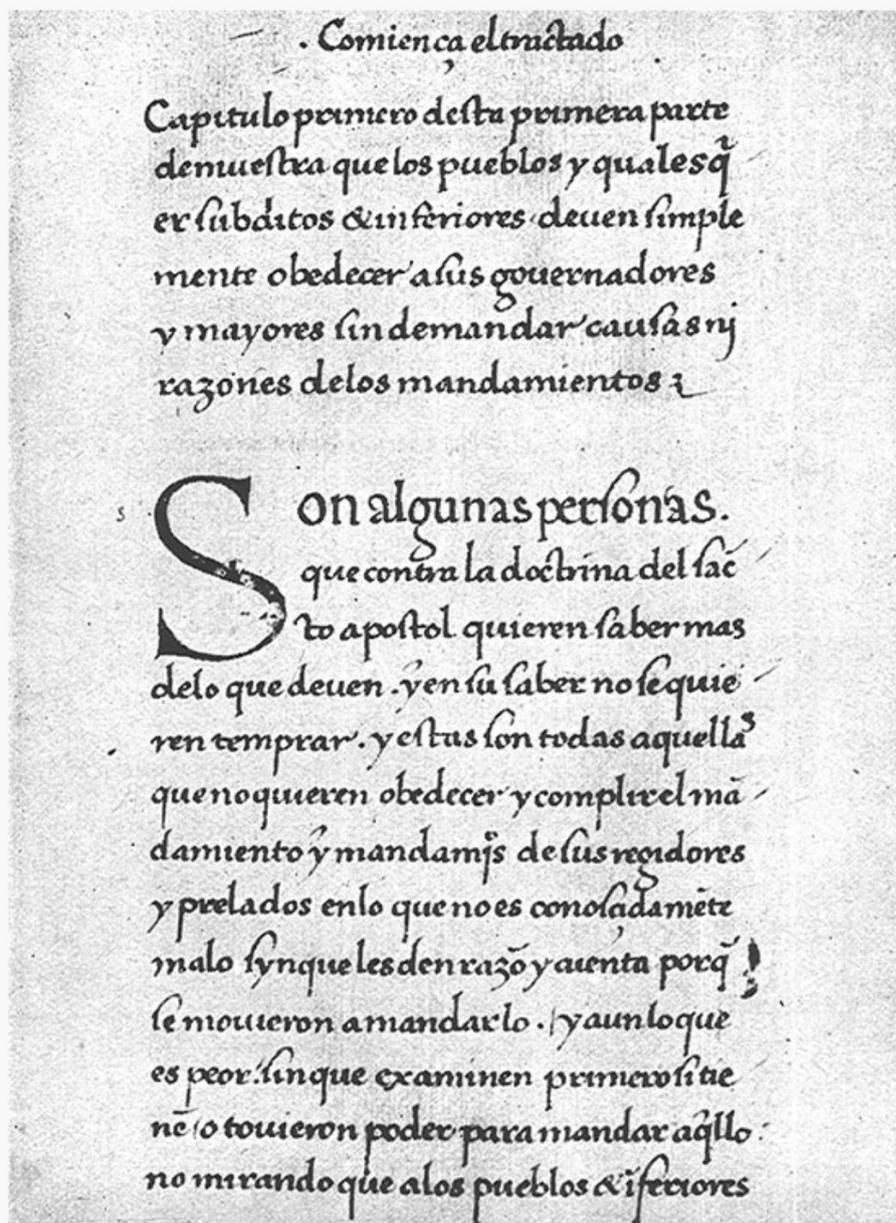
**Isabel de Villena (1430-1490)**: Nasceu em Valencia, filha ilegítima de um nobre escritor, e foi criada próxima da corte. Tornou-se abadessa, e sua posição privilegiada lhe concedeu acesso a espaços de saber e possibilidade de produção dele.

Seus escritos são considerados uma resposta à produção masculina medieval em torno das mulheres. Sua obra mais conhecida é *Vita Christi*. Nessa obra, a autora escreveu sobre o contato de Jesus com as mulheres relatadas no evangelho. Evocou a figura de Maria Madalena, argumentando que ela seria um caminho mais acessível e modelo positivo para a redenção, confissão e salvação dos pecados para todas as mulheres.

Ao contrário de muitos que argumentavam sobre a fraqueza inerente à mulher, Isabel de Villena contra-argumentava com a coragem de Maria Madalena em ter ficado ao lado do Cristo em todos os momentos e por nunca tê-lo renegado, como fez o apóstolo Pedro. Sobre a condenação das mulheres, Villena recordou a passagem em que Jesus teria defendido uma mulher pecadora que seria apedrejada, dizendo para atirar a primeira pedra quem não tivesse pecados. Dessa forma, Isabel de Villena valorizava o perdão propagado pelo Cristo.



Litografia de Isabel de Villena (1761)



Uma das páginas do início do "Tractado provechoso que demuestra cómo en el vestir y calçar comúnmente se cometen muchos pecados", escrito pelo frei Hernando de Talavera em 1477 e publicado em 1496. Nesta página, temos o começo do Tratado em que o frei destaca que os súditos devem obediência aos seus superiores e que algumas pessoas querem saber mais do que devem e teimam em não obedecer seus superiores.

Página do «Tratado contra la demasia del vestir», de Hernando de Talavera. Manuscrito de El Escorial, b. IV, 26. Fonte: Domínguez Bordona, Jesús. Algunas precisiones sobre Fray Fernando de Talavera. Alicante : Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2017. Disponível em: <https://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmc9g7p4>.

## O TRATADO SOBRE O VESTIR DO FREI HERNANDO DE TALAVERA

Hernando de Talavera (1428-1507) teve uma relevante atuação eclesiástica. Ele foi professor de Filosofia Moral na Universidade de Salamanca. Em 1466, ingressou na ordem de São Jerônimo e foi por dezesseis anos prior em Valladolid. Em 1475, conheceu Isabel de Castela (1474-1504) e se tornou o seu confessor. Em 1492, após a conquista cristã de Granada, foi nomeado arcebispo daquele reino. No ano de 1477, escreveu o *Tratado provechoso que demuestra cómo en el vestir y calzar comúnmente se cometen muchos pecados*, que seria publicado apenas em 1496. Em 1480, fundou a primeira imprensa de Valladolid.

Ele dedicou parte de seus esforços em realizar recomendações e críticas às questões morais relacionadas à vestimenta e alimentação de homens e mulheres do reino castelhano e não fugiu à contribuição de um pensamento misógino em relação às mulheres e ao vestuário feminino.

A obra de Hernando de Talavera oferece um extenso material para compreender como os integrantes do clero enxergavam as mulheres e o papel que elas deveriam desempenhar na sociedade. Seus escritos concordavam com um quadro teórico construído durante toda a Idade Média, ao tentar explicar a suposta “natureza” feminina e a condição delas no mundo após expulsão do Éden.

Desde o momento em que se aproximou da corte, em 1475, Hernando de Talavera concebia a ideia de que se o comportamento dos soberanos era honesto e virtuoso, assim seria o seu reino.

Nas primeiras páginas do seu Tratado, o Frei explicou que a escrita dessa obra se deu em resposta a algumas senhoras de Valladolid que questionavam a autoridade que o clero tinha de controlar o que as pessoas vestiam.

### O CASO DE VALLADOLID

Em Valladolid, o clero havia determinado a excomunhão, multa ou desterro para os homens e as mulheres que insistissem em utilizar roupas consideradas desonestas. Isso provocou a reação de algumas pessoas, principalmente mulheres, que questionaram a autoridade do clero sobre as questões relacionadas à vestimenta. Essas pessoas argumentavam: como era pecado mortal utilizar algo que se popularizou na Corte? Elas defendiam que não havia pecado no vestir e que cabia a cada um se vestir segundo sua própria vontade, sem a intromissão da Igreja.

Diante desta situação, Hernando de Talavera produziu seu Tratado, respondendo a essas mulheres de Valladolid, mas com o objetivo de educar todo o reino de Castela. Na obra, o Frei afirmava que as mulheres querem saber mais do que devem para compensar um “defeito” próprio de sua “natureza” feminina e que os homens estavam em pecado quando eram permissivos e deixavam as mulheres se vestirem com queiram.

O Frei defendeu o clero, argumentando que as mulheres deviam ser submissas aos seus superiores. Ele expressou o seu repúdio aos itens da moda em Castela e repreendeu o uso de *chapines*, *verdugos* e *tranzado* pelas mulheres, pois, para ele, esses itens fugiam daquilo que é natural, belo e honesto.



#### Saiba mais:

CASTRO, Teresa de. El tratado sobre el vestir, calzar y comer del arzobispo Hernando de Talavera. *Espacio, Tiempo, Forma. Serie III, Historia Medieval*, n. 14, pp. 11-92, 2001

## O GUARDA-ROUPA DA RAINHA ISABEL DE CASTELA

Já sabemos que Hernando de Talavera foi o confessor da Rainha e que ele acreditava que o bem estar de um reino estava atrelado às virtudes de quem o governava.

A esposa de Henrique IV, a rainha consorte Juana de Portugal, havia sido difamada pelos opositores do rei, que a acusavam de possuir vícios morais e depravações. Esses nobres queriam gerar incertezas sobre a legitimidade da filha do casal, que também se chamava Juana, e afirmaram que a rainha era amante de um nobre chamado Beltrán de la Cueva. Assim, a jovem Juana ficou conhecida como "a Beltraneja", em referência a seu suposto pai.

Inclusive, foram criados rumores que serviam como arsenal de argumentos para moralistas da época atacarem o uso dos *verdugos*. Diziam eles que a rainha Juana fazia uso constante de *verdugos* para esconder essa gravidez indesejada. Esse rumor contribuiu para essa peça ser considerada inapropriada para as mulheres honestas, por oferecer uma certa "liberdade" para se cometerem pecados.

Após a morte do rei Henrique IV, Isabel de Castela ascendeu ao trono, em 1474. Naquele momento, era necessário que a boa condução do reino não fosse ameaçada por escândalos e erros morais.

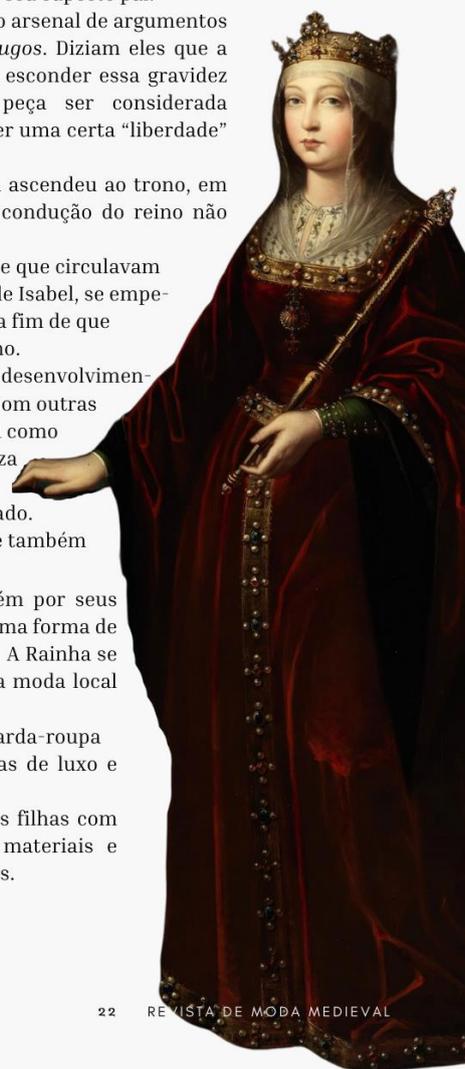
A partir desse momento, várias figuras de autoridade que circulavam na Corte, tal como Hernando de Talavera, confessor de Isabel, se empenharam em orientar e advertir as práticas da rainha a fim de que suas virtudes e boas ações legitimassem o seu governo.

A própria Corte de Castela era um lugar de criação e desenvolvimento de novidades luxuosas e criações que competiam com outras cortes europeias. Desde a primeira aparição de Isabel como rainha, o seu vestuário já chamou atenção pela riqueza empregada em seus materiais. Ela passou a utilizar o vestuário como uma forma de promover o seu reinado. Essa era uma estratégia utilizada até então por reis, e também foi adotada pela Rainha.

Isabel I de Castela passou a ser conhecida também por seus trajes luxuosos; ela soube utilizar o vestuário como uma forma de comunicar o seu poder e a opulência do seu reinado. A Rainha se converteu em uma das principais representantes da moda local daquele tempo.

Apesar das recomendações de seu confessor, no guarda-roupa da rainha Isabel era possível encontrar várias peças de luxo e peças condenadas por ele.

Muitas fontes relatam as aparições dela e de suas filhas com seus ricos vestidos, produzidos com riqueza de materiais e fazendo uso de *verdugos*, para dar volume aos quadris.



Nas contas reais constam a compra de vários *verdugos* até o ano de 1492, quando os aros rígidos começam a ser substituídos por outros materiais que proporcionam o mesmo resultado.

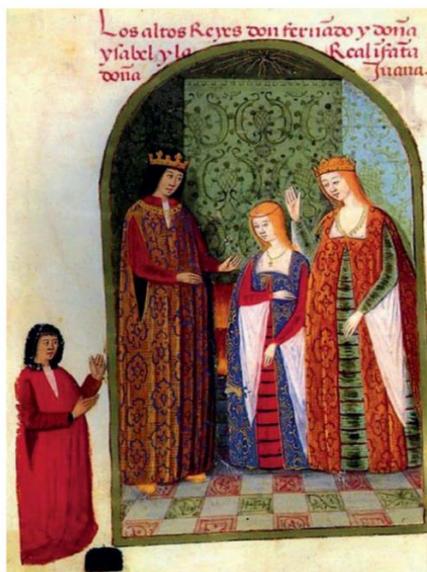
Nos registros de seu tesoureiro real, Gonzalo Baeza, existem várias anotações de pagamentos para a produção de *chapines*, para a Rainha e suas filhas, adornados com tantos materiais de luxo que eles se convertiam em verdadeiras joias.

Há também relatos do uso de *tranzado* e peças mouras que a Rainha utilizava. Sem contar na quantidade de joias que a Rainha tinha em sua posse.

Conhecida e admirada por muitos, a posição social de Isabel não impedia que ela fosse alvo de críticas. Por mais que fosse uma rainha poderosa e possuísse inúmeros privilégios, ela também era vista por moralistas da época como uma mulher, e que, na sua posição de destaque, deveria dar exemplo de bom comportamento e conduta para outras mulheres.

Logo, o Tratado escrito no século XV por seu confessor, Hernando de Talavera, tinha uma dimensão política e didática, já que buscava orientar e direcionar não só a nobreza do reino, como também a realeza, que deveria ser espelho para a população local.

Não podemos ignorar que a rainha Isabel tinha escolhido Hernando de Talavera como seu confessor exatamente porque desejava ser instruída e aconselhada por ele, e assim foi em vários momentos de sua vida. Porém, a Rainha não deixou de fazer aquilo que ela também desejava, tal como podemos ver nas escolhas das peças que compuseram o seu guarda-roupa, ela gostava de seguir e estar por dentro das tendências da moda local.



Temos aqui uma das representações da rainha Isabel I de Castela e sua filha fazendo o uso de *verdugos*, item de moda muito popular no século XV.

#### Saiba mais:



GÓMEZ-CHACÓN, Diana Lucía, "Vestir a una reina. Moda y lujo en la corte castellana del siglo XV". In: Coleccionismo, mecenazgo y mercado artístico: orbis terrarum. Sevilla: Universidad de Sevilla, 2020, p. 178-196.

# ENTREVISTA COM

*Personagem Histórico*

## ISABEL I DE CASTELA



Retrato da rainha Isabel I de Castela

**01. Olá, rainha Isabel I de Castela, é uma honra poder entrevista-la.**

**Gostaria que a Sua Majestade começasse nos explicando: como conseguiu chegar ao poder? Sabemos que a senhora não era a primeira na linha sucessória.**

Eu e meu irmão, o rei Enrique IV, somos filhos do rei Juan II de Castela. Quando meu pai faleceu, Enrique herdou o trono. Meu irmão reinou até sua morte, em 1474. Ele foi casado com Juana de Portugal, e desse casamento nasceu minha afilhada, Juana, que seria a herdeira do trono. Contudo, muitos nobres não aceitaram reconhecer Juana como princesa e chegaram a difamar a jovem e seus pais. Eles diziam que Juana não era filha de Enrique. Naquele ambiente de disputas, meu irmão e eu acordamos que eu seria a sua sucessora. Dessa forma, eu herdei o trono do meu pai, por linha direta, e não do meu irmão.

**02. Rainha, sabemos que a Senhora foi uma grande mulher e líder em uma época dominada por homens. Quais foram os maiores desafios que enfrentou ao exercer seu poder e autoridade?**

Diferentemente de outros reinos, no meu reino, Castela, nunca vigorou a lei sálica, que impede as mulheres de reinar. Dessa forma, sempre fui a legítima rainha de Castela. Contudo, quando meu irmão faleceu, muitos nobres questionaram meu direito ao trono.

Alguns diziam que o trono pertenciam ao meu marido, Fernando de Aragão, porque ele era homem e da mesma dinastia. Esse foi meu maior desafio! Tivemos que reunir vários juristas, que debateram por vários dias, mas, no final, eu assumi o trono. Como eu disse, sou filha e única herdeira de Juan II. Tendo reconhecida a legitimidade do meu poder, atuei sempre com muita firmeza para submeter os nobres opositores e pacificar o reino.

**03. Como a Senhora lidou com as expectativas e pressões sociais e culturais em relação ao papel das mulheres na sociedade? Você sentiu a necessidade de desafiar essas normas para se posicionar?**

A expectativa desde o início era que eu fosse uma grande rainha e que eu pudesse ser um espelho para meus súditos, como outras antes de mim já foram. Castela já foi governada no passado por grandes rainhas como, por exemplo, a rainha Berenguela de Castela. Logo, além de uma grande rainha eu precisava também ser piedosa, humana para com os meus súditos, mas sempre governar com braço forte. Depois de intensas discussões que questionavam a minha legitimidade para assumir o trono eu tive de equilibrar as expectativas e pressões externas, mas sem abdicar daquilo que eu achava sensato e correto ao exercer o poder em Castela. Precisei me posicionar e desafiar algumas normas em prol do que eu

acreditava. Não foi fácil, mas hoje me tornei conhecida por meus feitos. Cultivei também essa expectativa para a minha filha, pois através do meu exemplo, esperava que ela também fosse uma grande rainha.

**04. O que a senhora achou do Tratado sobre o vestir e o calçar escrito pelo seu confessor, frei Hernando de Talavera?**

O Frei Hernando de Talavera é uma pessoa que eu tenho profundo respeito e confiança, tanto é que eu o escolhi entre tantos outros para ser o meu conselheiro e confessor. Apesar de seu Tratado conter alguns exageros, percebo que ele só tentou proteger a Igreja e defender a honra das mulheres e dos homens do reino. Mas eu, enquanto Rainha sempre gostei de saber tudo sobre o meu reino e estar por dentro do que se passava nos reinos vizinhos. E isso inclui estar por dentro das novidades da minha época: os diferentes tecidos, modelos de vestimentas, acessórios e penteados. Não só eu apreciava essas novidades, mas várias mulheres da nobreza que estavam em volta de mim também. Não abro mão de estar bem vestida e ser reconhecida pela opulência de minhas roupas. E sei que esse aspecto é visto como uma polêmica simplesmente por eu ser uma mulher e uma mulher com poder. Nesse sentido, o Tratado escrito por Hernando de Talavera também exige de mim muita reflexão e, apesar das recomendações do Frei, eu leio, pondero e aplico na minha vida aquilo que eu considero que faz sentido para

mim e para o meu reino.

**05. A senhora ficou conhecida como uma das principais representantes da moda de Castela. Isso procede?**

Sempre me vesti adequadamente. Fui rainha de um grande reino e as minhas roupas precisavam estar adequadas a minha posição, obviamente.

Não conheço nenhuma grande rainha ou grande rei que não cuidasse de seus trajes. Algumas pessoas me acusavam de cometer exageros, mas isso não é verdade. Sempre fui uma mulher discreta, mas essas pessoas devem entender que fui um espelho para meus súditos.

Mas claro, sempre gostei de acompanhar as tendências do momento. Em vários documentos fui retratada com as grandes tendências de Castela, pois eram peças que estavam sempre no meu guarda-roupa. Amava utilizar os meus verdugos, sempre achei um charme os meus chapines, adorava pentear os meus cabelos e utilizar o tranzado, sem contar nas jóias que eu sempre gostei de utilizar.

**06. Sua Majestade, como você enxergava o papel das mulheres na sociedade? Suas políticas refletiam o seu posicionamento e os seus valores nessa área?**

As mulheres sempre tiveram papéis importantíssimos nas sociedades, inclusive nas medievais, as pessoas é que não compreendem bem. Na minha época, por exemplo, muitas mulheres negociaram acordos de paz que colocaram fim em guerras entre seus reinos. É claro que, como mulher muito discreta e religiosa, sempre considerei que as mulheres devem amar e zelar por seus maridos. Para manter minha honra, sempre estive acompanhada de muitas nobres, que criava e educava em meu castelo. Inclusive, algumas dessas nobres eram também instruídas diretamente pelo Frei Hernando de Talavera.



Os Reis Católicos. Isabel I de Castela retrata ao lado de seu marido, o rei Fernando II de Aragão.

**07. Rainha, a Senhora foi casada com o rei Fernando II de Aragão, qual era o papel do seu marido na administração do reino? Era ele quem tinha autoridade sobre as principais decisões que eram tomadas? Ou vocês dois tinham a mesma autoridade e governavam juntos?**

Depois das disputas jurídicas sobre as quais eu falei, meu marido e eu firmamos um documento que ficou conhecido como "Concórdia de Segóvia". Esse documento estabeleceu que o trono castelhano pertencia exclusivamente a mim, mas que meu marido teria uma atuação efetiva em Castela. Ficou determinado que a justiça seria administrada por nós dois; que as cartas régias levariam os nomes de nós dois, conjuntamente, que as moedas do reino apresentariam os bustos dos dois. As únicas coisas que Fernando não podia fazer em Castela era administrar as finanças e o patrimônio régio. De forma geral, sempre governamos juntos. Como escreveu um cronista italiano da minha época: éramos dois corpos mortais animados por um só espírito; dois corpos regidos por um só pensamento e uma só alma.

**08. Sua Majestade, como a senhora gostaria que fosse lembrada em termos de suas contribuições durante o seu reinado?**

Essa é uma pergunta difícil de responder. Eu considerava que o poder régio devia atuar como um juiz. Para mim, o juiz devia saber perdoar, mas também punir. Assim, muitas vezes fui benevolente e perdoei, mas, em outras tantas, fui rigorosa e puni exemplarmente. Acho que gostaria mais de ser lembrada pela benevolência. Se você ler meu testamento, vai perceber que eu valorizava muito minha imagem de rainha piedosa, que amava minha família e meus súditos. No testamento, pedi à minha filha e sucessora que ela amasse seus súditos, tratando-os com bondade, fossem eles

grandes ou pequenos, e que os tributos fossem cobrados de forma justa, sem sobrecarregá-los. Também pedi que ela cuidasse para que os índios fossem bem tratados, e que não sofressem ofensas em suas pessoas.

**09. Finalmente, qual conselho a senhora daria às mulheres que aspiram posições de liderança e poder em um mundo como o seu, que historicamente foi dominado por homens e promoveu o silenciamento das mulheres?**

Nós mulheres sabemos a força que temos. Eu as aconselharia a sempre lutar por aquilo que elas acreditam. Apesar de sempre ter em volta de mim pessoas que me ajudaram e instruíram naquilo que eu deveria ou não fazer, no final a minha autoridade prevalecia. Sempre gostei muito de estudar e estar atenta a tudo que acontecia no meu reino e ao meu redor, sempre busquei ser a melhor rainha que poderia ser, deixo como conselho para todas as leitoras dessa revista: não deixem outros governarem aquilo que é importante para você, seja a sua vida, a sua casa, o seu ofício ou até mesmo dizerem que vocês não são capazes de fazer alguma coisa. Governe a si mesma e busque sempre ser a melhor naquilo que faz. Não se esqueça também da importância de estar rodeada de pessoas que te ajudam a alcançar seus objetivos. Por ora, são esses os conselhos.

**10. Rainha, eu gostaria de agradecer pela entrevista e por ter nos contado um pouco sobre a sua trajetória enquanto soberana de um grande reino, como foi o de Castela.**

Foi um prazer poder falar para um público de um século tão distante do meu. Não consigo nem imaginar o que seria esse tal século XXI. Espero que procurem saber mais sobre mim. Até uma próxima vez.

## TROCA DE CORRESPONDÊNCIAS ENTRE A RAINHA E O SEU CONFESSOR

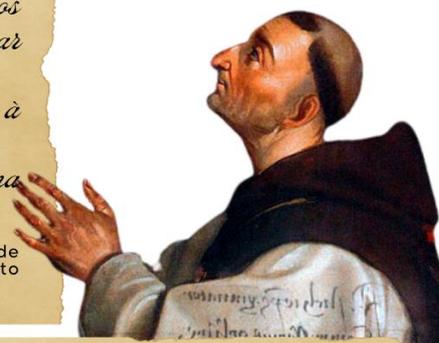
CONTEXTO: FESTA PROMOVIDA PELA CORTE, EM 1493, ENQUANTO RECEBIA EMBAIXADORES FRANCESES EM BARCELONA

De: *Hernando de Talavera*  
Para: *Rainha Isabel*

*“Não reprovos os presentes e favores recebidos, nem as honras de jantar e fazer refeições à vossa mesa... Não a despesa com roupas e vestimentas novas, embora não falte culpa naquilo que foi excessivo... Mas o que, ao meu ver, se estendeu a Deus de muitas maneiras e abundantemente, foram as danças, especialmente de quem não deveria dançar... e mais a licença de misturar os cavalheiros franceses com as damas castelhanas no jantar e que cada um levasse a quem quisesse como par. O quanto edificadas os franceses serão em relação à honestidade e à seriedade Castelhana! O, se eu entendo, quanto minha Rainha e soberana senhora perde com isso!”*

RODRÍGUEZ VALENCIA, Vicente. Isabel la Católica en la opinión de españoles y extranjeros. Tomo I siglos XV el XVI. Valladolid: Instituto "Isabel la Católica" de Historia Eclesiástica, 1970. p. 361.

\*CONTEÚDO DAS CARTAS TRADUZIDO E ADPTADO PELA AUTORA



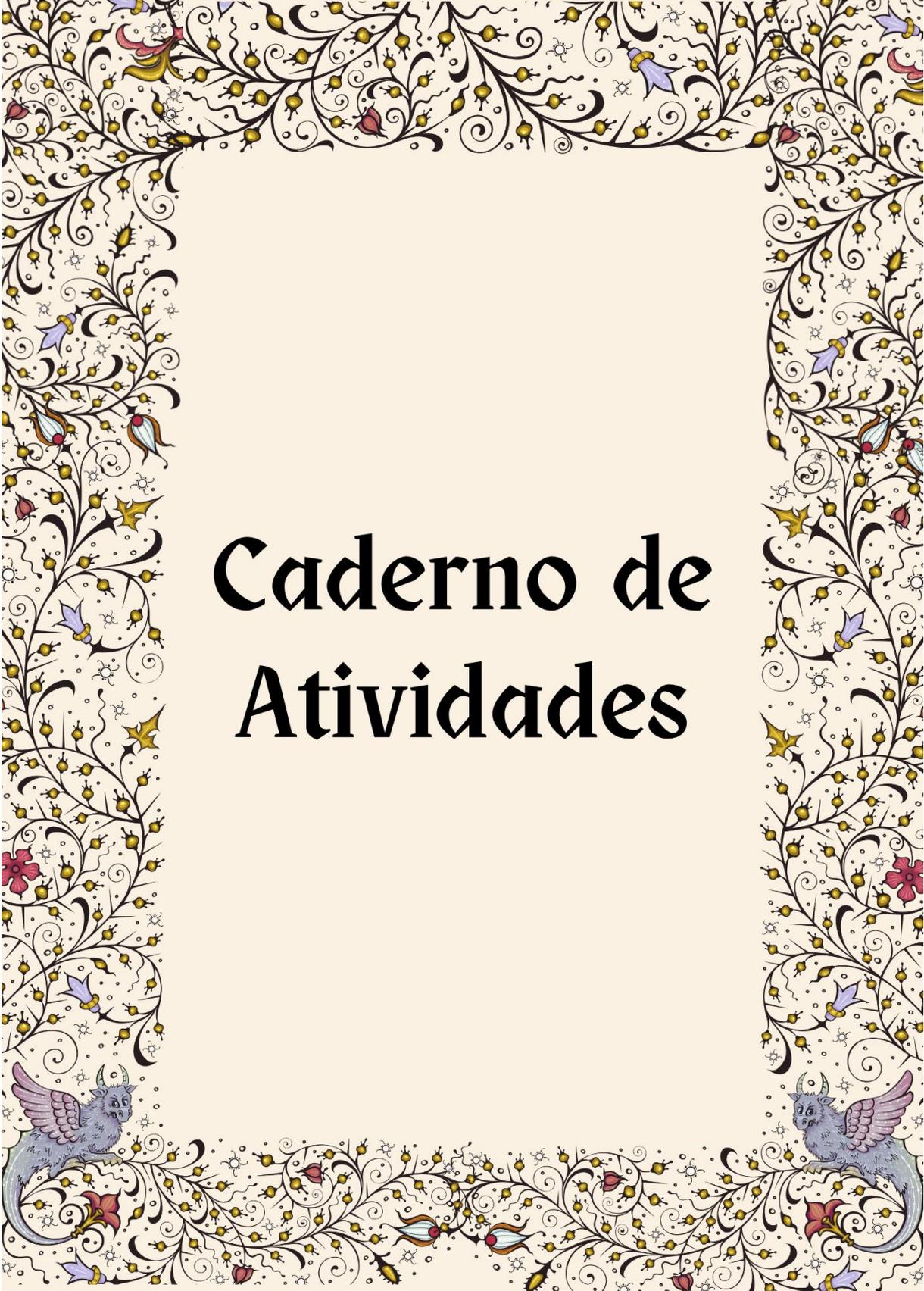
De: *Rainha Isabel*  
Para: *Hernando de Talavera*

*“Não gostaria de parecer que estou me desculpando. Mas porque me parece que disseram mais do que realmente aconteceu, vou contar o que aconteceu para entender onde houve erro; pois o senhor diz que dançou quem não devia; penso que disseram que quem dançou fui eu, o que não aconteceu, nem passou por meu pensamento, e isso é algo completamente esquecido por mim.*

*Não houve trajes novos, nem para mim nem para minhas damas, nem mesmo vestidos novos, tudo o que eu vesti na festa já tinha sido usado desde quando estávamos em Aragão, e outros franceses já tinham visto. Apenas fiz um vestido de seda, o mais simples possível, com três marcos de ouro: essa foi toda a minha festa das festas.”*

RODRÍGUEZ VALENCIA, Vicente. Isabel la Católica en la opinión de españoles y extranjeros. Tomo I siglos XV el XVI. Valladolid: Instituto "Isabel la Católica" de Historia Eclesiástica, 1970. p. 362-363.





# Caderno de Atividades

# CAÇA PALAVRAS

Desafie-se com nosso Caça Palavras.

Encontre as palavras que apareceram nas sessões desta revista; elas estão escondidas na horizontal, vertical e diagonal. Divirta-se enquanto resolve!

O B N E R D M S A E R V C L F A E T X Y L S  
 C I C T C H A P I N E S A M O D A Z M U V V  
 Y O A I H S E D R T P A H L N D T E O L E A  
 M H S S E N I L C U E A V Y L N D C L A R G  
 T H T C N A T R A N Z A D O S A E U D O D L  
 Y F E T E C V R D A I N T L H O D Y A N U U  
 L I L R C E N H O P S L E C O V P O A E G D  
 L H A M O F V C T B U R G U E S I A L Y O P  
 N I A E S G E U I T E N A D M S I P R I S R  
 N A O I L H S E S A N D O C U I A R N O D O  
 S C M R T F T A O L R D I T L A B F D W G T  
 H L I E C M U H O N R L A P H G I E D R U A  
 M A L Y I H A S M O W R N E E L D I A R I G  
 G V C D E O R I R A O S T L R D P N E R G O  
 I O A U V C I R M D A E L I E T R O U M R N  
 E N S A R T O O A I N S C Y S D O B A M E I  
 T C E R U M A T I H O N R M S U H R C E J S  
 I V R K G C A U N I A T V L S H P E E G A M  
 C O A N S R E T L R V U P N B A G Z R W E O  
 I A S D T L K B T V A D O N W B S A G E I R  
 D T W V L N S I X A L E R O D U S A R O E I  
 F B L O R G T E N D E N C I A S H T N Z P V

BURGUESIA  
 MODA  
 TENDÊNCIA  
 VERDUGOS

CASTELA  
 MULHERES  
 TRANZADOS  
 VESTUÁRIO

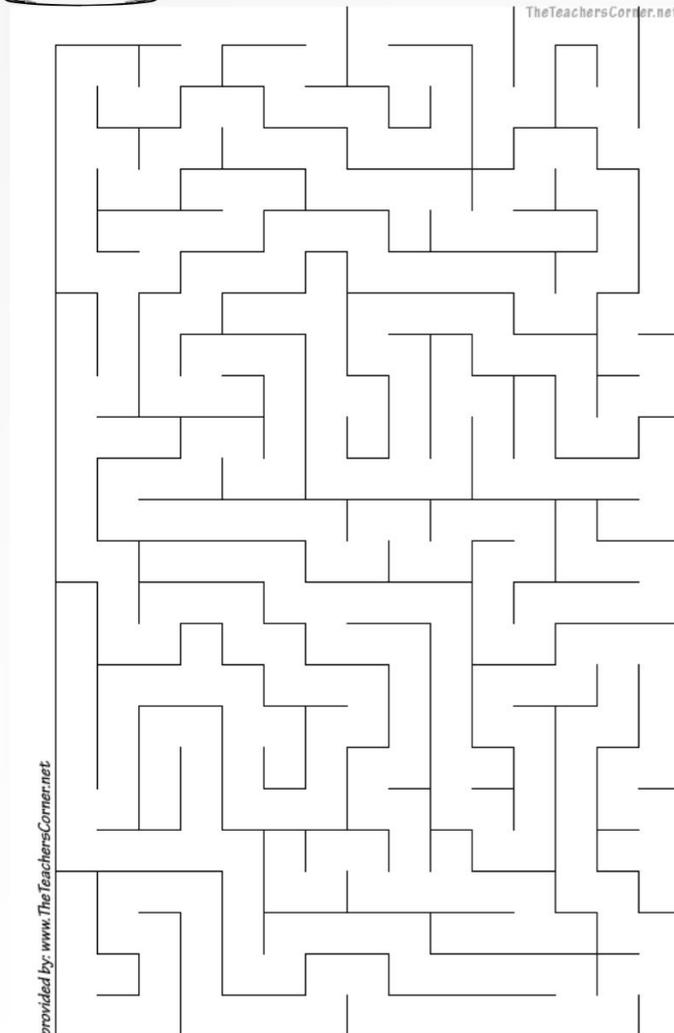
CHAPINES  
 NOBREZA  
 TRATADO

IGREJA  
 PROTAGONISMO  
 VALLADOLID



# LABIRINTO

A rainha estará presente em um evento público de grande porte e é importante que ela tenha acesso ao figurino que encomendou. Ajude-a a chegar ao seu destino e impressionar a todos com a exuberância de sua roupa.



# QUIZ

**RESPONDA ÀS QUESTÕES ABAIXO, MARCANDO APENAS UMA ALTERNATIVA E, NO FINAL, DESCUBRA COM QUAL GRUPO SOCIAL VOCÊ MAIS SE IDENTIFICA**

**01. Qual destas descrições melhor representa você?**

- a) Tenho uma profunda fé e dedico minha vida à religião e aos ensinamentos de Cristo.
- b) Sou parte de uma família rica e poderosa, com terras e títulos e tenho muitos privilégios.
- c) Não tenho família rica, mas com meu trabalho consegui enriquecer.
- d) Trabalho desde cedo na terra e na agricultura para sustentar minha família e minha comunidade.

**02. O que é mais importante para você?**

- a) Espiritualidade e adoração a Deus.
- b) Status social, riqueza e privilégios.
- c) Conquistar prestígio social e mostrar minha riqueza.
- d) O trabalho árduo e a subsistência diária.

**03. Qual destas atividades você prefere?**

- a) Participar de missas e rituais religiosos.
- b) Participar de festas luxuosas e eventos sociais.
- c) Acompanhar as tendências de moda e estar por dentro das novidades.
- d) Cultivar alimentos e cuidar do gado.

**04. Onde você gostaria de viver?**

- a) Em um convento, mosteiro ou igreja.
- b) Em um castelo.
- c) Em um ambiente urbano.
- d) Em uma pequena casa rural.

**05. Qual destas palavras melhor descreve sua vida ideal?**

- a) Devoção
- b) Nobreza
- c) Riqueza
- d) Simplicidade

**06. Como você gosta de se vestir?**

- a) De forma modesta.
- b) De maneira extravagante.
- c) Gosto de usar o que está na moda
- d) Viste o que tem, sem exagero.

**07. Você é do tipo de pessoa que:**

- a) Gosta de instruir e orientar as pessoas.
- b) Gosta de proteger as pessoas.
- c) Gosta de realizar atividades comerciais.
- d) Gosta de servir as pessoas.

**AO FINAL, VEJA QUAL LETRA VOCÊ MAIS MARCOU E CONFIRA NA PRÓXIMA PÁGINA QUAL SERIA O SEU GRUPO CORRESPONDENTE**

## RESULTADO

### LETRA A: CLERO

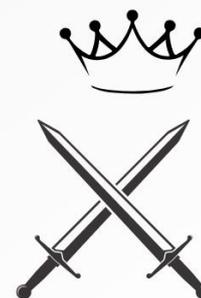


Se você gostaria de ter uma vida de dedicação e fé em Deus, pois é uma pessoa muito ligada à espiritualidade, gosta de frequentar missas, visitar mosteiros, igrejas e de se vestir de forma modesta, de ler e instruir pessoas, você se adequaria bem às funções destinadas ao clero.

Homens e mulheres desse grupo, geralmente, vivem em mosteiros e dedicavam suas vidas à construção de saberes, instrução de pessoas e aos demais afazeres da Igreja.

### LETRA B: NOBREZA

Se você gostaria de ter uma família rica e poderosa, com muitas posses de terra, com títulos nobres, muitos privilégios sociais, de viver uma vida ostentando a sua riqueza, participar de festas luxuosas, viver em um castelo e de proteger e lutar em defesa do seu reino, com certeza esse seria o grupo social que você mais se adequaria.



### LETRA C: BURGUESIA



Se você gostaria de enriquecer através do seu trabalho, conquistar prestígio social, ostentar sua riqueza e estar por dentro das tendências da moda, tudo proporcionado pelo fruto de muito trabalho, gosta de vendas e comércio, esse seria o grupo social que você mais se adequaria.

### LETRA D: CAMPONÊS

Se você gostaria de praticar a agricultura e criar gado, se gostaria de plantar e colher para sua subsistência, viver em uma casa rural com simplicidade, sem luxo ou exagero, vestindo o que tem e gostaria de servir as pessoas, esse seria o grupo social que você mais se adequaria.



Lembre-se: Essa é apenas uma brincadeira em que você têm a possibilidade de “escolher” qual seria o seu grupo social. No entanto, durante a Idade Média, as sociedades eram estamentais, ou seja, não havia tanta mobilidade social como atualmente; muitas pessoas permaneciam no mesmo grupo social até a sua morte.

Quanto mais elevado na hierarquia social, mais privilégios; quanto mais na base, como os camponeses, mais obrigações, privações

e violências as pessoas estavam submetidas.

Por isso, quando a burguesia surgiu e começou a acumular riquezas, o que podia ser percebido nas roupas que usavam, ela incomodou tanto o clero e a nobreza, que viam ameaçadas às suas posições de privilégio.

Já os camponeses, nesse caso, não tinham acesso à moda, pois eles não tinham condições de consumir esses produtos.



## FAÇA VOCÊ MESMO: PAPER DOLL

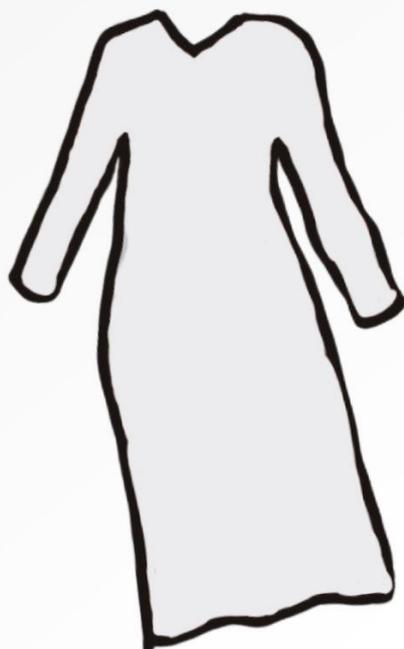
Segundo a historiadora Carmen Bernis Madrazo (1919-2001) que foi pioneira nos estudos referentes à indumentária espanhola, as roupas que as mulheres vestiam em Castela poderiam ser classificadas em: roupas de baixo, semi-internas, roupas para vestir o corpo (que eram vestidas por cima das semi-internas), as de vestir por cima e sobretudos. Havia também os *tocados*, ornamentos utilizados na cabeça e os calçados.

Recorte as peças de roupa seguindo a ordem da numeração e cole na doll que está disponível nas próximas páginas.

1

Roupa de baixo:

As *Camisas* eram peças de influência árabe e se generalizaram em Castela desde o século X. Podiam ser feitas de linho ou seda, ser brancas ou coloridas. Eram utilizadas tanto por homens quanto por mulheres.

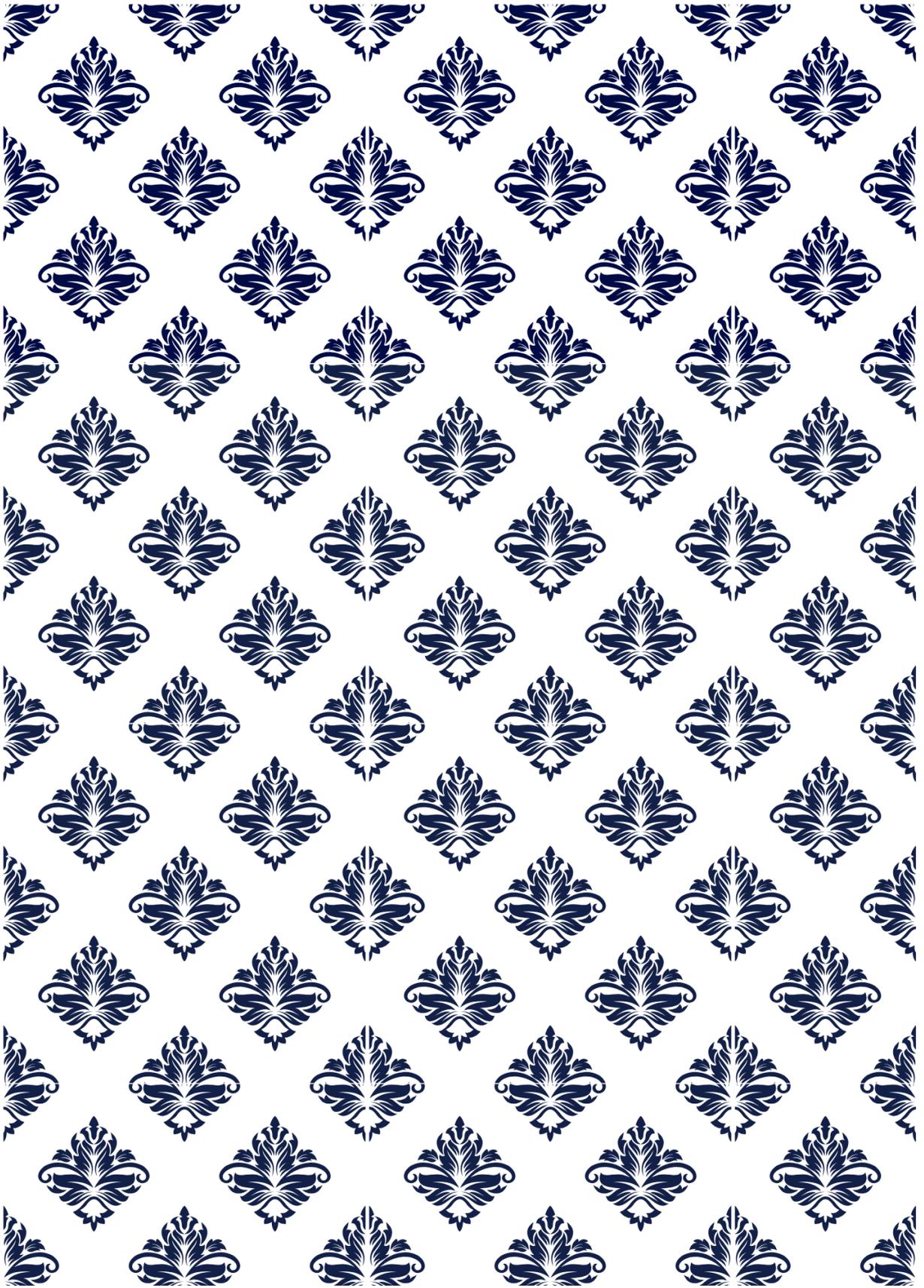


2

Roupas semi-interiores:

Temos o *cos* e as *faldetas/faldillas*. O primeiro era uma espécie de corpete, quase não aparecia no conjunto final. O segundo era como uma saia longa interior que só poderia ser vista se as outras peças de roupa fossem levantadas e a deixassem à mostra.





3

Calçado:  
Os chapines eram sapatos muito populares entre as mulheres.



4

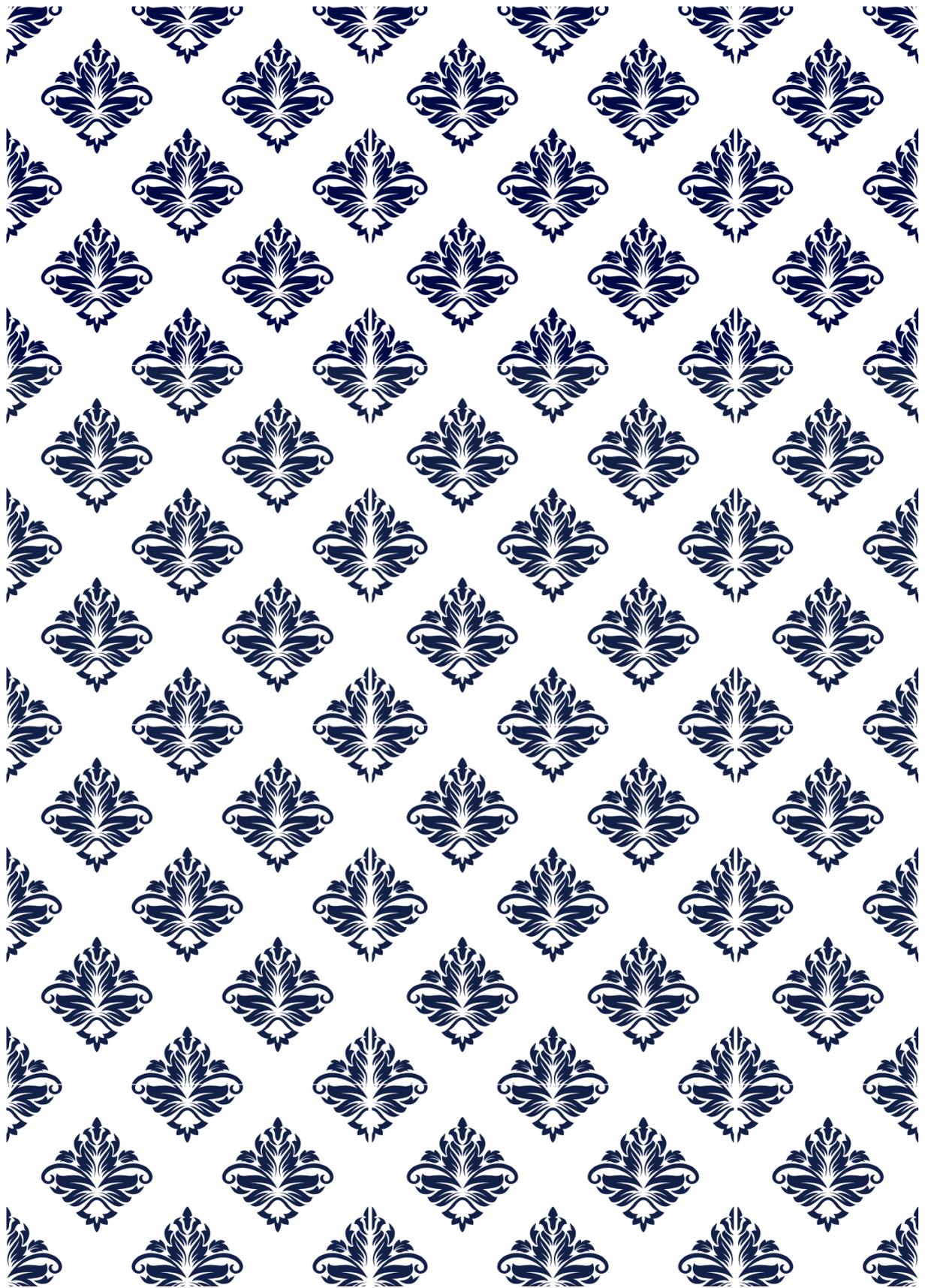
Roupa para vestir o corpo:  
Eram vestidas por cima das semi-internas. Poderiam ser chamadas de *saya*, peças de roupa que cobriam os braços e o corpo, com mangas ajustadas, que poderiam ser removíveis. Quando eram mais luxuosas tinham o nome de *brial*, sendo produzidas com tecidos mais nobres; também era comum que fossem adornadas com pedras preciosas. Elas podiam se arrastar pelo chão e ajustadas com fitas ou botões. No exemplo abaixo temos um *brial* de cetim com verdugos.



5

Tocado:  
Muito utilizado pelas mulheres de Castela, o tranzado consistia em embutir os cabelos em uma longa trança de tecido.

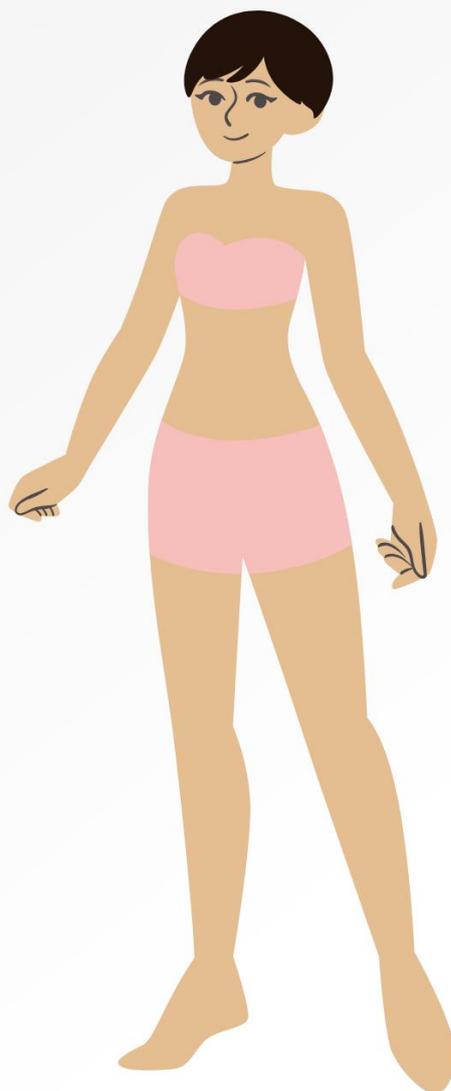






## NÃO RECORTE ESSE PÁGINA!

Vamos ajudar a Maria a se caracterizar de acordo com a moda castelhana do século XV. Recorte e cole os itens na personagem para ver o resultado final.



**DICA:** Passe cola apenas na parte superior das peças de roupas para que você consiga ver todas as camadas de roupas no conjunto final.

# REFERÊNCIAS

## DOCUMENTOS ICONOGRÁFICOS

### Capa da Revista

MADRAZO, Luis de. La reina Isabel I de Castilla (1848). Museo del Prado (Madrid). Disponível em: <https://www.museodelprado.es/coleccion/obra-de-arte/isabel-la-catolica/298746d1-89d6-4458-98cd-dda74ae04eb0?searchMeta=isabel%20la%20cat>. Acesso em 10 dez. 2023.

### Página 10

Figura 1 - Alfonso X, o Sábio. Cantigas del Rey D. Alfonso el Sabio. Manuscrito do século XIII, membrana, 450 x 314 mm. Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze, Banco Rari 20. Pg. 223. Disponível em: <https://archive.org/details/b.-r.-20/page/n221/mode/2up>. Acesso em: 02 jan. 2024.

Figura 2 - NORRIS, H. Philippe Le Bon, Duque da Borgonha, e Isabella de Portugal, 1440-5. 1926. Gravura em livro, placa XXII. In: Medieval Costume and Fashion. 2 ed. Nova Iorque: Dover Publications, Inc, 1999

### Página 11

BOCCACIO, Giovanni, De Claris mulieribus, traduction anonyme en français Livre des femmes nobles et renommées Source: gallica.bnf.fr. Bibliothèque nationale de France, Département des Manuscrits, Français 598, fol. 13r. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b84521932/f37.item>, Acesso 10 jan. 2024.

### Página 13

CRANACH, Lucas the Elder. Adam and Eve. 1525. 136,4 x 80,8 cm. Pintura a óleo sobre painel. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/asset/adam-and-eve-lucas-cranach-the-elder/MAGF51W07qZEHQ>. Acesso em 10 jan. 2024.

### Página 14

MEYDENBACH, Jacob. Os três estados do reino. Xilogravura. In: LICHTENBERG, Johann von. Prognóstico. 1488. Disponível em: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/5d/St%C3%A4ndeordnung.jpg>. Acesso em: 10 jan. 2024.

### Página 15

SEGOVIA, Juan de. La decapitación de san Juan Bautista. 1490 - 1500. Óleo; Témpera. Tabla, 98 cm x 54 cm. Museo Nacional del Prado. Disponível em: <https://www.museodelprado.es/coleccion/obra-de-arte/la-decapitacion-de-san-juan-bautista/1a539971-61dd-45f1-8215-a100c7befe6>. Acesso em 05 ago. 2023.

### Página 16

Figura 1 - BENABARRE, Pedro García de. O Banquete de Herodes, c. 1470. Retábulo de São João Baptista. Museu Nacional D'art de Catalunya, Barcelona. Disponível em: <https://www.museunacional.cat/en/colleccio/herods-banquet/pere-garcia-de-benavarri/064060-000>. Acesso em 10 jan. 2024.

Figura 2 - Par de Chapines. Espanha. 1580-1620. Victoria & Albert Museum. Londres. Disponível em: <https://collections.vam.ac.uk/item/O74595/pair-of-chopines-unknown/>. Acesso em 4 jan. 2024.

### Página 18

Figura 1 - A tentação de Adão e Eva. Miniatura de um saltério (ca. 1270-1280) Cambridge, Saint John's College. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. História das mulheres: A idade Média. Porto: Afrontamento, 1990, p.472.

Figura 2 - ZURBARÁN, Francisco de. Tentación de San Jerónimo. 1640. Óleo sobre tela (235 x 290 cm). Mosteiro de São Jeronimo, Guadalupe, Espanha.

### Página 19

Figura 1 - Collected Works (1407), BL, MS Harley 4431, fol. ?. Andrea Hopkins, Six Medieval Women, p. 108.

Figura 2 - MOLES, Pedro Pascual. Isabel de Villena: História do verdadeiro mosteiro de la SSma. Trinidad, religiosas de Santa Clara. 1761. Litografia. Biblioteca Històrica Universitat de València.

### Página 23

MARCUELLO, Pedro. Los Reyes don Fernando y doña Isabel con la infanta Juana. Rimado de la Conquista de Granada, 1500. Biblioteca Museo Condé, Castillo de Chantilly., Francia.

### Página 24

Anônimo. Isabel I de Castilla.[ 1490]. Óleo sobre tela,( 21 cm x 13,3 cm). Museo del Prado. Disponível em: <https://www.museodelprado.es/coleccion/obra-de-arte/isabel-i-de-castilla/dd9275b0-8d37-46da-9049-22f2ef0791df?searchid=ca479429-3d7b-5c7b-9f16-ad05fe00868b>. Acesso em 25 jan.2024.

### Página 25

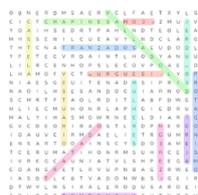
Marcuello, Pedro, Rimado de la Conquista de Granada: [devocionario de la reyna D<sup>a</sup> Juana, a quien llamaron la loca], Madrid, EDILAN, 1995. 2 vol.

### Página 27

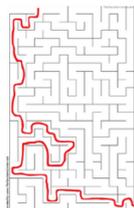
RAXIS, Pedro de. Retrato de Hernando de Talavera. Col. Retratos de los arzobispos de Granada / Arzobispado de Granada. (1615?). Disponível em: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/55/Retrato\\_de\\_Hernando\\_de\\_Talavera\\_%28cropped%29.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/55/Retrato_de_Hernando_de_Talavera_%28cropped%29.jpg). Acesso em 10 jan. 2024.

## RESOLUÇÃO CADERNO DE ATIVIDADES

### Caça- palavras



### Labirinto







Uso exclusivo do  
professor(a)  
2024

## MATERIAL DE APOIO PARA O(A) PROFESSOR(A)

Este material é de uso exclusivo do(a) professor(a). Nele você encontrará algumas possibilidades para o uso da Revista de Moda Medieval em sala de aula.

As possibilidades aqui elaboradas são sugestões. O(A) professor(a) pode utilizar a sua criatividade para explorar outras formas de abordagem do Objeto de Aprendizagem.

### 1. Iconografia: Analisando a imagem da capa da Revista

A imagem escolhida para a capa é uma representação de uma figura histórica muito relevante no século XV e posteridade. Na seção "A Imagem da Capa", no verso da capa, há um texto que ressalta a presença de alguns símbolos que compõem o quadro, assim como o contexto em que a obra foi produzida. Para esta atividade, o(a) aluno(a) deve realizar a leitura do artigo e, com a intervenção do professor, ser conduzido à análise de alguns aspectos para "ler" a imagem.

Abaixo estão algumas questões que o(a) professor(a) pode fazer para os(as) alunos(as):

1. Quem é a personagem representada na imagem?
2. Quem foi o autor da obra?
3. Em que contexto a obra foi encomendada?
4. Quais são os elementos presentes na obra e qual é o significado simbólico de cada um deles?
5. Como as cores e a composição da vestimenta da personagem foram representadas? Quais valores são transmitidos?

É esperado que o(a) aluno(a) responda:

1. A rainha Isabel I de Castela.
2. O autor da obra foi o pintor espanhol Luis de Madrazo y Kuntz.
3. A obra foi encomendada pela rainha Isabella II, em 1848. Este quadro faz parte de uma tentativa de legitimar visualmente o reinado de Isabella II, evocando a imagem de grandes rainhas medievais da Espanha.
4. Os principais elementos são o "Livro de Horas" e o "cetro". O primeiro representa a importância dada às obrigações religiosas da Rainha e o cetro representa as obrigações para com o reino secular. Além desses símbolos, temos a coroa, que indica a sua posição e seu poder. Há também todos os detalhes de sua rica vestimenta, que demarca a sua posição social.
5. As cores das roupas da Rainha são sóbrias. A Rainha é representada usando um vestido longo, vermelho escuro, com mangas longas, e uma camisa interna. As peças são ricamente adornadas com bordados e pedras preciosas. A sua indumentária também é composta pelo véu e cabelos ocultados. Os valores transmitidos são de sobriedade, modéstia e poder.

## 2. Fatores que contribuíram para o surgimento da moda

Para esta atividade o(a) aluno(a) deve ter lido previamente as páginas de 09 a 11 da Revista.

A intenção é estimular que o(a) aluno(a) perceba que o surgimento da moda não se deu da noite para o dia, mas sim, foi parte de um processo.

Esta atividade pode ser feita de forma escrita ou respondida apenas oralmente.

Algumas mudanças foram decisivas para o surgimento do fenômeno da moda.

Cite cinco fatores que contribuíram para o surgimento da moda.

**É esperado que o(a) aluno(a) responda:**

1. O rompimento com a forma tradicional da vestimenta.
2. A expansão demográfica.
3. O desenvolvimento da vida urbana.
4. O surgimento do tear horizontal, no século XI, que possibilitou a criação de peças de roupas maiores e trouxe a possibilidade de ajustá-las ao corpo.
5. A diferenciação da roupa pelo sexo. Roupas mais justas e curtas para os homens e roupas mais largas e compridas para as mulheres.

## 3. Divisão da sociedade medieval

Para esta atividade o(a) aluno(a) deve ter lido previamente a página 14 da Revista.

A atividade tem como objetivo identificar como alguns religiosos entendiam que as sociedades medievais se organizavam.

Leia o texto e analise a fonte iconográfica presente nesta página.

Responda: Segundo a perspectiva religiosa em quantos grupos a sociedade medieval se dividia e quais eram suas principais obrigações?

**É esperado que o aluno responda:**

Segundo a visão de alguns teóricos religiosos, a sociedade se divide em três ordens que obedeciam a vontade de Deus.  
O Clero era uma ordem formada por aqueles que rezavam e dedicavam sua vida aos trabalhos da fé. A Nobreza era responsável por proteger e guerrear, assim como exercer a justiça, por último os Trabalhadores (camponeses e comerciantes) que deveriam cuidar da subsistência.

## 4. Interpretando o documento

O (A) aluno(a) deve ter lido previamente as páginas 20 e 21. Porém, a atividade é direcionada para o documento presente na página 21.

Peça para o aluno tentar ler o documento presente na página 21. Apesar de estar em uma língua estrangeira, há algumas palavras iguais ao português. Peça para o aluno identificá-las.

Após destacar essas palavras, pergunte aos alunos a quem esse texto se dirige? Quem Hernando de Talavera diz que deveria obedecer?

**É esperado que o(a) aluno(a) responda:**

As palavras são: “obedecer”, “maior”, “governar” e “poder”.

Hernando de Talavera considera que seus súditos devem obediência aos seus superiores, nesse caso especificamente ele se dirige às mulheres de Valladolid que deveriam obediência aos seus superiores.

### 5. Troca de Correspondências

Na página 27 é possível ler uma troca de correspondências entre a Rainha e o seu confessor Hernando de Talavera.

Faça uma leitura prévia das duas cartas e em seguida responda as questões abaixo:

1. Quem escreveu a primeira carta e para quem foi endereçada?
2. O que o Frei reprovou na carta que escreveu para a Rainha Isabel?
3. Qual foi a principal preocupação expressa pelo Frei na carta?
4. Como a Rainha Isabel respondeu às acusações do Frei?
5. De acordo com a Rainha Isabel, quais foram os eventos que realmente ocorreram durante a celebração?

**É esperado que o(a) aluno(a) responda:**

1. O Frei Hernando de Talavera foi o autor da primeira carta endereçada à rainha Isabel de Castela.
2. Na carta, o Frei reprovava os excessos cometidos na festa, o suposto luxo das roupas e a interação entre as damas castelhanas e os cavalheiros franceses no momento da dança.
3. Podemos perceber que uma das principais preocupações do Frei era que a honra e a honestidade do reino castelhano pudessem ficar comprometidas e, portanto, ele considerava que era necessário que a Rainha tentasse se afastar de qualquer ameaça a sua reputação.
4. A Rainha respondeu às acusações do Frei, dizendo que não estava se desculpando, mas que iria explicar a os fatos que aconteceram. A Rainha negou a veracidade das acusações que estava sofrendo e apresentou uma breve explicação do que teria acontecido.
5. Segundo a Rainha, ela não teria dançado durante a festa, e nem ela nem suas damas teriam utilizado roupas novas. Ela explicou que a roupa usada na festa era a mesma que tinha sido utilizada em uma ocasião anterior, em Aragão. A Rainha alegou que teria feito apenas um vestido de seda modesto para aquela ocasião.